

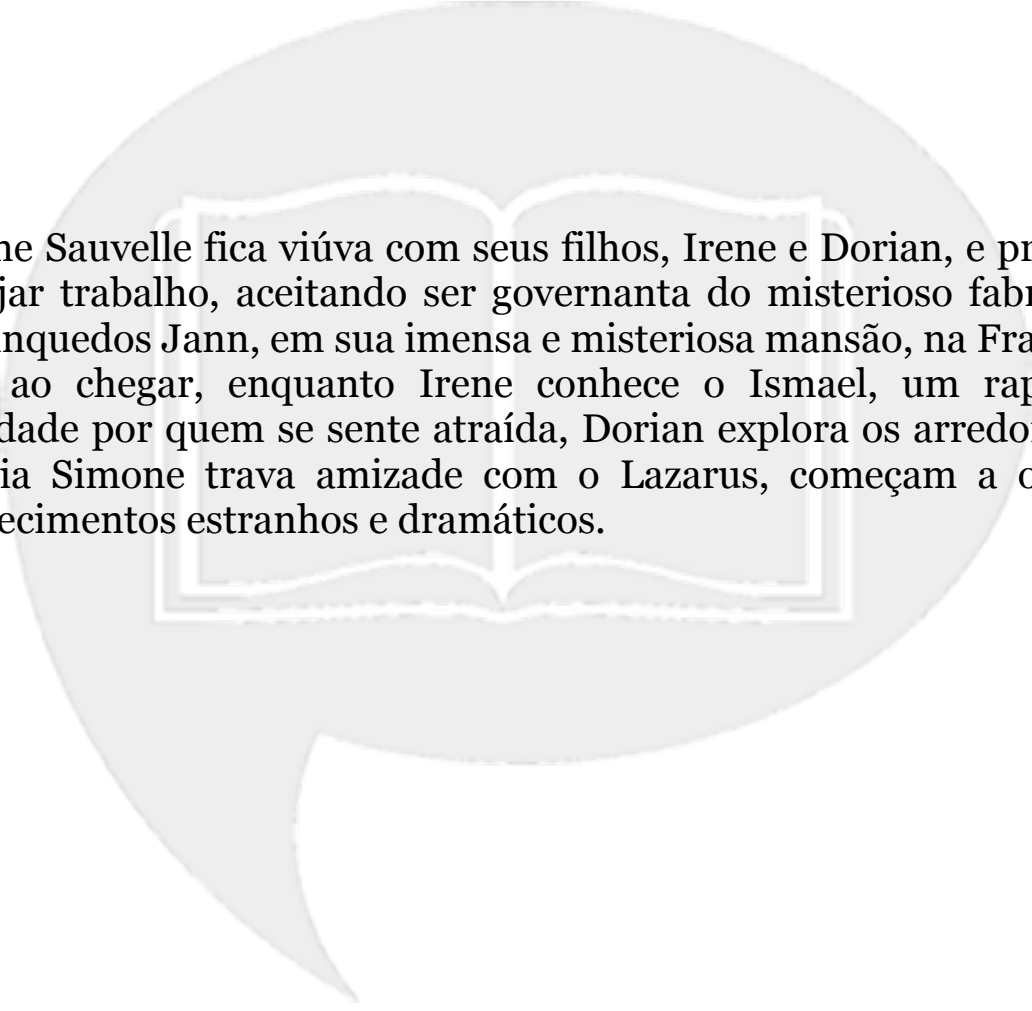


CARLOS RUIZ ZAFÓN

AS LUZES DE SETEMBRO







Simone Sauvelle fica viúva com seus filhos, Irene e Dorian, e precisou arranjar trabalho, aceitando ser governanta do misterioso fabricante de brinquedos Jann, em sua imensa e misteriosa mansão, na França. Logo ao chegar, enquanto Irene conhece o Ismael, um rapaz da localidade por quem se sente atraída, Dorian explora os arredores e a própria Simone trava amizade com o Lazarus, começam a ocorrer acontecimentos estranhos e dramáticos.

Amigo leitor:

Às vezes, os leitores recordam melhor uma obra que seu próprio autor. Recordam seus personagens, seus conflitos, sua linguagem e suas imagens com uma benevolência que desarma o novelista, que começa a esquecer tramas e cenas que escreveu, faz já possivelmente mais anos dos que desejaria. Isso me acontece às vezes com as três primeiras novelas «juvenis» que escrevi e publiquei durante a década de noventa, O Príncipe da Névoa, O Palácio da Meia-noite e esta As Luzes de Setembro que agora sustenta nas mãos. Sempre me pareceu que estes três livros formavam um ciclo de histórias com muitas coisas em comum e que, de algum jeito, tentavam parecer-se com os livros que teria gostado de ler em minha adolescência.

Escrevi As Luzes de Setembro em Los Angeles, entre 1994 e 1995, com a intenção de rematar alguns elementos, que nessa altura não tinha sabido resolver como gostaria, no Príncipe da Névoa. Revisando-a hoje me dou conta de que a novela tem mais elementos de construção cinematográficos que literários, e que para mim sempre estará vinculada às longas horas que passei na companhia de seus personagens, frente a um escritório, que olhava de um terceiro piso no Melrose Avenue, e que via as letras de Hollywood nas colinas.

A novela está concebida como uma história de mistério e aventura para leitores que, como os espectadores da maioria dos filmes que me rondavam a cabeça por então, eram jovens de espírito e, com sorte, também de anos. Nada disso mudou depois de todo este tempo.

O que sim mudou, e já era hora de que assim fosse, é que pela primeira vez desde 1995 esta novela aparece publicada em uma edição digna e em condições de honradez e decoro que infelizmente nunca teve.

Confio que a desfrute, já seja um leitor jovem ou esteja desejando voltar a lê-lo. Eu gosto de pensar que, com sua ajuda, serei capaz de recordar agora melhor esta novela e as duas que a precederam e que

poderei dar-me ao luxo de voltar a viver a aventura de As Luzes de Setembro e daqueles anos em que eu também acreditava ser jovem e as imagens e as palavras pareciam serem capazes de tudo.

Boa leitura e adeus.

Querida Irene:

As luzes de setembro me ensinaram a recordar seus passos desvanecendo-se na maré. Sabia então que o rastro do inverno não demoraria para apagar a miragem do último verão que passamos juntos na Baía Azul. Surpreenderia você comprovar o pouco que mudou depois. A torre do farol segue elevando-se como um sentinela entre as brumas, e a estrada ao longo da Praia do Inglês é apenas um pálido atalho que serpenteia entre a areia e parte nenhuma.

As ruínas do Cravenmoore se insinuam sobre o arvoredo do bosque, silenciosas e envoltas em um manto de escuridão. Nas cada vez menos frequentes ocasiões em que me aventuro pela baía adentro com o veleiro, ainda posso ver os vidros gretados das janelas da ala oeste, brilhando como sinais fantasmagóricos entre a névoa. Às vezes, enfeitiçado pela memória daqueles dias em que sulcávamos a baía de volta ao porto ao cair da tarde, parece-me voltar a ver as luzes piscando na escuridão. Mas sei que já não há ninguém ali. Ninguém.

Perguntar-se-á o que foi feito da Casa do Cabo.

Pois bem, continua ali, isolada, enfrentando o oceano infinito do vértice do cabo. No inverno passado um temporal desmantelou o que restava do pequeno atracadouro da praia. Um rico joalheiro vindo de alguma cidade sem nome se viu tentado a adquiri-la por uma soma irrisória, mas os ventos de poente e o embate das ondas nos escarpados se encarregaram de dissuadi-lo. O salitre tem feito seu estrago na madeira branca. O caminho secreto que conduzia até a lagoa é agora uma selva impenetrável, repleta de arbustos selvagens e ramos caídos.

De tarde em tarde, quando o trabalho no cais me permite, pego na bicicleta e me aproximo do cabo para contemplar o crepúsculo do alpendre suspenso nos escarpados: somente eu e um bando de gaivotas, que parecem ter incumbido-se do papel de novos inquilinos sem passar pelo despacho de notário algum. Dali ainda pode ver-se

como a lua desenha uma grinalda de prata para a Caverna dos Morcegos ao elevar-se sobre o horizonte.

Lembro-me que uma vez lhe falei desta caverna e lhe contei a fabulosa história de um sinistro pirata corsário cujo casco do navio foi engolido pela gruta numa noite de 1746. Menti. Nunca houve nenhum contrabandista nem corsário briguento que se aventurasse nas trevas daquela gruta. Em minha defesa posso dizer que essa foi a única mentira que ouviu de meus lábios. Embora provavelmente soubesse desde o começo.

Esta manhã, enquanto desembarcava um molho de redes presas no recife, aconteceu outra vez. Por um segundo acreditei ver você no alpendre da Casa do Cabo, olhando para o horizonte em silêncio, como você gostava de fazê-lo. Quando as gaivotas elevaram o vôo, comprovei que não havia ninguém ali. Mais à frente, cavalgando sobre as brumas, elevava-se o monte Saint Michel, como uma ilha fugitiva encalhada na maré.

Às vezes penso que todos se foram para algum lugar, longe da Baía Azul e que eu fiquei apanhado no tempo, esperando em vão que a maré púrpura de setembro me devolva algo mais do que lembranças. Não faça caso. O mar tem estas coisas; tudo devolve depois de um tempo, especialmente as lembranças.

Penso que, se não estou enganado, já são cem as cartas que lhe enviei ao último endereço seu que consegui em Paris. Às vezes me pergunto se tem recebido alguma delas, se ainda se lembra de mim e daquele amanhecer na Praia do Inglês. Talvez assim seja, talvez a vida a levou para longe daqui, longe de todas as lembranças da guerra.

A vida era muito mais singela então, lembra? O que digo? Certamente que não. Começo a pensar que sou só eu, pobre tolo, que ainda vive da lembrança de todos, e cada um daqueles dias de 1937, quando ainda estava aqui, a meu lado...

O Céu Sobre Paris

Quem recorda a noite em que morreu Armand Sauvelle jura que um brilho púrpura atravessou a abóbada do céu, traçando um rastro de cinzas acesas que se perdia no horizonte; um lampejo que sua filha Irene jamais pôde ver, mas que enfeitiçaria seus sonhos por muitos anos.

Era um frio amanhecer de inverno, e os vidros da sala número quatorze do hospital Saint George estavam cobertos por uma fina camada de gelo que desenhava umas aguarelas fantasmagóricas da cidade nas trevas douradas da alvorada.

A chama de Armand Sauvelle se apagou em silêncio, sem apenas um suspiro. Sua esposa Simone e sua filha Irene elevaram o olhar quando os primeiros raios que quebravam a linha da noite riscaram agulhas de luz ao longo da sala do hospital. Dorian, seu filho mais novo, descansava dormindo sobre uma das cadeiras. Um silêncio assustador invadiu a sala. Não foi necessário dizer nenhuma palavra para compreender o que tinha acontecido. Depois de seis meses de sofrimento, o fantasma negro de uma enfermidade cujo nome jamais foi capaz de pronunciar tinha arrancado a vida ao Armand Sauvelle. Sem mais.

Esse foi o princípio do pior ano que recordaria a família Sauvelle.

Armand Sauvelle levou para a sepultura sua magia e sua risada contagiosa, mas suas numerosas dívidas não o acompanharam na última viagem. Logo, uma corte de credores e toda sorte de criaturas carniceiras com título honorífico tiveram o costume de se deixarem cair pela moradia dos Sauvelle, no calçadão de Haussmann. As frias visitas de cortesia legal deram lugar às ameaças veladas. E estas, com o tempo, aos embargos. Colégios de prestígio e roupas de impecável acabamento foram substituídos por empregos a tempo parcial e trajes

mais modestos para Irene e Dorian. Era o início da vertiginosa descida dos Sauvelle ao mundo real. A pior parte da viagem, entretanto, caiu sobre Simone. Retomar seu emprego como professora não bastava para fazer frente à corrente de dívidas que devoravam seus escassos recursos. Em cada recanto aparecia um novo documento que Armand tinha assinado, uma nova assinatura de dívida por pagar, um novo buraco negro sem fundo...

Foi então quando o pequeno Dorian começou a suspeitar que metade da população de Paris se compusesse de advogados e contáveis, uma classe de ratos que habitavam na superfície. Foi também então quando Irene, sem que sua mãe tivesse conhecimento disso, aceitou um emprego num salão de baile. Dançava com os soldados, apenas uns adolescentes assustados, por umas moedas (moedas que, de madrugada, introduzia na caixa que Simone guardava sob a pia da cozinha).

Do mesmo modo, os Sauvelle descobriram que a lista de quem se declarava seus amigos e benfeitores se reduzia como a geada ao amanhecer. Contudo, chegado o verão, Henri Leconte, um antigo amigo do Armand Sauvelle, ofereceu à família a possibilidade de instalar-se no pequeno apartamento situado sobre a loja de artigos de desenho que dirigia no Montparnasse. O preço do aluguel ficava por conta de futuras bonanças e em troca pedia que Dorian o ajudasse como garoto dos recados, porque seus joelhos já não eram o que tinham sido em jovem. Simone nunca teve palavras suficientes para agradecer a bondade do velho monsieur Leconte. O comerciante nunca as pediu. Em um mundo de ratos, tinham tropeçado com um anjo.

Quando os primeiros dias do inverno se insinuaram sobre as ruas, Irene fez quatorze anos, embora lhe pesassem como vinte e quatro. Por um dia, as moedas que ganhou no salão de baile as empregou em comprar um bolo para celebrar seu aniversário com Simone e Dorian. A ausência do Armand pendia sobre todos como uma opressora sombra.

Juntos apagaram as velas do bolo no estreito salão do apartamento do Montparnasse, rogando para que, com as chamas, se extinguísse o espectro da má fortuna que os tinha açoitado durante meses. Por uma vez, seu desejo não foi ignorado. Não sabiam ainda, mas aquele ano de sombras estava chegando ao fim.

Semanas mais tarde, uma luz de esperança se abriu inesperadamente no horizonte da família Sauvelle. Graças às artes de monsieur Leconte e da sua rede de conhecidos, apareceu a promessa de um bom emprego para sua mãe num pequeno povoado da costa, Baía Azul, longe das trevas cinzentas de Paris, longe das tristes lembranças dos últimos dias de Armand Sauvelle. Ao que parece, um endinheirado inventor e fabricante de brinquedos, chamado Lazarus Jann, necessitava de uma governanta que tomasse a seu cargo, o cuidado de sua palaciana residência no bosque do Cravenmoore.

O inventor vivia na imensa mansão, contígua a sua velha fábrica de brinquedos, já fechada, com a única companhia de sua esposa Alexandra, gravemente doente e prostrada num aposento da grande casa fazia vinte anos. O pagamento era generoso e, além disso, Lazarus Jann lhes oferecia a possibilidade de se instalarem na Casa do Cabo, uma modesta residência construída sobre os escarpados no vértice do cabo, do outro lado do bosque do Cravenmoore.

Em meados de junho de 1937, monsieur Leconte se despediu da família Sauvelle na plataforma seis da estação do Austerlitz. Simone e seus dois filhos subiram a bordo de um trem que iria levá-los rumo à costa da Normandia.

Enquanto o velho Leconte observava como se perdia o rastro do comboio, sorriu para si e, por um instante, teve o pressentimento de que a história dos Sauvelle, sua verdadeira história, apenas tinha começado.

Geografia e Anatomia

No primeiro dia na Casa do Cabo, Irene e sua mãe tentaram pôr um pouco de ordem no que seria seu novo lar. Dorian, por sua vez, descobriu a sua nova paixão: a geografia ou, mais concretamente, desenhar mapas. Provido com os lápis e um caderno que Henri Leconte lhe tinha oferecido ao partir, o filho menor da Simone Sauvelle se retirou para um pequeno santuário entre os escarpados, uma privilegiada vigia que gozava de uma vista espetacular.

O povoado e seu pequeno cais de pescadores presidiam ao centro da grande baía. Para este se estendia uma praia infinita de areias brancas, um deserto de pérolas frente ao mar, conhecida como a Praia do Inglês. Mais à frente, a ponta do cabo entrava no mar como uma garra afiada. A nova casa dos Sauvelle estava construída sobre seu extremo, que separava Baía Azul do amplo golfo que os aldeãos denominavam Baía Negra, por suas águas escuras e profundas.

Mar dentro, elevando-se por entre a névoa evanescente, Dorian divisava a ilha do farol, a meia milha da costa. A torre do farol se erguia escura e misteriosa, fundindo-se nas brumas. Se voltasse o olhar para terra, Dorian podia ver sua irmã Irene e a sua mãe no alpendre da Casa do Cabo.

Sua nova residência era uma construção de dois pisos de madeira branca, cravada sobre os escarpados: um terraço suspenso no vazio. Depois da casa se elevava a espessura do bosque e, elevando-se sobre as copas das árvores, distinguia-se a majestosa residência do Lazarus Jann, Cravenmoore.

Cravenmoore semelhava-se mais a um castelo, uma invenção catedralícia, produto de uma imaginação extravagante e torturada. Um labirinto de arcos, arcobotantes, torres e cúpulas, semeava seu anguloso teto. A construção respondia a uma planta cruciforme da qual

brotavam diferentes asas. Dorian observou atentamente a sinistra silhueta da morada do Lazarus Jann. Um exército de gárgulas e anjos esculpidos sobre a pedra guardavam o friso da fachada, como bando de espectros petrificados à espera da noite.

Enquanto fechava seu caderno e se dispunha a retornar à Casa do Cabo, Dorian se perguntou que tipo de pessoa escolheria um lugar como aquele para viver. Não demoraria para averiguar-lo: naquela noite estavam convidados para jantar em Cravenmoore. Cortesia de seu novo benfeitor, Lazarus Jann.

O novo quarto de Irene estava orientado para noroeste. Da sua janela podia contemplar a ilha do farol e as manchas de luz que o sol desenhava sobre o oceano, lagoas de prata acesa. Depois de meses fechados no reduzido piso de Paris, desfrutar de um quarto para ela sozinha lhe parecia um luxo quase ofensivo. A possibilidade de fechar a porta e gozar de um espaço reservado a sua intimidade era uma sensação embriagadora.

Enquanto contemplava como o sol poente tingia de cobre o mar, Irene confrontou-se com o dilema de qual indumentária escolheria para seu primeiro jantar com Lazarus Jann. Apenas conservava uma pequena parte do que tinha sido um extenso vestuário. Ante a ideia de serem recebidos na grande casa do Cravenmoore, todos seus vestidos lhe pareciam despojos esfarrapados e vergonhosos. Depois de prová-los, dois únicos vestidos poderiam reunir as condições para semelhante ocasião. Irene se precaveu da existência de um novo problema com o qual não tinha contado.

Desde que tinha completado treze anos, seu corpo parecia empenhado em adquirir volume em determinados lugares e em perdê-lo noutros. Agora, a beira dos quinze e enfrentando-se ao espelho, os caprichos da natureza se tornavam mais evidentes que nunca para Irene. Seu novo perfil curvilíneo não casava com o severo corte de seu poeirento figurino.

Uma grinalda de reflexos escarlates se estendia sobre Baía Azul quando, pouco antes do anoitecer, Simone Sauvelle chamou brandamente em sua porta.

— Entre.

Sua mãe fechou a porta em suas costas e realizou uma rápida radiografia da situação. Todos os vestidos de Irene estavam estendidos sobre a cama. Sua filha, embelezada com uma simples camiseta branca, contemplava da janela as luzes longínquas dos navios no canal. Simone observou o esbelto corpo de Irene e sorriu para si.

— O tempo passa e não nos damos conta, né?

— Não me entra nenhum. Sinto muito. — respondeu Irene — Eu tentei.

Simone se aproximou até a janela e se ajoelhou junto a sua filha. As luzes do povoado no centro da baía desenhavam aquarelas de luz sobre as águas. Por um instante, ambas contemplaram o espetáculo assustador do crepúsculo sobre Baía Azul. Simone acariciou o rosto de sua filha e sorriu.

— Acredito que este lugar nos vá agradar. Você o que diz? — perguntou.

— E nós? Vamos nós gostar dele?

— De Lazarus?

Irene assentiu.

— Somos uma família encantadora. Ele nos adorará. — respondeu Simone.

— Será?

— Certamente, querida.

Irene apontou seu vestuário.

— Ponha um dos meus. — sorriu Simone — Parece-me que lhe servirão melhor que esses.

Irene se ruborizou ligeiramente.

— Exagerada. - recriminou a sua mãe.

— Dê tempo ao tempo.

O olhar que Dorian dedicou a sua irmã quando a viu aparecer ao pé da escada, envolta em um vestido de Simone, teria ganho concursos. Irene cravou seus olhos verdes no Dorian e, elevando um dedo indicador ameaçador, dirigiu-lhe uma velada advertência:

— Nenhuma palavra.

Dorian, mudo, assentiu, incapaz de separar os olhos daquela desconhecida que falava com a mesma voz que sua irmã Irene e possuía seu mesmo rosto. Simone observou seu semblante e reprimiu um sorriso. Logo, com solene seriedade, colocou uma mão sobre o ombro do garoto e se ajoelhou frente a ele para arrumar sua gravata roxa, herança de seu pai.

— Vive rodeado de mulheres, filho. Vá se acostumando.

Dorian assentiu de novo, entre a resignação e o assombro. Quando o relógio da parede anunciou às oito da noite, todos estavam preparados para a grande entrevista e portando seus melhores ornamentos. Pelo resto, morto de medo.

Uma tênue brisa soprava desde mar e agitava a espessura do bosque que rodeava Cravenmoore. O sussurro invisível das folhas acompanhava o eco dos passos de Simone e seus filhos no caminho que atravessava o arvoredo, um verdadeiro túnel esculpido entre uma selva escura e insondável. A pálida tez da lua lutava por atravessar o sudário de sombras que cobria o bosque. As vozes invisíveis dos pássaros que aninhavam nas copas daqueles gigantes centenários formavam uma inquietante ladainha.

— Este lugar me dá calafrios. — falou Irene.

— Tolices. — apressou-se em cortar sua mãe — É simplesmente um bosque. Vamos andando.

Dorian contemplava em silêncio as sombras da floresta desde sua posição de retaguarda. A escuridão criava sinistras silhuetas e catapultava sua imaginação a descobrir dúzias de criaturas diabólicas à

espreita.

— À luz do dia tudo isto não são mais do que moitas e árvores. — matizou Simone Sauvelle, pulverizando o feitiço fugaz com que Dorian se estava deleitando.

Uns minutos mais tarde, depois de uma travessia noturna que a Irene parecia interminável, a imponente e angulosa silhueta do Cravenmoore se elevou frente a eles como um castelo de lendas que emergia na névoa. Halos de luz dourada piscavam atrás das grandes janelas da imensa residência do Lazarus Jann. Um bosque de gárgulas se recortava contra o céu. Mais à frente podia distinguir-se a fábrica de brinquedos, um anexo da mansão.

Atravessada a soleira da floresta, Simone e seus filhos se detiveram para contemplar a assustadora imensidão da residência do fabricante de brinquedos. Nesse momento, um pássaro semelhante a um corvo emergiu da mata, batendo as asas, e riscou uma curiosa trajetória sobre o jardim que rodeava Cravenmoore. A ave voou em círculos sobre uma das fontes de pedra e foi pousar aos pés do Dorian. Ao cessar o bater de suas asas, o corvo se estendeu sobre um de seus flancos e se abandonou ao lento balanço até ficar inerte. O rapaz se ajoelhou e aproximou lentamente sua mão direita do animal.

— Tome cuidado. — percebeu Irene.

Dorian, alheio ao seu conselho, acariciou a plumagem do corvo. O pássaro não deu sinais de vida. O menino o tomou em suas mãos e desdobrou suas asas. Um gesto de perplexidade obscureceu seu rosto. Segundos depois, voltou-se para Irene e Simone:

— É de madeira — murmurou — É uma máquina.

Os três trocaram um olhar em silêncio.

Simone suspirou e pediu a seus filhos:

— Vamos causar uma boa impressão. De acordo?

Eles assentiram. Dorian devolveu o pássaro de madeira ao chão.

Simone Sauvelle sorriu fracamente e, a seu sinal de assentimento, os três entraram na escadaria de mármore branco que serpenteava para o grande portão de bronze, depois do qual se ocultava o mundo secreto do Lazarus Jann.

As portas do Cravenmoore se abriram perante eles sem necessidade de utilizar a estranha aldrava forjada em bronze a imagem e semelhança do rosto de um anjo. Um intenso halo de luz áurea emanava do interior da casa. Uma silhueta imóvel aparecia recortada no feixe de claridade. A figura cobrou vida subitamente inclinando a cabeça, ao tempo que se ouvia um ligeiro estalo mecânico continuado. O rosto aflorou à luz. Olhos sem vida, simples esferas de vidro, enclausurados em uma máscara sem mais expressão que um arrepiante sorriso, contemplavam-nos.

Dorian tragou a saliva. Irene e sua mãe, mais impressionáveis, deram um passo atrás. A figura estendeu uma mão para eles e permaneceu imóvel de novo. — Espero que Christian não os tenha assustado. É uma criação antiga e tosca.

Os Sauvelle se voltaram para a voz que lhes falava perto da escadaria. Um rosto amável, no caminho de uma afortunada maturidade, sorria-lhes não sem certa picardia. Os olhos do homem eram azuis e brilhavam sob um espesso arbusto de cabelos prateados e cuidadosamente penteados. O homem, impecavelmente trajado, com um bastão de ébano policromado, aproximou-se deles e lhes dedicou uma respeitosa reverência.

— Meu nome é Lazarus Jann, e acredito que lhes devo um pedido de desculpas. — disse.

Sua voz era cálida, confortante, uma dessas vozes dotadas de um poder tranquilizador e uma estranha serenidade. Seus grandes olhos azuis observaram atentamente cada um dos membros da família e, finalmente, pousaram-se no rosto da Simone.

— Estava dando meu habitual passeio noturno pelo bosque e me

atrasei. Madame Sauvelle, se não me equivocar ...

— É um prazer, senhor.

— Por favor, me chame Lazarus.

Simone assentiu.

— Esta é minha filha Irene. E este é Dorian, o benjamim da família.

Lazarus Jann estreitou cuidadosamente as mãos de ambos. Seu tato era firme e agradável; seu sorriso, contagioso.

— Bem. Com respeito ao Christian, não devem temê-lo absolutamente. Mantenho-o como uma lembrança de minha primeira época. É lerdo e seu aspecto dista de ser amigável, eu sei.

— É uma máquina? — apressou-se a perguntar Dorian, fascinado.

O olhar de censura da Simone chegou tarde. Lazarus sorriu ao rapaz.

— Poderíamos chamá-lo assim. Tecnicamente, Christian é o que denominamos um autômato.

— Construiu-o, senhor?

— Dorian — recriminou sua mãe.

Lazarus sorriu de novo. Evidentemente, a curiosidade do rapaz não lhe incomodava absolutamente.

— Sim. A ele e a muitos outros. Esse é, melhor dizendo, esse era meu trabalho. Mas acredito que o jantar nos espera. Que tal se discutirmos tudo isto frente a um bom prato e assim vamos nos conhecendo melhor?

O aroma de um delicioso assado chegou até eles como um elixir encantado. Como se uma pedra lhes tivesse lido o pensamento.

Nem o surpreendente recebimento do autômato, nem o assustador aspecto do exterior do Cravenmoore, podiam pressagiar o impacto que o interior da mansão do Lazarus Jann causou nos Sauvelle. Logo que atravessaram a soleira das suas portas, os três se viram inundados por um mundo fantástico que ia muito além do que as suas três imaginações juntas podiam chegar a conceber.

Uma suntuosa escada parecia subir em espiral para o infinito. Elevando a vista, os Sauvelle contemplaram um espaço que conduzia à torre central do Cravenmoore, coroado por uma lanterna mágica que banhava a atmosfera interna da casa com uma luz espectral e evanescente. Por baixo desse manto de claridade fantasmagórica se descobria uma interminável galeria de criaturas mecânicas. Um grande relógio de parede, dotado de olhos e uma careta caricata, sorria aos visitantes. Uma bailarina envolta num véu transparente girava sobre si mesma no centro de uma sala ovalada, onde cada objeto, cada detalhe, formava parte da fauna criada pelo Lazarus Jann.

Os puxadores das portas eram rostos risonhos que piscavam os olhos ao girar. Um grande mocho de magnífica plumagem dilatava suas pupilas de vidro e batia as asas lentamente nas brumas. Dezenas ou possivelmente centenas de miniaturas e brinquedos ocupavam uma imensidão de muros e vitrinas que haveria de levar toda uma vida para explorar. Um pequeno e brincalhão cachorrinho mecânico movia a cauda e ladrava ao passo de um ratinho de metal. Suspenso do teto invisível, um carrossel de fadas, dragões e estrelas dançava no vazio, em torno de um castelo que flutuava entre nuvens de algodão ao som do timbre distante de uma caixa de música...

Em qualquer lugar que dirigissem seu olhar, os Sauvelle descobriam novos prodígios, novos artefatos impossíveis que desafiavam tudo o que tinham visto antes. Debaixo do divertido olhar do Lazarus, os três permaneceram assim, prisioneiros daquele estado de absoluto encantamento, durante minutos.

— É... é maravilhoso! - disse Irene, incapaz de acreditar o quanto seus olhos lhe transmitiam.

— Bem, isto é só o vestíbulo. Mas fico contente que gostem. — concordou Lazarus, guiando-os para o grande salão de jantar do Cravenmoore.

Dorian, desprovido de palavras, contemplava tudo com uns olhos

como pratos. Simone e Irene, não menos impressionadas, faziam o possível por não cair no hipnótico estado de sonho que a casa produzia. A sala onde se servia o jantar estava à altura do que o vestíbulo augurava. Das xícaras até aos talheres, os pratos ou os luxuosos tapetes que cobriam o chão, tudo levava o selo do Lazarus Jann. Nem um só objeto em casa parecia pertencer ao mundo real, cinzento e aborrecidamente normal que tinham deixado para trás ao entrar naquela moradia. Contudo, aos olhos de Irene não escapou o imenso retrato que repousava sobre a chaminé, cujas chamas brotavam das bocas de dragões. Uma dama de beleza deslumbrante trazia um vestido branco. O poder de seu olhar tinha transposto a fronteira entre a realidade e os pincéis do artista. Por uns segundos, Irene se perdeu naquele olhar mágico e embriagador.

— Minha esposa, Alexandra... Quando ainda gozava de boa saúde. Dias maravilhosos; aqueles. — disse a voz do Lazarus em suas costas, envolta em um halo de melancolia e resignação.

O jantar transcorreu agradavelmente à luz das chamas. Lazarus Jann se revelou um excelente anfitrião e logo soube cativar a simpatia do Dorian e Irene com brincadeiras e narrações surpreendentes. No curso da velada lhes explicou que os deliciosos pratos que estavam degustando eram obra da Hannah, uma moça da idade de Irene que trabalhava para ele como cozinheira e donzela. Em poucos minutos, a tensão inicial desapareceu e todos se juntaram à relaxada conversação que o fabricante de brinquedos sabia tecer com uma habilidade imperceptível.

Quando começaram a degustar o segundo prato, o assado de peru especialidade da Hannah, os Sauvelle se sentiam na presença de um velho conhecido. Para sua tranquilidade, Simone percebeu que a corrente de simpatia entre seus filhos e Lazarus era mútua, e que ela mesma não era alheia a seu encanto.

Entre uma anedota e outra, Lazarus lhes facilitou longas explicações a respeito da casa e a natureza das obrigações às quais seu novo emprego os comprometia. Na sexta-feira era a noite livre da Hannah e a passava com sua humilde família na Baía Azul. Mas Lazarus informou que teriam oportunidade de conhecê-la logo retornasse de novo a seu trabalho. Hannah era a única pessoa, sem contar com Lazarus e sua esposa, que vivia no Cravenmoore. Ela os ajudaria a acomodarem-se e resolveria quantas dúvidas tivessem em relação à casa.

Chegadas as sobremesas, um irresistível bolo de framboesas, Lazarus passou a explicar o que esperava deles. Apesar de estar já retirado, seguia trabalhando ocasionalmente na oficina de brinquedos, localizada em uma ala contígua ao Cravenmoore. Tanto a fábrica como os quartos dos pisos superiores estavam vedadas a seu passo. Não deviam entrar nelas sob nenhuma hipótese. Sobre tudo na ala oeste da casa, que albergava os aposentos de sua esposa.

Alexandra Jann padecia, fazia mais de vinte anos, de uma estranha e incurável enfermidade que a obrigava a guardar repouso absoluto na cama. A esposa do Lazarus vivia retirada em seu quarto do terceiro piso na ala oeste, onde só seu marido entrava para atendê-la e lhe proporcionar os cuidados que precisava no seu precário estado. O fabricante de brinquedos lhes contou como sua esposa, então uma jovem cheia de vitalidade e beleza, contraiu a misteriosa enfermidade em uma viagem que realizaram por terras centro-européias.

O vírus, ao que parece incurável, foi apoderando-se dela pouco a pouco. Logo, quase nem podia caminhar ou segurar um objeto nas mãos. No prazo de seis meses, seu estado piorou até convertê-la em uma inválida, um triste reflexo da pessoa com quem se casou, somente uns anos antes. No ano que contraiu a enfermidade, a memória da doente começou a desvanecer-se, e em questão de semanas apenas era capaz de reconhecer seu próprio marido. Logo após deixou de falar

e seu olhar se converteu em um poço sem fundo. Alexandra Jann tinha então vinte e seis anos. Desde esse dia jamais havia tornado a sair do Cravenmoore.

Os Sauvelle escutaram o triste relato do Lazarus em respeitoso silêncio. O fabricante, obviamente consternado pela lembrança e por duas décadas de vida em solidão e dor, quis tirar importância ao feito mudando a conversa para o delicioso bolo da Hannah. A triste amargura de seu olhar, entretanto, não passou despercebida a Irene.

Não lhe custava imaginar a fuga a parte nenhuma de Lazarus Jann. Desprovido daquilo que mais amava, Lazarus se tinha refugiado em seu mundo de fantasia e tinha criado centenas de seres e objetos com os quais encheria a profunda solidão que o rodeava.

Para ouvir as palavras do fabricante de brinquedos, Irene compreendeu que já nunca poderia voltar a ver aquele universo de imaginação transbordante que povoava Cravenmoore como uma espetacular e impactante pirueta do gênio que o tinha criado. Para ela, que tinha aprendido a reconhecer na própria carne o vazio da perda, Cravenmoore não era mais que o escuro reflexo do labirinto de solidão no qual Lazarus Jann tinha vivido nos últimos vinte anos. Cada habitante daquele mundo maravilhoso, cada criação, constituía simplesmente uma lágrima derramada em silêncio.

Finalizado o jantar, Simone Sauvelle tinha muito claras as suas obrigações e responsabilidades na casa. Suas funções eram similares às de uma governanta, um trabalho que pouco tinha que ver com seu emprego original, o de professora, mas que estava disposta a desempenhar tão bem como pudesse para garantir um futuro de bem-estar a seus filhos. Simone fiscalizaria o trabalho da Hannah e dos serventes ocasionais, teria a seu cargo: as tarefas de administração e manutenção da propriedade do Lazarus Jann, o contato com os fornecedores e comerciantes do povoado, a correspondência, as provisões e garantir que nada nem ninguém importunasse o fabricante

em seu desejado retiro do mundo exterior. Igualmente, seu trabalho contemplava a aquisição de livros para a biblioteca do Lazarus. Para tal efeito, seu patrão insinuou claramente que seu passado como educadora tinha sido determinante na hora de escolhê-la entre outras candidatas mais versadas na área do serviço. Lazarus insistiu em que este encargo era um dos mais importantes de sua posição.

Em troca destas tarefas, Simone e seus filhos podiam ocupar a Casa do Cabo e gozar de um salário mais que razoável. Lazarus ficaria responsável pelos gastos escolares de Irene e Dorian para o próximo curso, depois do verão. Igualmente, comprometia-se a pagar os estudos universitários de ambos, se os jovens apresentassem aptidões e vontade para isso. Irene e Dorian, por sua parte, podiam colaborar com sua mãe nas tarefas que ela lhes atribuísse na casa, sempre e quando respeitassem as regras de ouro: não transpor os limites especificados por seu proprietário.

Tendo em conta os meses anteriores, de dívidas e miséria, a oferta do Lazarus parecia a Simone Sauvelle uma bênção do céu, Baía Azul era um cenário paradisíaco para começar uma nova vida com seus filhos, O emprego era mais que desejável, e Lazarus oferecia todos os indícios de ser um patrão magnânimo e bondoso. Mais cedo ou mais tarde, a sorte tinha que lhes sorrir. O destino tinha querido que fosse nesse lugar afastado, e pela primeira vez, em muito tempo, Simone estava disposta a seguir seus intuitos com agrado. É mais, se seu instinto não a enganava, e não estava acostumado a fazê-lo, adivinhava-se uma sincera corrente de simpatia para ela e sua família. Não lhe custava supor que sua companhia e sua presença no Cravenmoore podiam constituir um bálsamo para aliviar a imensa solidão que parecia rodear seu proprietário.

O jantar finalizou com uma xícara de café e a promessa do Lazarus de que, algum dia, iniciaria o, absolutamente cativado, Dorian nos

mistérios da construção de autômatos.

Os olhos do rapaz se acenderam de ilusão perante a oferta e, por um breve instante, os olhares de Lazarus e Simone se encontraram de maneira fugaz na contraluz das velas.

Simone reconheceu neles o rastro de anos de solidão, uma sombra que conhecia bem. Navios à deriva que se cruzam na noite. O fabricante de brinquedos entreabriu os olhos e se levantou em silêncio, assinalando o fim do jantar.

Logo os guiou até a porta principal, detendo-se brevemente para explicar algum dos prodígios que povoavam o caminho. Dorian e Irene assistiam boquiabertos a quantos detalhes ele lhes revelava. Cravenmoore albergava suficientes maravilhas para iluminar cem anos de assombro. Pouco antes de entrar no vestíbulo que conduzia à porta, Lazarus se deteve ante, o que aparentava ser, um complexo mecanismo de espelhos e lentes, e dirigiu um olhar enigmático a Dorian. Sem dizer palavra, introduziu o braço entre um corredor de espelhos.

Lentamente, o reflexo de sua mão se desvaneceu até fazer-se invisível. Lazarus sorriu.

— Não deve acreditar tudo aquilo que vê. A imagem da realidade, que nos brindam os nossos olhos, é só uma ilusão, um efeito óptico. — disse — A luz é uma grande mentirosa. Me dê sua mão.

Dorian seguiu as instruções do fabricante de brinquedos e deixou que este a guiasse pelo corredor de espelhos. A imagem de sua mão se desintegrou ante seus próprios olhos. Dorian, com uma interrogação muda no olhar, voltou-se para o Lazarus.

— Conhece as leis da óptica e da luz? — perguntou o homem.

Dorian negou com a cabeça. Nesse momento não sabia nem onde tinha sua mão direita.

— A magia é somente uma extensão da física. Que tal se dá com a matemática?

— Exceto a trigonometria, assim, assim...

Lazarus sorriu.

— Por aí começaremos. A fantasia são números, Dorian. Esse é o truque.

O rapaz assentiu, sem saber muito bem do que estava falando Lazarus. Finalmente, este indicou a porta e os acompanhou até a soleira, foi então quando, quase por acaso, Darian acreditou ver o impossível. Ao passar frente a uma das lâmpadas pestanejantes, as silhuetas que projetavam seus corpos se desenharam sobre os muros. Todas menos uma: a do Lazarus, cujo rastro na parede era invisível, como se sua presença não fosse mais que uma miragem.

Quando se voltou, Lazarus o observava atentamente. O menino engoliu saliva. O fabricante de brinquedos lhe beliscou carinhosamente a bochecha, zombador. — Não acredite em tudo o que seus olhos veem... — e Dorian seguiu a sua mãe e sua irmã para o exterior.

— Obrigado por tudo e boa noite. — concluiu Simone.

— Foi um prazer. E não é um cumprimento. — disse Lazarus cordialmente; sorriu-lhes amavelmente e elevou a mão em sinal de despedida.

Os Sauvelle entraram no bosque pouco antes da meia-noite, de volta à Casa do Cabo.

Dorian, silencioso, permanecia ainda sob os efeitos da prodigiosa residência de Lazarus Jann.

Irene andava perdida em seus próprios pensamentos, longe do mundo. E Simone, por sua vez, respirou tranquila e deu graças a Deus pelo que a sorte lhes tinha enviado.

Justo antes que a silhueta do Cravenmoore se perdesse nas suas costas, Simone se voltou para contemplá-la uma última vez. Uma só janela permanecia iluminada no segundo piso da ala oeste. Uma figura se erguia imóvel por detrás dos cortinados. Nesse preciso momento, a luz se extinguiu e a ampla janela se inundou nas sombras.

De volta ao seu quarto, Irene tirou o vestido que sua mãe lhe tinha

emprestado e o pendurou cuidadosamente sobre a cadeira. As vozes da Simone e Dorian se ouviam no aposento contíguo. A jovem apagou a luz e se estendeu sobre o leito. Sombras azuis dançavam sobre o céu limpo como um rodeio de espectros saltitantes na aurora boreal. O sussurro das ondas rompendo nos escarpados, acariciava o silêncio. Irene fechou os olhos e tratou de conciliar o sono, em vão.

Era difícil aceitar que desde aquela noite não voltaria a ver seu velho piso de Paris, nem teria que retornar ao salão de baile para ganhar as poucas moedas que aqueles soldados levavam consigo. Sabia que as sombras da grande cidade não podiam alcançá-la ali, mas o rastro da lembrança não conhecia fronteiras. Levantou-se de novo e se aproximou da janela, a torre do farol se elevava nas trevas. Concentrou a vista na ilha entre as brumas incandescentes. Um reflexo fugaz pareceu brilhar, como o piscar de um espelho na distância.

Segundos depois, o reflexo brilhou de novo para desvanecer-se definitivamente. Irene franziu o cenho e percebeu a presença de sua mãe em baixo, no alpendre. Simone, envolta em um grosso pulôver, contemplava o mar, em silêncio. Sem necessidade de ver seu rosto na escuridão, Irene soube que estava chorando e que ambas demorariam para conciliar o sono. Naquela primeira noite, na Casa do Cabo, depois daquele primeiro passo, para o que parecia um horizonte de felicidade, a ausência do Armand Sauvelle se fazia sentir, mais dolorosa que nunca.

Baía Azul

De todos os amanheceres de sua vida, nenhum teria parecido mais luminoso a Irene que aquele 22 de junho de 1937. O mar resplandecia como um manto de diamantes sob um céu, cuja transparência jamais teria acreditado ser possível, durante os anos que tinha vivido na cidade. Desde sua janela, a ilha do farol podia contemplar-se agora com toda clareza, assim como às pequenas rochas que emergiam no centro da baía, como a crista de um dragão submarino. A ordenada fileira de casas na rua do povoado, além da Praia do Inglês, desenhava uma aquarela dançante entre a calma que subia do cais de pescadores. Se entreabrisse os olhos, podia ver o paraíso segundo Claude Monet, o pintor predileto de seu pai.

Irene abriu a janela de lado a lado e deixou que a brisa do mar, impregnada do aroma a salitre, enchesse a habitação. O bando de gaivotas que aninhava nos escarpados se voltou para observá-la com certa curiosidade. Novos vizinhos. Não muito longe delas, Irene percebeu que Dorian já estava instalado em seu refúgio favorito, entre as rochas, catalogando miragens, no mundo da lua... , ou concentrado no que fazia em suas solitárias excursões.

Andava Irene atarefada em decidir que roupa havia de escolher para sair e desfrutar daquele dia roubado de algum sonho, quando uma voz desconhecida, acelerada e zombadora chegou a seus ouvidos do piso inferior. Dois segundos de atenta escuta revelaram o timbre calmo e temperado de sua mãe conversando ou, melhor dizendo, tentando colocar monossílabos entre as escassas frestas que sua interlocutora deixava escapar.

Enquanto se vestia, Irene tentou adivinhar o aspecto daquela pessoa através de sua voz. Desde pequena, este tinha sido um de seus passatempos prediletos. Escutar uma voz com os olhos fechados e tratar

de imaginar a quem pertencia: determinar sua estatura, seu peso, seu rosto, seu caráter ...

Desta vez seu instinto desenhava uma moça, de pouca estatura, nervosa e saltitante, morena e provavelmente de olhos escuros. Com tal retrato em mente, decidiu descer ao piso inferior com dois objetivos: saciar seu apetite matutino com um bom café da manhã e, o mais importante, saciar sua curiosidade em relação à proprietária daquela voz.

Logo que pôs os pés na sala do piso térreo, comprovou que só tinha cometido um engano: os cabelos da moça eram cor de palha. O resto, acertou em cheio. Assim foi como Irene conheceu a pitoresca e brincalhona Hannah; por puro ouvido.

Simone Sauvelle fez o possível por corresponder com um delicioso café da manhã, pelo jantar que, na noite anterior, Hannah lhes tinha deixado preparado para seu encontro com o Lazarus Jann. A jovem devorava a comida a uma velocidade ainda maior do que empregava ao falar. A corrente de anedotas, intrigas e histórias de todo tipo sobre o povoado e seus habitantes, que debulhava com celeridade, fez com que em poucos minutos de desfrutar de sua companhia Simone e Irene tivessem a sensação de conhecê-la em toda a vida.

Entre uma torrada e outra, Hannah resumiu sua biografia em fascículos acelerados. Completaria os dezesseis em novembro; seus pais tinham uma casa no povoado: ele, pescador, e ela, padeira; com eles vivia também seu primo Ismael, que tinha perdido seus pais anos atrás e que ajudava seu tio, ou seja, seu pai, no barco. Já não ia à escola porque a harpia de Jeanne Brau, reitora do colégio público, tinha-a catalogada como lerda e de poucas luzes. Contudo, Ismael estava a ensinando a ler, e seu conhecimento das contas de multiplicar melhorava de semana para semana. Adorava a cor amarela e colecionava conchas que recolhia na Praia do Inglês. Seu passatempo predileto era escutar séries radiofônicas e assistir aos bailes do verão na

praça principal, quando bandas itinerantes iam ao povoado. Não usava perfume, mas gostava de pintar os lábios...

Escutar a Hannah era uma experiência a meio caminho entre a diversão e o esgotamento. Depois de pulverizar seu café da manhã e tudo o que Irene não pôde acabar dele, Hannah deteve seu discurso por uns segundos. O silêncio que se formou na casa pareceu sobrenatural. Mas durou pouco, é obvio.

— Que tal se dermos um passeio as duas e lhe mostro o povoado?
— perguntou Hannah, subitamente entusiasmada ante a perspectiva de fazer de guia da Baía Azul.

Irene e sua mãe trocaram um olhar.

— Eu adoraria. — respondeu finalmente a jovem.

Um sorriso de orelha a orelha cruzou o rosto da Hannah.

— Não se preocupe, madame Sauvelle. A devolverei sã e salva.

Deste modo, Irene e sua nova amiga saíram disparadas pela porta rumo à Praia do Inglês, enquanto a calma retornava lentamente à Casa do Cabo. Simone tomou sua xícara de café e saiu ao alpendre para saborear a tranquilidade daquela manhã. Dorian a saudou dos escarpados.

Simone lhe devolveu a saudação. Curioso rapaz. Sempre sozinho. Não parecia interessado em fazer amigos ou não sabia como fazê-los. Perdido em seu mundo e seus cadernos, só o céu sabia que pensamentos ocupavam sua mente. Bebendo seu café, Simone jogou uma última olhada a Hannah e sua filha a caminho do povoado. Hannah seguia tagarelando incansavelmente. Uns com tanto e outros com tão pouco.

A educação da família Sauvelle nos mistérios e nas sutilezas da vida num pequeno povoado costeiro ocupou a maior parte daquele primeiro mês de julho em Baía Azul. A primeira fase, de choque cultural e desconcerto, durou uma longa semana. Durante esses dias, a família

descobriu que, à exceção do sistema métrico decimal, os usos, normas e peculiaridades da Baía Azul não tinham nada que ver com os de Paris. Em primeiro lugar estava o tema do horário. Em Paris não seria aventuroso afirmar que por cada mil habitantes podiam encontrar-se outros tantos milhares de relógios, tiranos que organizavam a vida com capricho militar. Em Baía Azul, entretanto, não havia mais hora que a do sol. Nem mais carros que o do doutor Giraud, o da delegacia e o do Lazarus. Nem mais... A sucessão de contrastes era infinita. E no fundo, as diferenças não radicavam nos números, mas nos hábitos.

Paris era uma cidade de desconhecidos, um lugar onde era possível viver durante anos sem conhecer o nome da pessoa que vivia no outro lado do corredor. Em Baía Azul, pelo contrário, era impossível espirrar ou arranhar a ponta do nariz sem que o acontecimento tivesse ampla cobertura e repercussão em toda a comunidade. Esse era um povoado onde os resfriados eram notícia e onde as notícias eram mais contagiosas que os resfriados. Não havia jornal local, nem falta que fazia.

Foi missão da Hannah instruí-los na vida, história e milagres da comunidade. A velocidade vertiginosa com que a moça metralhava as palavras conseguiu comprimir em umas quantas sessões repartidas suficiente informação e intrigas para voltar a escrever a enciclopédia do deslocado e do direito. Souberam assim que Laurent Savant, o pároco local, organizava campeonatos de mergulho e corridas de maratona, e que, além de gaguejar em seus sermões sobre a vadiagem e a falta de exercício, tinha percorrido mais milhas em sua bicicleta que Marco Pólo. Souberam também que a câmara de vereadores local se reunia as terças-feiras e as quintas-feiras por volta do meio-dia para discutir os assuntos municipais, durante os que Ernest Dijon, prefeito virtualmente vitalício, cuja idade desafiava a de Matusalém, entretinha-se em beliscar com picardia as almofadas de sua poltrona sob a mesa, com o

convencimento de que explorava a malícia a coxa de Antoinette Fabré, tesoureira da prefeitura e solteira feroz como poucas.

Hannah nos contemplava com uma média de doze histórias deste calibre por minuto. Isto não era alheio ao feito de que sua mãe, Elisabet, trabalhasse na padaria local, que fazia as vezes de agência de informação, serviço de espionagem e gabinete de consultas sentimentais de Baía Azul.

Os Sauvelle não demoraram para compreender que a economia do povoado se decantava para uma versão peculiar do capitalismo parisino. O forno vendia barras de pão, aparentemente, mas a era da informação já tinha começado na alcaverna. Monsieur Safont, o sapateiro, arrumava correias, cremalheiras e solas, mas seu forte e a isca para seus clientes era sua dupla vida como astrólogo e suas cartas astrais...

O esquema se repetia uma e outra vez. A vida parecia tranqüila e singela, mas ao mesmo tempo tinha mais dobras que um vaso bizantino. A chave estava em abandonar-se ao ritmo peculiar do povoado, escutar a sua gente e deixar que elas os guiassem através dos cerimoniais que todo recém-chegado deveria completar, antes de poder afirmar que residia em Baía Azul.

Por isso, cada vez que Simone ia ao povoado recolher o correio e entregar os envios do Lazarus, deixava-se cair na padaria e tomava conhecimento do passado, presente e futuro. As damas de Baía Azul a acolheram de bom grado, e não demoraram para bombardeá-la com perguntas a respeito de seu misterioso patrão. Lazarus levava uma vida retirada e raramente se deixava ver pela Baía Azul. Isto, junto com a corrente de livros que recebia todas as semanas, convertia-o num foco de mistérios sem fim.

— Imagine você, amiga Simone, — confiou-lhe em uma ocasião Pascale Lelouch, a esposa do farmacêutico — um homem sozinho, bom,

virtualmente sozinho..., nessa casa, com todos esses livros...

Simone acostumava assentir sorrindo perante semelhantes desdobramentos de sagacidade, sem dizer uma palavra. Como seu defunto marido havia dito em uma ocasião, não valia a pena perder tempo a tentar mudar o mundo; era bastante evitar que o mundo mudasse um.

Estava também aprendendo a respeitar as extravagantes demandas do Lazarus no que respeita a sua correspondência. O correio pessoal devia ser aberto no dia seguinte de sua recepção e respondido com prontidão. O correio comercial ou oficial devia ser aberto no mesmo dia em que era recebido, mas nunca devia dar-se a resposta antes de uma semana. E, por cima de tudo, qualquer envio procedente de Berlim sob o nome de um tal Daniel Hoffmann devia-lhe ser entregue em pessoa e jamais, sob nenhum conceito, aberto por ela. O porquê de todos estes detalhes não era de sua incumbência, concluiu Simone. Tinha descoberto que gostava de viver naquele lugar e parecia-lhe um ambiente razoavelmente saudável para que seus filhos crescessem longe de Paris. Que dia abrisse as cartas lhe resultava absoluta e gloriosamente indiferente.

Por sua parte, Dorian averiguou que inclusive sua dedicação semiprofissional à cartografia deixava tempo para fazer alguns amigos entre os garotos do povoado. A ninguém parecia importar se sua família era nova ou não; ou se era um bom nadador ou não (não o era, inicialmente, mas seus novos colegas se encarregaram de lhe ensinar a manter-se flutuando). Aprendeu que a petanca era uma ocupação para cidadãos rumo à aposentadoria e que perseguir as garotas era tarefa de adolescentes petulantes e devorados por febres hormonais que atacavam a cútis e o senso comum. Na sua idade, aparentemente, o que cada um fazia era brincar de correr em bicicleta, fantasiar e observar o mundo, à espera de que o mundo começasse a observar a cada um. E os domingos pela tarde, cinema. Foi assim que Dorian descobriu um

novo amor inconfessável, ao seu lado a cartografia empalidecia como uma ciência de pergaminhos roídos: Greta Garbo. Uma criatura divina, cuja menção na mesa à hora de comer bastava para lhe tirar o apetite, apesar de no fundo ser uma anciã de... trinta anos.

Enquanto Dorian se debatia na dúvida, se sua fascinação por uma mulher à beira da velhice podia apresentar reflexos de perversidade, Irene era quem, mais do que algum deles, recebia o impacto frontal da Hannah em toda sua envergadura. A lista de jovens sem compromisso e de companhia desejável estava na ordem do dia. A idéia da Hannah era que, se passados quinze dias no povoado Irene não comesse a paquerar com algum deles languidamente, os rapazes começariam a tomá-la por um inseto estranho. A própria Hannah era a primeira em admitir que, embora no capítulo de bíceps o pôster de figuras cumpria um aprovado digno, no que se refere ao cérebro a partilha divina tinha sido escassa e estritamente funcional. Pretendentes e moscas azuis, em qualquer caso, não lhe faltavam, o que provocava a sã inveja de sua amiga.

— Minha filha, se eu tivesse o mesmo êxito que você, a esta altura já seria Mata-Hari. — dizia Hannah.

Irene, dirigindo um olhar à matilha de pretendentes, sorria timidamente.

— Não estou segura de que goste de... Parecem um pouco tolos...

— Tolos? — estalava Hannah ante aquele esbanjamento de oportunidades. — Se quer ouvir algo interessante, vá ao cinema ou agarre um livro!

— Pensarei nisso. — riu Irene.

Hannah sacudia a cabeça.

— Acabará como meu primo Ismael. — sentenciava então.

Ismael era seu primo, tinha dezesseis anos e, tal como tinha contado Hannah, criou-se com sua família após a morte de seus pais. Trabalhava como marinheiro no navio de seu tio, mas suas verdadeiras

paixões pareciam ser a solidão e seu veleiro, um esquife que tinha construído com suas próprias mãos e que tinha batizado com um nome que Hannah jamais conseguia recordar.

— Algo grego, acredito. Ufff!

— E onde está agora? — perguntou Irene.

— No mar. Os meses de verão são bons para os pescadores que se aventuram em expedições no alto mar. Papai e ele estão no Estelle. Não voltam até agosto. — explicou Hannah.

— Deve ser triste. Ter que passar tanto tempo no mar, separados... Hannah se encolheu os ombros.

— Temos que ganhar a vida...

— Você não gosta muito trabalhar em Cravenmoore, certo? — insinuou Irene.

Sua amiga a observou com certa surpresa.

— Não é assunto meu..., claro — retificou Irene.

— Não me incomoda a pergunta. — disse Hannah sorrindo. — A verdade é que eu não gosto muito, não.

— Pelo Lazarus?

— Não. Lazarus é amável e foi muito bom conosco. Quando papai teve o acidente das hélices, faz anos, foi ele quem pagou a operação. Se não fosse pelo Lazarus ...

— Então?...

— Não sei. É esse lugar. As máquinas... Está cheio de máquinas que nos olham a todo momento.

— São só brinquedos.

— Experimente dormir uma noite ali. Assim que fecha os olhos, tic-tac, tic- tac ...

Ambas se olharam.

— Tic-tac, tic-tac...? — repetiu Irene. Hannah lhe dedicou um sorriso sarcástico.

— Eu serei uma cavernarde, mas você vai caminho de ser uma

solteirona.

— Eu adoro solteironas. — replicou Irene.

Deste modo, quase sem notarem, um dia após outro desfilou pelo calendário e, antes que pudessem dar-se conta, agosto entrou pela porta. Com ele, chegaram também as primeiras chuvas do verão, tormentas passageiras que apenas duravam algumas horas. Simone, ocupada em seus novos trabalhos domésticos. Irene, acostumando-se à vida com a Hannah. E Dorian, para que falar, aprendendo a mergulhar enquanto riscava mapas imaginários da geografia secreta da Greta Garbo.

Um dia qualquer, um desses dias de agosto em que a chuva da noite anterior tinha esculpido nas nuvens castelos de algodão sobre uma lâmina de azul resplandecente, Hannah e Irene decidiram ir dar um passeio pela Praia do Inglês. Cumpria-se um mês e meio da chegada dos Sauvelle a Baía Azul. E quando parecia que já não havia lugar para as surpresas, estas estavam ainda por começar.

A luz do meio-dia revelava um rastro de pegadas ao longo da linha da maré, encaixes numa lâmina branca; sobre o mar, os mastros longínquos do porto piscavam como miragens.

No meio de uma imensidão branca de areia fina como o pó, Irene e Hannah descansavam na margem sobre os restos de um antigo bote virado, rodeadas por um bando de pequenos pássaros azuis que pareciam aninhar-se ente as néveas dunas da praia.

— Por que a chamam a Praia do Inglês? — perguntou Irene, contemplando a extensão desolada que mediava entre o povoado e o cabo.

— Aqui viveu, durante anos, um velho pintor inglês, numa cabana. O pobre tinha mais dívidas que pincéis. Dava de presente quadros às pessoas do povoado em troca de comida e roupa. Morreu faz três anos. Enterraram-no aqui, na praia onde tinha passado toda sua vida. —

explicou Hannah.

— Se me deixassem escolher, também eu gostaria que me enterrassem em um lugar como este.

— Alegres pensamentos. — brincou Hannah, não sem uma certa recriminação.

— Mas não tenho pressa. — particularizou Irene, ao mesmo tempo que seu olhar reparava na presença de um pequeno veleiro que sulcava a baía, a uma centena de metros da costa.

— Ufff... — murmurou sua amiga. — Aí está: o marinheiro solitário. Não foi capaz nem de esperar um dia para pegar seu veleiro.

— Quem?

— Meu pai e meu primo chegaram ontem de barco. — explicou Hannah — Meu pai ainda está dormindo, mas esse... Não tem cura.

Irene observou o mar e observou o veleiro sulcando a baía.

— É meu primo Ismael. Passa metade da vida nesse veleiro, pelo menos quando não trabalha com meu pai no cais. Mas é um bom menino... Vê esta medalha?

Hannah lhe mostrou uma preciosa medalha que pendia de seu pescoço numa corrente de ouro: um sol afundando no mar.

— É um presente do Ismael...

— É preciosa — disse Irene, observando detalhadamente a peça.

Hannah se levantou e proferiu um alarido que fez com que o bando de pássaros azuis se catapultasse para o outro extremo da praia. Pouco depois, a tênue figura ao leme do veleiro saudou, e a embarcação pôs a proa para a praia.

— Sobre tudo, não lhe pergunte pelo veleiro. — percebeu Hannah — E se for ele quem começar, não lhe pergunte como o fez. Pode estar horas falando disso sem parar.

— É coisa de família...

Hannah lhe dedicou um olhar furioso. — Acredito que abandonarei você aqui na praia, a mercê dos caranguejos.

— Sinto muito.

— Aceito. Mas se eu pareço faladora, espere para conhecer minha madrinha. O resto da família parece mudo a seu lado.

— Certamente que eu adorarei conhecê-la.

— Tá. — replicou Hannah, incapaz de reprimir sua expressão maliciosa.

O veleiro do Ismael cortou a linha do escolho e a quilha do bote, e entrou na areia como uma lâmina. O jovem se apressou a afrouxar o aparelho e arriou a vela até a base do mastro em apenas uns segundos. Prática, evidentemente, não lhe faltava. Logo que saltou a terra firme, Ismael dedicou a Irene um involuntário olhar dos pés a cabeça, cuja eloquência não desmerecia de suas artes navegatorias. Hannah, de olhos virados e meia língua de fora, com gesto zombador, apressou-se a fazer as apresentações; a seu modo, naturalmente.

— Ismael, esta é minha amiga Irene, — anunciou amavelmente — mas não faz falta que você a coma.

O rapaz deu uma cotovelada a sua prima e estendeu a mão a Irene:

— Olá...

Sua direta saudação ia unida a um sorriso tímido e sincero. Irene estreitou sua mão.

— Tranqüila, não é tolo; é sua maneira de dizer que está encantado e tudo isso. — matizou Hannah.

— Minha prima fala tanto que às vezes acredito que vai gastar o dicionário. — brincou Ismael — Suponho que já comentou que você não deve me perguntar pelo veleiro...

— O certo é que não. — respondeu cautelosamente Irene.

— Já. Hannah pensa que esse é o único tema de que sei falar.

— As redes e os materiais tampouco lhe dão mal, mas onde esteja o veleiro, primo, água fresca.

Irene assistiu divertida ao duelo de alfinetes com que ambos

sentiam prazer em batalhar. Não parecia haver malícia nisso ou, pelo menos, nem mais nem menos que a necessária para acrescentar um pingo de pimenta à rotina.

— Pelo que entendi vocês instalaram-se na Casa do Cabo. — disse Ismael.

Irene se concentrou no rapaz e realizou seu próprio retrato. Uns dezesseis anos, efetivamente; sua pele e seus cabelos acusavam o tempo que tinha passado no mar. Sua constituição revelava o duro trabalho no cais, e seus braços e suas mãos estavam estampados com pequenas cicatrizes, pouco habituais nos rapazes parisiños. Uma cicatriz, mais larga e pronunciada, estendia-se ao longo de sua perna direita, desde pouco mais acima do joelho até ao tornozelo. Irene se perguntou onde teria conseguido semelhante troféu. Por último, reparou em seus olhos, o único rasgo de sua aparência que lhe parecera fora do comum. Grandes e claros, os olhos do Ismael pareciam desenhados para esconder segredos depois de um olhar intenso e vagamente triste. Irene recordava olhadas como aquela nos soldados sem nome com os quais tinha compartilhado três escassos minutos ao compasso de uma banda de quarta categoria, olhadas que ocultavam medo, tristeza ou amargura.

— Querida, está em transe? — interrompeu-a Hannah.

— Estava pensando que se faz tarde. Minha mãe deve estar preocupada.

— Sua mãe estará encantada de que a deixem umas horas em paz, mas cá você... -disse Hannah.

— Posso a aproximar com o veleiro se você quiser. — ofereceu Ismael — A Casa do Cabo tem um pequeno atracadouro entre as rochas.

Irene trocou um olhar inquisitivo com a Hannah.

— Se disser que não, rompe-lhe o coração. Meu primo não convidaria para seu veleiro nem a Greta Garbo.

— Você não vem? — perguntou Irene, um pouco sobressaltada.

— Não subiria a esse casco de ovo nem que me pagassem. Além disso, é meu dia livre e esta noite há dança na praça. Eu se fosse você pensaria. Os bons partidos estão em terra firme. Diz-lhe isso a filha de um pescador. Mas não sei o que digo. Ande, veja. E você, marinheiro, mais vale que minha amiga chegue inteira a porto. Ouviu?

O veleiro, ao que parece, se chamava Kyaneos, conforme rezava a lenda sobre o casco, fez-se ao mar enquanto suas velas brancas se expandiam ao vento e a proa cortava a água rumo ao cabo.

Ismael dirigia tímidos sorrisos à garota entre manobra e manobra, e só tornou a sentar-se junto ao leme quando o bote tinha adquirido um rumo estável sobre a corrente. Irene, obstinada junto à plataforma, deixou que sua pele se impregnasse com as gotas de água que a brisa lançava sobre eles. O vento os empurrava com força e Hannah se transformou em uma diminuta figura que saudava da margem. O vigor com que o veleiro sulcava a baía e o som do mar contra o casco, causaram em Irene a vontade de rir sem motivo aparente.

— Primeira vez? — perguntou Ismael — Num veleiro, quero dizer. Irene assentiu.

— É diferente, não é verdade?

Ela assentiu de novo, sorrindo, sem poder afastar os olhos da grande cicatriz que marcava a perna do Ismael.

— Um congro. — explicou o rapaz — É uma história um pouco longa.

Irene elevou o olhar e contemplou a silhueta do Cravenmoore emergindo entre o topo do bosque.

— O que significa o nome de seu veleiro?

— É grego. Kyaneos: recuam. — respondeu Ismael enigmaticamente.

E como Irene franzira o cenho, sem compreender, continuou:

— Os gregos usavam esta palavra para descrever a cor azul

escura, a cor do mar. Quando Homero fala do mar, compara sua cor com a cor de um vinho escuro. Essa era sua palavra: kyaneos.

— Vejo que sabe falar de algo mais, além de seu bote e das redes.

— Tonto.

— Quem lhe ensinou isso?

— A navegar? Aprendi sozinho.

— Não; sobre os gregos...

— Meu pai era ligado à História. Ainda conservo alguns de seus livros...

Irene guardou silêncio.

— Hannah deve ter-lhe contado que meus pais morreram.

Ela se limitou a assentir. A ilha do farol se elevava a algumas de centenas de metros. Irene contemplou o farol, fascinada.

— O farol está fechado há muitos anos. Agora se usa o do porto de Baía Azul — explicou-lhe.

— Ninguém vai à ilha? — perguntou Irene. Ismael negou com a cabeça.

— Mas como?

— Você gosta das histórias de fantasmas? — ofereceu-lhe como resposta.

— Depende...

— As pessoas do povoado acredita que a ilha do farol está enfeitiçada ou algo assim. Diz-se que uma mulher se afogou ali faz muito tempo. Há quem veja luzes.

Enfim, cada povoado tem seus falatórios, e este não ia ser menos.

— Luzes?

— As luzes de setembro. — disse Ismael enquanto ultrapassavam a ilha a estribordo. — A lenda, se a quer chamar assim, diz que uma noite, nos finais do verão, durante o baile de máscaras do povoado, as pessoas viram como uma mulher mascarada tomava um veleiro no porto e se fazia ao mar. Uns opinam que ia a uma encontro secreto com seu

amante na ilha do farol; outros, que fugia de um crime inconfessável... Já vê, todas as explicações são válidas porque, de fato, ninguém soube realmente quem era. Seu rosto estava escondido por uma máscara. Entretanto, enquanto cruzava a baía, uma terrível tormenta que desabou de improviso arrastou seu bote contra as rochas e o destroçou. A mulher misteriosa e sem rosto se afogou, ou ao menos nunca se encontrou seu corpo. Dias mais tarde, a maré devolveu sua máscara, destroçada pelas rochas. Após o episódio, as pessoas dizem que, durante os últimos dias do verão, ao anoitecer, podem ver-se luzes na ilha...

— O espírito daquela mulher ...

— Ah,ah..., tratando de completar sua viagem inacabada à ilha...

Isso se diz.

— E é certo?

— É uma história de fantasmas. Ou acredita ou não.

— Você acredita? — inquiriu Irene.

— Eu acredito só no que vejo.

— Um marinho cético.

— Algo assim.

Irene dedicou um novo olhar à ilha. As ondas rompiam com força nas rochas. Os vidros gretados na torre do farol refratavam a luz, decompondo-a em um arco íris fantasmagórico que se desvanecia entre a cortina de água que salpicava no escolho.

— Você esteve ali alguma vez? — perguntou.

— Na ilha?

Ismael esticou a exércia do barco e, com um golpe de leme, o veleiro escorou a bombordo, pondo a proa para o cabo e cortando a corrente que vinha do canal.

— A maior gostaria de ir visitar, — propôs — a ilha.

— Pode-se?

— Tudo se pode fazer. É uma questão de atrever-se a isso ou não — respondeu Ismael com um sorriso desafiante.

Irene sustentou seu olhar.

— Quando?

— No próximo sábado. Em meu veleiro.

— Sozinhos?

— Sozinhos. Embora se tiver medo...

— Não tenho medo medo. — atalhou Irene.

— Então, no sábado. Lhe pegarei no atracadouro a meio da manhã.

Irene desviou o olhar para a costa. A Casa do Cabo se elevava nos escarpados. Dorian, do alpendre, observava-os com curiosidade pouco dissimulada.

— Meu irmão Dorian. Se lhe apetecer subir para conhecer minha mãe...

— Não sou bom com as apresentações familiares.

— Outro dia, então.

O veleiro penetrou na pequena baía natural que abrigavam os escarpados, ao pé da Casa do Cabo. Com destreza longamente ensaiada, recolheu a vela e permitiu que a própria inércia da corrente arrastasse o casco até ao atracadouro. Ismael pegou um cabo e saltou a terra para segurar o bote. Uma vez que o veleiro estava seguro, Ismael estendeu sua mão a Irene.

— Por certo, Homero era cego. Como podia ele saber de que cor era o mar? — perguntou a moça.

Ismael tomou sua mão e, com um forte impulso, içou-a até ao atracadouro.

— Uma razão mais para acreditar só no que vê — respondeu o rapaz, segurando ainda sua mão.

As palavras do Lazarus durante a primeira noite no Cravenmoore vieram à mente de Irene. — Às vezes os olhos enganam — falou.

— Não a mim.

— Obrigado pela travessia.

Ismael assentiu, deixando escapar sua mão lentamente.

— Até sábado.

— Até sábado.

Ismael saltou de novo para o veleiro, afrouxou o cabo e permitiu que a corrente o afastasse do atracadouro enquanto içava de novo a vela. O vento o levou até a entrada da baía e, em apenas uns segundos, o Kyaneos entrou na baía cavalgando sobre as ondas.

Irene permaneceu no atracadouro, observando como a vela branca diminuía na imensidão da baía. Em algum momento percebeu que ainda levava o sorriso estampado no rosto e que um formigamento suspeito lhe percorria as mãos. Soube então que aquela ia ser uma semana muito, muito longa.

Segredos e Sombras

Na Baía Azul, o calendário só distinguia duas épocas: verão e o resto do ano. No verão as pessoas do povoado triplicavam seus horários de trabalho, abastecendo as populações costeiras dos arredores que albergavam balneários, turistas e pessoas vindas da cidade em busca de praias, sol e aborrecimento particular. Padeiros, artesãos, alfaiates, carpinteiros, pedreiros e toda sorte de ofícios dependiam dos três meses longos em que o sol sorria na costa da Normandia. Durante essas treze ou quatorze semanas, os habitantes de Baía Azul se transformavam em laboriosas formigas, para poder adormecer tranquilamente o resto do ano como modestas cigarras. E se alguns dias eram especialmente intensos, esses eram os primeiros de agosto, quando a demanda de produto local subia do zero ao infinito.

Uma das poucas exceções a essa regra era Christian Hupert. Ele, como outros patrões de pesqueiros do povoado, sofria o destino da formiga doze meses ao ano. Tais pensamentos cruzavam a mente do experiente pescador todos os verões pelas mesmas datas, enquanto via como o povoado desdobrava velas a seu redor. Era então quando pensava que se tinha equivocado na carreira e que mais sábio teria sido se rompesse a tradição de sete gerações e para estabelecer-se como hoteleiro, comerciante ou o que fosse. Talvez assim, sua filha Hannah não teria que passar a semana servindo no Cravenmoore e talvez assim o pescador conseguisse ver o rosto de sua esposa mais de trinta minutos diários, quinze ao amanhecer, quinze ao anoitecer.

Ismael contemplou seu tio enquanto ambos trabalhavam na reparação da bomba do navio. O rosto pensativo do pescador o denunciava.

— Poderia abrir uma oficina de náutica. — falou Ismael.

Seu tio respondeu com um grasnido ou algo similar. — Ou vender

o navio e investir na loja de monsieur Didier. Faz seis anos que não para de insistir — continuou o rapaz.

Seu tio interrompeu a tarefa e observou a seu sobrinho. Treze anos exercendo o papel de pai, não tinham conseguido apagar o que mais temia e adorava no rapaz: sua obstinada e total semelhança com seu defunto pai, incluída a afeição a opinar quando ninguém lhe tinha pedido conselho.

— Talvez deveria ser você a fazer isso. — replicou Christian — Eu já vou para os cinqüenta. A gente não troca de ofício na minha idade.

— Então, por que se lamenta?

— E quem não se lamenta?

Ismael encolheu os ombros. Ambos se concentraram de novo na bomba. — Está bem. Não direi nenhuma palavra mais. — murmurou Ismael.

— Não teremos essa sorte. Reforce esse tensor.

— Esse tensor não tem remédio. Deveríamos trocar a bomba. Um dia vamos ter um susto.

Hupert ofereceu seu sorriso predileto, reservado aos taxadores do mercado, as autoridades do porto e os pardais de diversas pelagens.

— Esta bomba pertenceu a meu pai. Antes, a meu avô. E antes dele...

— É a isso que me refiro. — atalhou Ismael — Provavelmente faria mais serviço em um museu que aqui.

— Amém.

— Tenho razão. E você sabe.

Fazer rabiar seu tio era, com a possível exceção de navegar em seu veleiro, uma de suas ocupações prediletas.

— Não penso seguir discutindo sobre o tema. Ponto. Fim. Acabou-se.

Se por acaso ficava pouco claro, Hupert rematou sua sentença com uma volta de chave enérgica e decidida.

Subitamente se ouviu um suspeito rangido no interior da bomba. Hupert sorriu ao rapaz. Duas segundos mais tarde, o batente do tensor que acabava de prender saiu catapultado em trajetória parabólica sobre as cabeças de ambos, seguido do que parecia um êmbolo, um jogo completo de porcas e quinquilharia sem identificar. Tio e sobrinho seguiram a evolução da sucata até que aterrissou, com pouca discricção, sobre o convés do casco do navio aolado, o navio do Gerard Picaud. Picaud, um antigo boxeador com a constituição de um touro e o cérebro de um ignorante, examinou as peças e, ato seguido, observou o céu. Hupert e Ismael trocaram um olhar.

— Não acredito que vamos notar a diferença. — sugeriu Ismael.

— Quando quiser sua opinião...

— Irá pedir-me. De acordo. A propósito, perguntava-me se você se importaria que tomasse o próximo sábado livre. Queria fazer alguns reparos no veleiro...

— Esses reparos são, por acaso, loiras, de metro setenta e olhos verdes? — deixou cair Hupert.

O pescador sorriu maliciosamente a seu sobrinho. — As notícias correm rapidamente. — disse Ismael.

— Se de sua prima dependem, voam, querido sobrinho. Qual é o nome da dama?

— Irene.

— Já vejo.

— Não há nada que ver.

— Tempo ao tempo.

— É agradável, isso é tudo.

— «É agradável, isso é tudo» — repetiu Hupert, imitando a voz de fria indiferença de seu sobrinho.

— Melhor esquecê-lo. Não é uma boa idéia. Trabalharei no sábado — cortou Ismael.

— Pois terá que limpar a sentina. Há pescado podre há semanas e

cheira a demônios.

— Perfeito.

Hupert soltou uma gargalhada.

— É tão teimoso como seu pai. Você gosta da garota ou não?

— Pse.

— Comigo não use monossílabos, Romeo. Triplico-lhe a idade. Você gosta ou não?

O rapaz encolheu os ombros. Suas bochechas ardiam como pêssegos amadurecidos. Por fim deixou escapar um murmúrio ininteligível.

— Traduza. — insistiu seu tio.

— Disse que sim. Acredito que sim. Quase nem a conheço.

— Bem. Isso é mais do que eu pude dizer de sua tia a primeira vez que a vi. E ao céu tenho por testemunha que é uma Santa.

— Como era em jovem?

— Não começemos ou você passa o sábado na sentina. — ameaçou Hupert.

Ismael assentiu e começou a recolher as ferramentas de trabalho. Seu tio limpou a graxa das mãos enquanto o observava de soslaio. A última garota pela qual tinha mostrado interesse tinha sido uma tal Laura, a filha de um viajante do Burdeos, e isso fazia quase dois anos. O único amor de seu sobrinho, à margem de sua intimidade impenetrável, parecia ser o mar e a solidão. A garota devia ter algo especial.

— Terei a sentina limpa antes da sexta-feira. — anunciou Ismael.

— É toda sua.

Quando tio e sobrinho saltaram ao cais, de volta a casa ao anoitecer, seu vizinho Picaud seguia examinando as misteriosas peças, tentando determinar se esse verão choveriam parafusos ou se o céu tratava de lhe enviar alguma sinal.

Chegado agosto, os Sauvelle já tinham a sensação de levar vivendo em Baía Azul pelo menos um ano. Quem não os conhecia já

estava informado de suas aventuras graças às artes falantes da Hannah e de sua mãe, Elisabet Hupert. Por um estranho fenômeno, a meio caminho entre o arrasado e a magia, as notícias chegavam à padaria onde esta trabalhava antes que se produzissem. Nem a rádio nem a imprensa podiam competir com o estabelecimento de Elisabet Hupert. Croissants e notícias frescas, do amanhecer ao crepúsculo. De tal modo que, na sexta-feira, os únicos habitantes de Baía Azul que não estavam ao corrente da suposta flechada entre o Ismael Hupert e a recém chegada, Irene Sauvelle, eram os peixes e os próprios interessados. Pouco importava se algo se tinha passado ou se chegaria a passar. A breve travessia da Praia do Inglês à Casa de Cabo no veleiro já tinha passado a fazer parte dos anais daquele verão de 1937.

Realmente, as primeiras semanas de agosto em Baía Azul transcorreram a toda velocidade. Simone tinha conseguido estabelecer finalmente um mapa mental do Cravenmoore. A lista de todas as tarefas urgentes da manutenção da casa era infinita. Apenas empreender o contato com os fornecedores do povoado, esclarecer as contas e a contabilidade, e atender a correspondência do Lazarus bastavam para ocupar todo seu tempo, descontando os minutos que empregava em respirar e dormir. Dorian, armado com uma bicicleta, que Lazarus teve a amabilidade de lhe dar de presente, como obséquio de boas-vindas, converteu-se em sua pomba mensageira e, em questão de dias, o rapaz conhecia o caminho da Praia do Inglês pedra a pedra, buraco a buraco.

Deste modo, todas as manhãs Simone iniciava sua jornada despachando a correspondência que tinha que sair e repartindo meticulosamente a recebida, tal e como Lazarus lhe tinha explicado. Uma pequena nota, apenas uma folha de papel dobrada, permitia-lhe ter à mão um rápido aviso de todas as raridades que Lazarus entranhava. Ainda recordava seu terceiro dia, quando esteve a ponto de abrir acidentalmente uma das cartas enviadas de Berlim pelo tal Daniel

Hoffmann. A memória a resgatou no último segundo.

Os envios do Hoffmann estavam acostumados a chegar a cada nove dias, quase com precisão matemática. Os envelopes de pergaminho apareciam sempre lacrados, com um escudo em forma de «D». Logo, Simone se acostumou a separá-los do resto e ignorou a particularidade do tema. Durante a primeira semana de agosto, entretanto, aconteceu algo que despertou de novo sua curiosidade pela intrigante correspondência do senhor Hoffmann.

Simone tinha ido uma boa manhã ao estúdio do Lazarus para deixar sobre seu escritório uma série de faturas e pagamentos que tinham chegado. Preferia fazê-lo nas primeiras horas do dia, antes que o fabricante de brinquedos fosse ao seu estúdio, para evitar interrompê-lo e importuná-lo mais tarde. O defunto Armand tinha o hábito de começar sua jornada revisando pagamentos e faturas. Enquanto pôde.

O caso é que, aquela manhã, Simone entrou como era habitual no estúdio e percebeu o aroma de tabaco no ar, o que fazia supor que Lazarus havia ficado até tarde na noite anterior. Estava depositando os documentos no escritório quando observou que havia algo no lugar, fumegando entre as brasas da madrugada. Intrigada, aproximou-se até ali e tratou de deslindar com o atizador do que se tratava. A primeira vista, o objeto parecia um maço de papéis atados que o fogo não tinha conseguido devorar por completo. Estava a ponto de abandonar a sala quando, entre as brasas, distinguiu claramente o escudo lacrado sobre o maço de papel. Cartas. Lazarus tinha jogado ao fogo as cartas do Daniel Hoffmann para as destruir. Fosse qual fosse o motivo, pensou Simone, não era assunto dela. Deixou o atizador e saiu do estúdio decidida a não voltar a bisbilhotar nunca mais os assuntos pessoais de seu patrão.

O repico da chuva arranhando nos vidros despertou a Hannah. Era meia-noite. O quarto estava absorvido em trevas azuis e a luz da tormenta longínqua sobre o mar desenhava miragens de sombras a seu redor. O tilinto de um dos relógios falantes do Lazarus soava

mecanicamente da parede, os olhos sobre o rosto sorridente olhando de um lado para o outro sem cessar. Hannah suspirou. Detestava passar a noite no Cravenmoore.

À luz do dia, a casa do Lazarus Jann lhe agradava muito, como um interminável museu de prodígios e maravilhas. Caida a noite, entretanto, as centenas de criaturas mecânicas, os rostos das máscaras e os autômatos se transformavam em uma fauna espectral que jamais dormia, sempre atenta e vigilante nas trevas da casa, sem deixar de sorrir, sem deixar de olhar para nenhuma parte.

Lazarus dormia em um dos quartos da ala oeste, contígua a de sua esposa. À margem deles dois e da própria Hannah, a casa estava unicamente povoada pelas dezenas de criações do fabricante de brinquedos, em cada corredor, em cada aposento. No silêncio da madrugada, Hannah podia ouvir o eco das vísceras mecânicas de todos eles. Às vezes, quando o sono fugia, permanecia durante horas imaginando-os imóveis, com os olhos de vidro brilhando na escuridão.

Apenas tinha fechado as pálpebras de novo quando ouviu pela primeira vez aquele som, um impacto regular amortecido pela chuva. Hannah se levantou e cruzou quarto até a soleira da claridade da janela. A selva de torres, arcos e tetos angulares do Cravenmoore jazia sob o manto da tormenta. Os focinhos lobunos das gárgulas cuspiam rios de água negra para o vazio. Como a aborrecia esse lugar...

O som chegou de novo a seus ouvidos e o olhar da Hannah se pousou sobre a fileira de janelas da ala oeste. O vento parecia ter aberto uma das janelas do segundo piso. Os cortinados ondeavam na chuva e os portinhas golpeavam uma e outra vez. A moça amaldiçoou sua sorte. A só idéia de sair ao corredor e cruzar a casa até a ala oeste lhe gelava o sangue.

Antes que o medo a dissuadissem de seu dever, vestiu uma bata e umas sapatilhas. Não havia luz, assim tomou um dos candelabros e acendeu a chama das velas. Sua piscada acobreada riscou um halo

fantasmagórico a seu redor. Hannah colocou sua mão sobre o frio puxador da porta do quarto e engoliu em seco. Longe, as portinhas daquela habitação escura seguiam golpeando uma e outra vez. Esperando-a.

Fechou a porta de seu quarto atrás de suas costas e enfrentou à fuga infinita do corredor que entrava nas sombras. Elevou o candelabro e penetrou no corredor, flanqueado pelas silhuetas suspensas no vazio dos brinquedos entorpecidos do Lazarus. Hannah concentrou o olhar à sua frente e apressou o passo. O segundo piso albergava muitos dos velhos autômatos do Lazarus, criaturas que se moviam torpemente, cujas facções frequentemente resultavam grotescas e, em ocasiões, ameaçadoras. Quase todos estavam enclausurados em vitrinas de vidro, depois das quais cobravam vida repentinamente, sem aviso, às ordens de algum mecanismo interno que despertava de seu sono mecânico ao azar.

Hannah cruzou frente a Madame Sarou, a adivinha que baralhava entre suas mãos pergaminosas os naipes do tarot, escolhia um e o mostrava ao espectador. Apesar de todos seus esforços, a donzela não pôde evitar olhar a efígie espectral daquela cigana de madeira esculpida. Os olhos da cigana se abriram e suas mãos estenderam um naipe para ela. Hannah engoliu em seco. O naipe mostrava a figura de um diabo vermelho envolto em chamas.

Uns metros mais à frente, o torso do homem da máscara oscilava de um lado a outro. O autômato desfolhava seu rosto invisível uma e outra vez, descobrindo diferentes máscaras. Hannah desviou o olhar e se apressou. Tinha cruzado esse corredor centenas de vezes à luz do dia. Eram somente máquinas sem vida e não mereciam sua atenção; muito menos, seu temor.

Com este pensamento tranquilizador em mente, dobrou o extremo do corredor que conduzia à ala oeste. A pequena orquestra em miniatura do Professor Firetti repousava a um lado do corredor. Por uma

moeda, as figuras da banda interpretavam uma peculiar versão da Marcha Turca do Mozart.

Hannah se deteve frente à última porta do corredor, uma imensa lâmina de madeira de carvalho lavrada. Cada uma das portas do Cravenmoore possuía um relevo distinto, esculpido na madeira, que encenava contos célebres: os irmãos Grimm imortalizados em hieróglifos de marcenaria palaciana. Aos olhos da garota, entretanto, as gravuras eram simplesmente sinistras. Jamais tinha entrado naquele quarto; uma mais entre as numerosas divisões da casa nas quais ela não tinha posto os pés. E não o faria a menos que fosse necessário.

A janela golpeava no outro lado da porta. O fôlego gelado da noite se infiltrava entre as juntas desta, acariciando sua pele. Hannah dirigiu um último olhar ao comprido corredor atrás de suas costas. Os rostos da orquestra observavam as sombras. Ouvia-se claramente o som da água e a chuva, como milhares de pequenas aranhas brincando de correr sobre o telhado do Cravenmoore. A moça inspirou profundamente e, pousando a mão sobre o puxador da porta, penetrou no quarto.

Uma baforada de ar gélido a envolveu, selou a porta em suas costas com violência e extinguiu as chamas das velas. As cortinas de gaze ondeavam impregnadas de chuva como mortalhas ao vento. Hannah entrou uns passos no quarto e se apressou a fechar a janela, segurando o fecho que o vento tinha afrouxado. A moça apalpou o bolso de sua bata com os dedos trementes e extraiu o maço de fósforos para acender de novo a chama das velas. As trevas cobraram vida a seu redor, ante a luz dançante do candelabro. Depois delas, a claridade revelava, o que a seus olhos parecia o quarto de um menino. Um pequeno leito junto a um escritório. Livros e roupas infantis estendidas sobre uma cadeira. Alguns sapatos pulcramente alinhados sob a cama. Um diminuto crucifixo pendente de um dos mastros do leito.

Hannah avançou uns passos. Havia algo estranho, algo

desconcertante que não conseguia descobrir a respeito daqueles objetos e móveis. Seus olhos sondaram de novo o quarto infantil. Não havia meninos no Cravenmoore. Nunca os tinha havido. Que sentido tinha aquela câmara?

Repentinamente, a idéia veio a sua mente. Agora compreendia o que a tinha desconcertado ao princípio. Não era a ordem. Nem o esmero. Era algo tão singelo, tão simples, que resultava difícil inclusive deter-se para pensar nisso. Aquela era o quarto de um menino. Mas faltava algo... Brinquedos. Não havia nem um só brinquedo em toda o quarto.

Hannah elevou o candelabro e descobriu algo mais sobre os muros. Papéis. Recortes. A moça pousou o candelabro sobre a mesa do escritório infantil e se aproximou deles. Um mosaico de velhos recortes e fotografias cobria a parede. O rosto esbranquiçado de uma mulher dominava um retrato; suas feições eram duras, cortadas, e seus olhos negros irradiavam uma aura ameaçadora. O mesmo rosto aparecia em outras imagens. Hannah concentrou seus olhos sobre um retrato da misteriosa dama com um menino nos braços.

Seu olhar percorreu o muro e reparou nos pedaços de velhos periódicos, cujos títulos não pareciam ter nenhuma relação. Notícias a respeito de um terrível incêndio em uma feitoria de Paris e sobre o desaparecimento de um personagem chamado Hoffmann durante a tragédia. O rastro obsessivo daquela presença parecia impregnar toda a coleção de recortes, alinhados como lápides nos muros de um cemitério de memórias e lembranças. E no centro, rodeado por dezenas de outros pedaços ilegíveis, a primeira página de um periódico datado em 1890. Sobre ela, o rosto de um menino. Seus olhos estavam cheios de terror, os olhos de um animal espancado.

A força daquela imagem a golpeou com violência. O olhar daquele rapaz de apenas seis ou sete anos parecia ter sido testemunha de um horror que apenas podia compreender. Hannah sentiu frio, um frio

intenso que irradiava de seu próprio interior.

Seus olhos trataram de decifrar o texto impreciso que rodeava a imagem. «Um menino de oito anos é achado após ter passado sete dias encerrado em um porão, abandonado, na escuridão», lia-se no rodapé da foto. Hannah observou de novo o rosto do pequeno. Havia algo vagamente familiar em suas feições, talvez em seus olhos...

Nesse preciso instante, Hannah acreditou ouvir o eco de uma voz, uma voz que sussurrava em suas costas. Voltou-se, mas não havia ninguém ali. A jovem deixou escapar um suspiro. Os fios vaporosos que emanavam das velas apanhavam no ar milhares de bolinhas de pó e semeavam uma névoa púrpura a seu redor. Aproximou-se até a soleira de uma das janelas e abriu com os dedos uma franja entre a cortina de bafo que velava o vidro. O bosque estava sumido na bruma. As luzes do estúdio do Lazarus, no extremo da ala oeste, estavam acesas, e sua silhueta se podia distinguir recortada entre o quente halo dourado que piscava depois dos cortinados. Uma agulha de luz penetrou através do bafo e estendeu um cabo de claridade ao longo do quarto.

Desta vez, a voz soou de novo, mais clara e próxima. Sussurrava seu nome. Hannah enfrentou o quarto em penumbra e pela primeira vez percebeu o brilho que despedia um pequeno frasco de vidro. O frasco, negro como obsidiana, estava resguardado em um diminuto nicho na parede, envolto em um espectro de reflexos.

A garota se aproximou lentamente até aquele lugar e examinou o frasco. A primeira vista, parecia uma garrafa de perfume, mas jamais tinha visto um exemplar tão belo como aquele, nenhuma talha em vidro tão elaborada como a que exibia o frasco. Uma tampa em forma de prisma desprendia um arco íris a seu redor. Hannah sentiu um desejo irrefreável de tomar aquele objeto em suas mãos e acariciar com seus dedos as linhas perfeitas do vidro.

Com cuidado extremo, rodeou o frasco com as mãos. Pesava mais do que esperava, e o vidro oferecia um tato gelado, quase doloroso ao

contato com a pele. Elevou-o à altura dos olhos e tentou ver o seu interior. Tanto quanto seus olhos puderam advertir era uma negrume impenetrável. Entretanto, a contraluz, Hannah experimentou a ilusão de que algo se movia no interior. Um espesso líquido negro, talvez um perfume...

Seus dedos trementes agarraram a tampa de vidro esculpido. Algo se agitou no interior do frasco. Hannah duvidou um instante. Mas a perfeição daquele objeto parecia prometer a fragrância mais embriagadora que poderia imaginar. Fez girar a tampa lentamente. O negrume no interior do frasco se agitou de novo, mas já não lhe prestava atenção. Finalmente, a tampa cedeu.

Um som indescritível, o uivo do gás escapando a pressão, alagou a estadia. Em apenas um segundo, uma massa de negrume se expandiu no ar da boca do frasco, como uma mancha de tinta em um lago. Hannah sentiu que lhe tremiam as mãos e que aquela voz que lhe sussurrava a envolvia. Quando voltou a olhar o frasco, comprovou que o vidro era transparente e que o que fora que tinha ocupado seu interior se liberou graças a ela. A moça deixou o frasco de novo em seu lugar. Sentiu uma fria corrente de ar percorrendo o quarto, extinguindo as chamas das velas uma a uma. À medida que a escuridão se estendia pela estadia, uma nova presença se fez visível entre o negrume. Uma silhueta impenetrável se pulverizava sobre os muros pintando-os de trevas.

Uma sombra.

Hannah retrocedeu devagar para a porta.

Suas mãos trementes se pousaram sobre o frio puxador em suas costas. Abriu lentamente a porta sem afastar os olhos da escuridão e se dispôs a sair do quarto a toda pressa. Algo avançava para ela, podia senti-lo.

A moça segurou no puxador para selar a habitação e um dos relevos da porta se enganchou na correia que rodeava seu pescoço.

Simultaneamente, um som grave e arrepiante ressonou em suas costas, o vaio de uma grande serpente. Hannah sentiu lágrimas de terror deslizando por suas bochechas. A corrente se rompeu e a moça pôde ouvir como a medalha caía na escuridão. Livre da presa, Hannah se enfrentou ao túnel de sombras que se abria ante ela. Em um dos extremos, a porta que conduzia a escadaria da ala posterior estava aberta. O assobio fantasmagórico se escutou de novo. Mais perto. Hannah correu para a soleira da escadaria. Segundos mais tarde identificou o som do cabo que começava a girar na penumbra. Desta vez, o pânico arrancou um alarido de sua garganta e a moça se lançou escada abaixo.

O caminho de descida até ao piso inferior parecia infinito. Hannah saltava os degraus de três em três, ofegando e tentando não perder o equilíbrio. Quando chegou à porta que conduzia à parte traseira do jardim do Cravenmoore, seus tornozelos e joelhos estavam repletos de golpes, mas apenas sentia a dor. A adrenalina acendia um rastilho de pólvora através de suas veias e a empurrava para que seguisse correndo. A porta, que nunca utilizava, estava fechada. Hannah golpeou o vidro com o cotovelo e a forçou do exterior. Não sentiu o corte no antebraço até que chegou às sombras do jardim.

Correu para a soleira do bosque enquanto o ar fresco da noite acariciava suas roupas empapadas em suor frio e as aderiu a seu corpo. Antes de entrar no caminho que cruzava o bosque do Cravenmoore, Hannah se voltou para a casa esperando ver seu perseguidor cruzando as sombras do jardim. Não havia rastro da aparição. Respirou profundamente. O ar frio lhe queimava a garganta e cravava em seus pulmões uma punção candente. Estava disposta a correr de novo quando avistou aquela silhueta junto à fachada do Cravenmoore. Um rosto corpóreo emergiu da lâmina de negrume, e a sombra desceu arrastando-se entre as gárgulas como uma gigantesca aranha.

Hannah se lançou através do labirinto de escuridão que cruzava o bosque. A lua sorria agora entre a claridade e tingia a neblina de azul. O vento acendia as vozes sussurrantes de milhares de folhas a seu redor. As árvores aguardavam seu passo como espectros petrificados, seus braços estendiam um manto de ameaçadoras garras. E correu desesperadamente para a luz que a guiava ao final daquele túnel fantasmagórico, uma porta à claridade que parecia afastar-se dela quanto maior era seu esforço por alcançá-la.

Um estrondo entre as moitas alagou o bosque.

A sombra estava atravessando a espessura, destroçando tudo quanto se opunha a seu passo, uma furadeira mortífera esculpindo um caminho para ela. Um grito se afogou na garganta da moça. Os ramos e as moitas tinham aberto dezenas de cortes em suas mãos, seus braços e seu rosto. A fadiga lhe golpeava a alma como um malho que nublava seus sentidos, e lhe sussurrava interiormente que se rendesse ao cansaço, que se estendesse a esperar... Mas tinha que seguir. Tinha que escapar daquele lugar. Uns metros mais e alcançaria a estrada que conduzia ao povoado. Ali encontraria algum carro, alguém que a recolheria e a ajudaria. Sua salvação estava somente a uns segundos, mais à frente do limite do bosque.

As luzes longínquas de um carro se aproximando da Praia do Inglês varreram as trevas da espessura. Hannah se levantou e lançou um grito de socorro. Atrás de suas costas, um torvelinho pareceu atravessar as moitas e subir entre os ramos das árvores. Hannah elevou o olhar para a cúpula de ramos que velavam o rosto da lua. Lentamente, a sombra se desdobrou. Ela só deixou escapar um último gemido. Infiltrando-se como chuva de alcatrão, a sombra se abatia sobre a Hannah das alturas. A moça fechou os olhos e conjurou o rosto de sua mãe, sorridente e faladora.

Pouco depois, sentiu o frio fôlego da sombra sobre seu rosto.

Um Castelo Entre as Brumas

O veleiro do Ismael aflorou pontualmente entre o véu de calma que acariciava a superfície da baía. Irene e sua mãe, tranquilamente sentadas no alpendre, degustando uma xícara de café com leite, trocaram um olhar.

— Não faz falta que diga a você... — começou Simone.

— Não faz falta que o diga. — respondeu Irene.

— Quando foi a última vez que você e eu falamos dos homens? — perguntou sua mãe.

— Quando completei os sete anos e nosso vizinho Claude me convenceu para que lhe desse minha saia em troca de suas calças.

— Criança tola.

— Tinha só cinco anos, mamãe.

— Se era assim aos cinco, imagine aos quinze.

— Dezesseis.

Simone suspirou. Dezesseis anos, Meu deus. Sua filha planejava fugir com um velho lobo de mar. — Então estamos falando de um adulto.

— Só é um ano e poucos mais velho do que eu. Onde me deixa isso?

— Você é uma criança.

Irene sorriu pacientemente a sua mãe. Simone Sauvelle não tinha futuro como sargento. — Tudo bem, mamãe. Sei o que faço.

— Isso é o que me dá medo.

O veleiro cruzou a pequena entrada da baía. Ismael lançou uma saudação do bote. Simone observava o rapaz com uma sobrancelha elevada em sinal de alerta.

— Por que não sobe e me apresenta ele?

— Mamãe...

Simone assentiu. De todos os modos, não albergava esperanças

de que semelhante ardil desse fruto. — Há algo que tenho de lhe dizer? — ofereceu Simone, em franco retirada.

Irene lhe deu um beijo na bochecha. — Me deseje um bom dia.

Sem esperar resposta, Irene correu até ao atracadouro. Simone contemplou como sua filha tomava a mão daquele estranho (que, para seus suspeitos olhos, de rapaz tinha pouco) e saltava para bordo de seu veleiro. Quando Irene se voltou para saudar, sua mãe forçou um sorriso e devolveu a saudação. Viu-os partir rumo à baía sob um sol resplandecente e tranquilizador. Sobre o corrimão do alpendre, uma gaivota, talvez outra mãe em crise, observava-a com resignação.

-Não é justo -disse à gaivota-. Quando nascem, ninguém lhe explica que acabarão fazendo o mesmo que você em sua idade.

O ave, alheia a tais considerações, seguiu o exemplo de Irene e pôs-se a voar. Simone sorriu ante sua própria ingenuidade e se dispôs a voltar para o Cravenmoore. O trabalho tudo cura, disse a si mesma.

Em algum momento da travessia, a margem longínqua se transformou em apenas uma linha branca estendida entre a terra e o céu. O vento do este impulsionava as velas do Kyaneos e a proa do veleiro abria caminho sobre um manto cristalino de reflexos esmeralda através do qual se podia entrever o fundo. Irene, cuja única experiência prévia a bordo de um barco tinha sido a breve travessia de dias atrás, contemplava boquiaberta a hipnótica beleza da baía desde aquela nova perspectiva. A Casa do Cabo se reduziu a um entalhe branco entre as rochas, e as fachadas de cores vivas do povoado piscavam entre os reflexos que ascendiam do mar. Ao longe, a cauda de uma tormenta cavalgava para o horizonte. Irene fechou os olhos e escutou o som do mar a seu redor. Quando os abriu de novo, tudo seguia ali. Era real.

Uma vez encaminhado o rumo, pouco mais ficava a Ismael que contemplar Irene, que parecia estar sob os efeitos de um encantamento marinho. Com metodologia científica, iniciou sua observação por seus pálidos tornozelos, ascendendo lenta e conscienciosamente até deter-

se no ponto em que a saia esvoaçava com inusitada rabugice a metade superior das coxas da moça. Procedeu então a avaliação sobre a afortunada distribuição de seu esbelto torso. Este processo se prolongou por um espaço indefinido de tempo até que, inesperadamente, seus olhos se pousaram sobre os de Irene e Ismael percebeu que sua inspeção não tinha passado despercebida.

— No que está pensando? — perguntou ela.

— No vento. — mentiu impecavelmente Ismael — Está mudando e se desloca para o sul. Costuma ocorrer quando há tormenta. Pensei que você gostaria de rodear o primeiro cabo. A vista é espetacular.

— Que vista? — perguntou inocentemente Irene. Desta vez não havia dúvida, pensou Ismael; a moça estava rindo dele. Fazendo caso omissos das ironias de sua passageira, Ismael levou o veleiro até o vértice, a corrente que beirava o recife a uma milha do cabo. Logo que atravessaram a fronteira, seus olhos puderam contemplar a imensidão da grande praia deserta e selvagem que se estendia até as neblinas que envolviam o monte Saint Michel, um castelo que se elevava entre a bruma.

— Essa é a Baía Negra. — explicou Ismael — Chamam-na assim porque suas águas são muito mais profundas que em Baía Azul, que é basicamente um banco de areia de apenas sete ou oito metros de profundidade. Um varadouro.

A Irene toda aquela terminologia marinha soava a mandarim, mas a estranha beleza que desprendia aquela paragem lhe arrepiava os pêlos da nuca. Seu olhar reparou no que parecia um vazão na rocha, uma cicatriz aberta ao mar.

— Essa é a lagoa. — disse Ismael — É como um ovalóide fechado à corrente e conectado ao mar por uma estreita abertura. No outro lado está a Caverna dos Morcegos. É esse túnel que entra na rocha, vê? Ao que parece, em 1746 uma tormenta empurrou um galeão pirata para ela. Os restos do navio, e dos piratas, seguem ali.

Irene lhe dedicou um olhar cético. Ismael podia ser um bom capitão, mas no que se refere a mentir era um simples grumete.

— É verdade. — matizou Ismael — Eu vou mergulhar às vezes. A caverna entra na rocha e não tem fim.

— Me levará ali? — perguntou Irene, fingindo acreditar na absurda história do corsário fantasma.

Ismael se ruborizou levemente. Aquilo soava a continuidade. A compromisso. Em uma palavra, a perigo.

— Há morcegos. Desde aí o nome... — percebeu o menino, incapaz de encontrar um argumento mais dissuasivo.

— Eu adoro os morcegos. Ratos voadores. — falou ela, empenhada em seguir segurando o cabelo.

— Quando quiser. — disse Ismael, baixando as defesas.

Irene lhe sorriu calidamente. Aquele sorriso desconcertava totalmente Ismael. Por uns segundos não lembrava se o vento soprava do norte ou se a quilha era uma especialidade de confeitaria. E o pior era que a moça parecia percebê-lo. Hora para uma mudança de rumo. Em um golpe de leme, Ismael virou virtualmente em círculo, ao mesmo tempo que voltava a vela maior, escorando o veleiro até que Irene sentiu a superfície do mar acariciando sua pele. Uma língua de frio. A moça gritou entre risadas. Ismael lhe sorriu. Ainda não sabia muito bem o que tinha visto nela, mas estava certo de uma coisa: não podia lhe tirar os olhos de cima.

— Rumo ao farol. — anunciou.

Segundos mais tarde, cavalgando sobre a corrente e com a mão invisível do vento em suas costas, o Kyaneos deslizou como uma flecha sobre a crista do recife. Ismael sentiu como Irene apertava sua mão. O veleiro voava como se apenas tocasse a água. Uma esteira de espuma branca desenhava grinaldas a seu passo. Irene olhou para Ismael e percebeu que ele a contemplava por sua vez. Por um instante, seus olhos se perderam nos dela e Irene sentiu que o rapaz lhe apertava

brandamente a mão. O mundo nunca tinha estado tão longe.

No meio da manhã daquele dia, Simone Sauvelle cruzou as portas da biblioteca pessoal do Lazarus Jann, que ocupava uma imensa sala ovalada no coração do Cravenmoore. Um universo infinito de livros subia numa espiral babilônica para uma clarabóia de vidro tingido. Milhares de mundos desconhecidos e misteriosos convergiam naquela infinita catedral de livros. Por uns segundos, Simone contemplou boquiaberta a visão, seu olhar apanhado na neblina evanescente que dançava em ascensão para a abóbada. Demorou quase dois minutos em perceber que não estava sozinha.

Uma figura trajada formosamente ocupava o escritório sob um raio de luz que caía em vertical da clarabóia. Ao ouvir seus passos, Lazarus se voltou e, fechando o livro que estava consultando, um velho manual de aspecto centenário encadernado em couro negro, sorriu-lhe amavelmente. Um sorriso cálido e contagioso.

— Ah, madame Sauvelle. Bem-vinda a meu pequeno refúgio. — disse, levantando-se.

— Não desejava interrompê-lo...

— Ao contrário, me alegro que o tenha feito. — disse Lazarus — Queria falar com você a respeito de um pedido de livros que desejo fazer à assinatura, do Arthur Francher...

— Arthur Francher, em Londres?

O rosto do Lazarus se iluminou.

— Conhece-o?

— Meu marido estava acostumado a comprar livros ali em suas viagens. Budington Arcade.

— Sabia que não podia ter escolhido pessoa mais idônea para este posto. — disse Lazarus, ruborizando a Simone.

— Que tal se discutíssemos isto tomando uma xícara de café? — convidou.

Simone assentiu timidamente. Lazarus sorriu de novo e devolveu o grosso livro que segurava nas mãos a seu lugar, entre centenas de outros volumes semelhantes. Simone o observou enquanto o fazia e seus olhos não puderam deixar de perceber o título que podia ler-se escrito a mão sobre o lombo. Uma só palavra, desconhecida e não identificável:

Dopplelgänger

Pouco antes do meio-dia, Irene vislumbrou a ilha do farol a proa. Ismael decidiu rodeá-la para facilitar a manobra de aproximação e atracar em uma pequena enseada que albergava a ilha, rochosa e arisca. Irene, graças às explicações do Ismael, já estava mais versada nas artes navegatorias e na física elementar do vento. Deste modo, seguindo suas instruções, ambos conseguiram contornar o impulso da corrente e deslizar entre o corredor de escarpados que conduzia ao velho atracadouro do farol.

A ilha era apenas um pedaço de rocha desolada que emergia na baía. Uma considerável colônia de gaivotas aninhava ali. Algumas delas observavam os intrusos com certa curiosidade. O resto empreendeu o voo. Avançando, Irene pôde ver antigos barracos de madeira arruinados por décadas de temporais e abandono.

O farol em si era uma esbelta torre, coroada por uma lanterna de prismas, que se erguia sobre uma pequena casa de apenas um andar, a velha casa do faroleiro.

— Além de mim, as gaivotas e um ou outro caranguejo, ninguém veio aqui a anos. — disse Ismael.

— Sem contar com o fantasma do navio pirata. — brincou Irene.

O rapaz conduziu o veleiro até o atracadouro e saltou a terra para assegurar o cabo da proa. Irene seguiu seu exemplo. Logo que o Kyaneos estava convenientemente amarrado, Ismael tomou um cesto com provisões que sua tia tinha deixado preparado, sob o pretexto de que não havia modo de amar uma senhorita com o estômago vazio, e

que teria que atender os instintos por ordem de prioridade.

— Venha. Se você gosta das histórias de fantasmas, isto vai lhe interessar...

Ismael abriu a porta da casa do farol e indicou a Irene que o precedesse. A moça entrou na velha casa e sentiu como se acabasse de dar um passo de duas décadas no passado. Tudo seguia intacto, sob uma capa de névoa formada pela umidade de anos e anos. Dezenas de livros, objetos e móveis permaneciam intactos, como se um fantasma tivesse levado o faroleiro de madrugada. Irene olhou Ismael, fascinada.

— Espere para ver o farol. — disse ele.

O rapaz pegou na sua mão e a conduziu para a escada que subia em espiral até a torre do farol. Irene se sentia como uma intrusa ao invadir aquele lugar suspenso no tempo e, ao mesmo tempo, como uma aventureira a ponto de desvendar um estranho mistério.

— O que aconteceu ao faroleiro?

Ismael levou seu tempo para responder. — Uma noite pegou seu bote e deixou a ilha. Não se incomodou nem em recolher suas coisas.

— Por que faria uma coisa assim?

— Nunca disse. — respondeu Ismael.

— Por que você acredita que o fez?

— Por medo.

Irene engoliu em seco e olhou por cima de seu ombro, esperando de um momento para outro encontrar-se com o espectro daquela mulher afogada ascendendo como um demônio de luz pela escada de caracol, com as garras estendidas para ela, o rosto branco como porcelana e dois círculos negros em torno de seus olhos acesos.

— Não há ninguém aqui, Irene. Só você e eu. — disse Ismael.

A moça assentiu sem muito convencimento. — Só gaivotas e caranguejos, né?

— Exato.

A escada desembocava na plataforma do farol, uma atalaia sobre a

ilha da qual se podia contemplar toda Baía Azul. Ambos saíram ao exterior. A brisa fresca e a luz resplandecente desvaneciam quantos ecos fantasmagóricos evocava o interior do farol. Irene respirou profundamente e se deixou enfeitiçar pela visão que só podia contemplar-se desde aquele lugar.

— Obrigado por me trazer aqui. — murmurou. Ismael assentiu, desviando nervosamente o olhar.

— Gostaria de comer algo? Morro de fome. — anunciou.

Desta vez, ambos se sentaram no extremo da plataforma do farol e, com as pernas penduradas no vazio, começaram a dar boa conta dos manjares ocultos na cesta. Nenhum deles tinha realmente muito apetite, mas comer mantinha as mãos e a mente ocupadas.

Ao longe, a Baía Azul dormia sob o sol da tarde, alheia a tudo quanto acontecia naquela ilha afastada do mundo.

Três xícaras de café e uma eternidade mais tarde, Simone se encontrava ainda em companhia do Lazarus, ignorando o passar do tempo. O que tinha começado como uma simples conversa amistosa se transformou em uma longa e profunda conversa a respeito de livros, viagens e antigas lembranças. Depois de apenas umas horas, tinha a sensação de conhecer Lazarus por toda a vida. Pela primeira vez em meses tirou o chapéu a si mesmo desenterrando dolorosas lembranças dos últimos dias da vida do Armand e experimentando uma grata sensação de alívio ao fazê-lo. Lazarus escutava com atenção e respeitoso silêncio. Sabia quando desviar a conversa ou quando deixar fluir as lembranças livremente.

Custava-lhe pensar em Lazarus como o seu patrão. A seus olhos, o fabricante de brinquedos se parecia mais com um amigo, um bom amigo. À medida que avançava a tarde, Simone compreendeu, entre o remorso e uma vergonha quase infantil, que em outras circunstâncias,

em outra vida, aquela estranha comunhão entre ambos talvez pudesse ter sido a semente de algo mais. A sombra de sua viuvez e a lembrança flutuavam em seu interior como o rastro de um temporal; do mesmo modo que a presença invisível da esposa doente do Lazarus salpicava a atmosfera do Cravenmoore. Testemunhas invisíveis na escuridão.

Bastaram-lhe umas horas de simples conversa para ler no olhar do fabricante de brinquedos que idênticos pensamentos cruzavam sua mente. Mas também leu neles que o compromisso com sua esposa seria eterno e que o futuro apenas proporcionava para ambos a perspectiva de uma simples amizade. Uma profunda amizade. Uma ponte invisível se elevou entre dois mundos que sabiam estar separados por oceanos de lembranças.

Uma luz áurea que anunciava o crepúsculo inundou o estúdio do Lazarus e estendeu uma rede de reflexos dourados entre eles. Lazarus e Simone se observaram em silêncio.

— Posso lhe fazer uma pergunta pessoal, Lazarus?

— É óbvio.

— Por que razão se tornou num fabricante de brinquedos? Meu defunto esposo era engenheiro, e de certo talento. Mas seu trabalho evidenciava um talento revolucionário. E não exagero; você sabe melhor que eu. Por que brinquedos?

Lazarus sorriu em silêncio.

— Não tem por que me responder. — acrescentou Simone.

Ele se levantou e caminhou lentamente até a soleira da janela. A luz de ouro tingiu sua silhueta.

— É uma longa história. — começou — Quando apenas era um menino, minha família vivia no antigo distrito dos Gobelins, em Paris. Provavelmente você conhece a área, uma favela, infestada de velhos edifícios escuros e insalubres. Uma cidadela fantasmagórica e cinzenta, de ruas estreitas e miseráveis. Naqueles dias, possivelmente, a situação estava inclusive muito mais deteriorada do que você possa recordar.

Nós ocupávamos um diminuto piso em um velho imóvel da rua Gobelins. Parte da fachada estava escorada perante a ameaça de desprendimentos, mas nenhuma das famílias que o ocupavam estava em condições de mudar-se para outra zona mais desejável do bairro. Como conseguíamos nos colocar ali, meus outros três irmãos e eu, meus pais e o tio Luc, ainda me parece um mistério. Mas estou desviando-me do tema...

"Eu era um rapaz solitário. Sempre fui. A maioria dos meninos da rua pareciam interessados em coisas que me aborreciam e, em troca, as coisas que me interessavam não despertavam o interesse de ninguém que eu conhecesse. Eu tinha aprendido a ler: um milagre; e a maioria de meus amigos eram livros. Isto teria constituído motivo de preocupação para minha mãe se não tivesse outros problemas mais urgentes em casa. Minha mãe sempre acreditou que a ideia de uma infância saudável era a de brincar, de correr pelas ruas aprendendo a imitar os usos e julgamentos de quantos nos rodeavam."

"Meu pai se limitava a esperar que meus irmãos e eu tivéssemos a idade suficiente para que pudéssemos contribuir com um salário à família."

"Outros não eram tão afortunados. Na nossa escada vivia um rapaz da minha idade chamado Jean Neville. Jean e sua mãe, viúva, estavam encerrados num minúsculo apartamento no piso inferior, junto ao vestíbulo. O pai do rapaz tinha morrido anos atrás em consequência de uma enfermidade química contraída na fábrica de azulejos, onde tinha trabalhado toda a vida. Algo comum, ao que parece. Soube tudo isto porque, com o tempo, eu fui o único amigo que o pequeno Jean teve no bairro. Sua mãe, Anne, não o deixava sair do edifício ou do pátio interior. Sua casa era seu cárcere."

"Oito anos atrás, Anne Neville tinha dado a luz dois meninos gêmeos no velho hospital do Saint Christian, no Montparnasse. Jean e Joseph. Joseph nasceu morto. Durante os restantes oito anos de sua

vida, Jean aprendeu a crescer na sombra da culpa por ter matado seu irmão ao nascer. Ou assim acreditava. Anne se encarregou de lhe recordar, cada um dos dias de sua existência, que seu irmão tinha nascido sem vida por sua culpa; que, se não fosse por ele, um rapaz maravilhoso ocuparia agora seu lugar. Nada do que fazia ou dizia conseguia ganhar o afeto de sua mãe."

"Anne Neville, é obvio, dispensava a seu filho as amostras de carinho habituais em público. Mas na solidão daquele apartamento, a realidade era outra. Anne o recordava dia a dia: Jean era um vagabundo. Um folgazão. Seus resultados na escola eram lamentáveis. Suas qualidades, mais que duvidosas. Seus movimentos, torpes. Sua existência, em resumo, uma maldição. Joseph, por sua vez, teria sido um rapaz adorável, estudioso, carinhoso..., tudo aquilo que ele nunca poderia ser."

"O pequeno Jean não demorou para compreender que era ele quem deveria ter morrido naquele tenebroso quarto de hospital oito anos atrás. Estava ocupando o lugar de outro... Todos os brinquedos que Anne tinha estado guardando durante anos para seu futuro filho foram parar ao fogo das caldeiras na semana seguinte de voltar do hospital. Jean jamais teve um brinquedo. Estavam proibidos para ele. Não os merecia."

"Uma noite em que o rapaz despertou gritando com os sonhos, sua mãe foi a seu leito e lhe perguntou o que tinha acontecido. Jean, aterrorizado, confessou que tinha sonhado que uma sombra, um espírito maligno o perseguia ao longo de um túnel interminável. A resposta da Anne foi clara. Aquele símbolo era um sinal. A sombra com a qual ele tinha estado sonhando era o reflexo de seu irmão morto, que clamava vingança. Devia fazer um novo esforço para ser um melhor filho, obedecer a sua mãe, não questionar nem uma só de suas palavras ou ações. Do contrário, a sombra cobraria vida e iria levá-lo aos infernos. Com estas palavras, Anne agarrou seu filho e o levou para o porão da

casa, onde o deixou a sós com a escuridão, durante doze horas, para que meditasse sobre o que lhe tinha contado. Esse foi o primeiro de seus isolamentos."

"Um ano depois, quando numa tarde o pequeno Jean me contou tudo isto, uma sensação de horror me invadiu. Desejava ajudar o rapaz, reconfortá-lo e compensar com algo a miséria em que vivia. O único modo que me ocorreu fazer, foi reunir as moedas que tinha guardado durante meses em meu cofre e ir à loja de brinquedos de monsieur Giradot. As minhas poupanças não davam para muito, e só consegui um velho boneco, um anjo de cartão que podia ser manipulado com uns fios. Envolvi-o em papel brilhante e, ao dia seguinte, esperei que Anne Neville tivesse saído a fazer suas compras. Bati na porta da casa e disse que era eu, Lazarus. Jean abriu e lhe entreguei o pacote. Era um presente, disse, e parti."

"Não voltei a vê-lo em três semanas. Supus que Jean estava desfrutando de meu presente, já que eu não poderia desfrutar de minhas economias em muito tempo. Soube mais adiante que aquele anjo de trapo e cartão apenas sobreviveu um dia. Anne o encontrou e o queimou. Quando lhe perguntou de onde o tinha tirado, Jean, que não queria me implicar, disse que o tinha feito com suas próprias mãos."

"E certo dia, o castigo foi muito mais terrível. Anne, fora de si, levou seu filho ao porão e o encerrou ali, ameaçando-o que desta vez a sombra o iria pôr na escuridão e o levaria para sempre."

"Jean Neville passou ali uma semana inteira. Sua mãe se envolveu numa briga no mercado dos Halls e a polícia a encerrou, junto com outros tantos, numa cela comum. Quando a soltaram, esteve vagando pelas ruas durante dias."

"Na sua volta, encontrou a casa vazia e a porta do porão trancada. Uns vizinhos a ajudaram a derrubá-la. O porão estava deserto. Não havia sinal do Jean em nenhuma parte..."

Lazarus fez uma pausa. Simone guardou silêncio, esperando que o fabricante de brinquedos finalizasse seu relato.

— Ninguém voltou a ver Jean Neville no bairro.

"A maioria que teve conhecimento da história supôs que o rapaz tinha fugido por algum alçapão do porão e que tinha posto tanta distância entre ele e sua mãe quanto tinha podido. Suponho que isso foi que aconteceu, embora se você tivesse perguntado a sua mãe, que passou semanas, meses, chorando desconsoladamente a perda do rapaz, estou seguro de que lhe responderia que a sombra o tinha levado... Disse-lhe antes que eu fui provavelmente o único amigo de Jean Neville. Seria mais justo dizer que foi ao contrário. Ele foi meu único amigo. Anos mais tarde fiz a promessa que, se estivesse na minha mão, jamais nenhum menino ficaria privado de um brinquedo. Nenhum menino voltaria a viver o pesadelo que atormentou a infância de meu amigo Jean. Ainda hoje me pergunto onde estará, se ainda viver. Suponho que lhe parecerá uma explicação um tanto estranha...

— Absolutamente. — respondeu ela, seu rosto camuflado nas sombras.

Simone saiu à luz e esboçou um amplo sorriso para receber Lazarus.

— Faz-se tarde. — disse brandamente o fabricante de brinquedos — Devo ir ver minha esposa.

Simone assentiu.

— Obrigado por sua companhia, madame Sauvelle. — disse Lazarus, retirando-se em silêncio.

Ela o observou partir e respirou profundamente.

A solidão desenhava estranhos labirintos.

O sol começava a declinar sobre a baía e as lentes do farol destilavam brilhos de âmbar e escarlata sobre o mar. A brisa era agora mais fresca e o céu se tingia de um azul claro, sulcado por algumas

nuvens que viajavam perdidas como zepelines de algodão branco. Irene jazia ligeiramente apoiada contra o ombro do Ismael, em silêncio.

O rapaz deixou que um de seus braços a rodeasse lentamente. Ela elevou os olhos. Seus lábios estavam entreabertos e tremiam imperceptivelmente. Ismael sentiu uma comichão no estômago e ouviu um estranho repico em seus ouvidos. Era seu próprio coração, martelando a toda velocidade. Paulatinamente, os lábios de ambos se aproximaram com acanhamento. Irene fechou os olhos. Agora ou nunca, parecia sussurrar uma voz dentro do Ismael. O rapaz optou pela opção agora e deixou que sua boca acariciasse a da Irene. Os dez segundos seguintes duraram dez anos.

Mais tarde, quando ambos sentiram que já não existia uma fronteira entre eles, que cada olhar e cada gesto era uma palavra de uma linguagem que só eles podiam compreender, Irene e Ismael permaneceram abraçados em silêncio no alto do farol. Se tivesse dependido deles, teriam seguido ali até ao dia do Juízo Final.

— Onde você gostaria de estar dentro de dez anos? — perguntou Irene de improviso.

Ismael parou para meditar na resposta. Não era fácil.

— Pergunta difícil. Não sei.

— O que você gostaria de fazer? Seguir os passos de seu tio no barco?

— Não acredito que fosse uma boa ideia.

— O que, então? — insistiu ela.

— Não sei, suponho que é uma tolice...

— O que é uma tolice?

Ismael se abstraiu num longo silêncio. Irene esperou pacientemente.

— Séries para o rádio. Eu gostaria de escrever séries para o rádio. — afirmou Ismael finalmente.

Já o tinha solto.

Irene sorriu. Outra vez aquele sorriso indefinível e misterioso.

— Que tipo de séries?

Ismael a observou cuidadosamente. Não tinha falado desse tema com ninguém e não se sentia em terreno seguro ao fazê-lo. Talvez o melhor era içar velas e voltar para porto.

— De mistério. — respondeu finalmente, duvidando.

— Pensava que não acreditava nos mistérios.

— Não faz falta acreditar para escrever sobre eles. — replicou Ismael — Faz tempo que coleciono recortes sobre um indivíduo que faz séries de rádio. Chama-se Orson Welles. Talvez poderia tentar trabalhar com ele...

— Orson Welles? Não ouvi falar dele, mas suponho que não será uma pessoa acessível. Tem alguma ideia?

Ismael assentiu vagamente.

— Tem que me prometer que não contará a ninguém.

A moça elevou a mão solenemente. A atitude do Ismael parecia infantil, mas o assunto a intrigava.

— Me diga.

Ismael conduziu de volta à casa do faroleiro. Uma vez ali, o rapaz se aproximou de um cofre que repousava num dos recantos e o abriu. Seus olhos brilhavam de excitação.

— A primeira vez que vim aqui estava mergulhando e descobri os restos do bote, em que se supõe, que se afogou aquela mulher faz vinte anos. — disse em tom enigmático — Lembra da história que lhe contei?

— As luzes de setembro. A dama misteriosa desaparecida na tormenta... — recitou Irene.

— Exato. Adivinhe o que encontrei entre os restos do bote?

— O que?

Ismael introduziu as mãos no cofre e extraiu um pequeno livro encadernado em pele, coberto por uma espécie de caixa metálica,

apenas do tamanho de uma cigarreira.

— A água apagou alguma das páginas, mas ainda há fragmentos que podem ler-se.

— Um livro? — perguntou Irene, intrigada.

— Não é um livro qualquer. — esclareceu ele — É um diário. Seu diário.

O Kyaneos zarpou de volta à Casa do Cabo pouco antes do crepúsculo. Um campo de estrelas se estendia sobre o manto azul que cobria a baía e a esfera de sangue do sol submergia lentamente no horizonte, como um disco de ferro candente. Irene observava em silêncio o Ismael enquanto ele pilotava o veleiro. O rapaz lhe sorriu e seguiu com o olhar para as velas, atento à direção do vento que despertava a poente.

Antes dele, Irene tinha beijado dois rapazes.

O primeiro, o irmão de uma das suas amigas do colégio, foi mais um ensaio que outra coisa. Queria saber o que se sentia ao fazer aquilo. Não lhe tinha parecido grande coisa. O segundo, Gerard, estava mais assustado do que ela, e a experiência não tinha dissipado suas suspeitas sobre o tema. Beijar o Ismael tinha sido diferente. Tinha sentido uma espécie de corrente elétrica percorrendo seu corpo ao roçar seus lábios. Seu tato era diferente. Seu aroma era diferente. Tudo nele era diferente.

— No que está pensando? — perguntou Ismael, intrigado ante seu semblante meditativo.

Irene fez um gesto enigmático, elevando uma sobrancelha.

Ele encolheu os ombros e seguiu pilotando o veleiro rumo ao cabo. Um bando de aves os escoltou até o atracadouro entre os escarpados. As luzes da casa desenhavam esteiras dançantes sobre a pequena baía. Ao longe, os reflexos do povoado traçavam um caminho de estrelas sobre o mar.

— Já é de noite. — observou Irene com certa preocupação — Não

se acontecerá nada, verdade?

Ismael sorriu.

— O Kyaneos se sabe o caminho de cor. Não se acontecerá nada.

O veleiro atracou brandamente contra o atracadouro. Os grasnidos das aves nos escarpados formavam um eco longínquo. Uma franja de azul escuro coroava agora a linha incandescente do crepúsculo sobre o horizonte, e a lua sorria entre as nuvens.

— Bom..., já é tarde. — começou Irene.

— Sim...

A garota saltou para terra.

— Levo o diário. Prometo cuidado.

Ismael concordou por sua vez. Irene deixou escapar uma pequena risada nervosa. — Boa noite.

Ambos se olharam na penumbra. — Boa noite, Irene.

Ismael soltou as amarras.

— Tinha pensado ir à lagoa amanhã. Talvez você gostasse de ir...

Ela assentiu. A corrente levava o veleiro. — Pegarei você aqui...

A silhueta do Kyaneos se desvaneceu na escuridão. Irene permaneceu ali, vendo-o partir, até o negrume da noite o ter engolido completamente. Apressou-se, dois palmos por cima do chão surgia a Casa do Cabo. Sua mãe a esperava no alpendre, sentada na escuridão. Não fazia falta um diploma em engenharia óptica para adivinhar que Simone tinha visto, e ouvido, o episódio completo no atracadouro.

— Que tal seu dia? — perguntou.

Irene engoliu em seco. Sua mãe sorriu maliciosamente. — Pode contar-me.

Irene se sentou junto a sua mãe, deixando-se abraçar por ela.

— E o seu? — perguntou a moça — Que tal foi seu dia?

Simone deixou escapar um suspiro, recordando a tarde em companhia do Lazarus.

Abraçou em silêncio a sua filha e sorriu para si. — Um dia estranho, Irene. Suponho que me tornei maior.

— Que tolice.

A jovem olhou nos olhos de sua mãe. — Algo errado, mamãe?

Simone sorriu fracamente e negou em silêncio. — Sinto falta de seu pai. — respondeu finalmente, enquanto uma lágrima deslizava sobre sua face até seus lábios.

— Papai se foi. — disse Irene — Tem que deixá-lo ir.

— Não sei se quero deixá-lo ir.

Irene a estreitou em seus braços e ouviu como Simone derramava suas lágrimas na escuridão.

O Jornal de Alma Maltisse

O dia seguinte amanheceu envolto num manto de bruma. As primeiras luzes da alvorada surpreenderam a Irene ainda envolvida na leitura do diário que Ismael lhe tinha confiado. O que tinha começado como uma simples curiosidade horas atrás tinha ido crescendo ao longo da noite, até transformar-se em uma obsessão. Desde a primeira linha embrulhada pelo tempo a caligrafia, daquela misteriosa dama desaparecida nas águas da baía, se revelou como um hieróglifo hipnótico, um enigma sem resolução que tinha afastado da moça qualquer vislumbre de sono.

“... Hoje vi por primeira vez o rosto da sombra. Observava-me em silencio através da escuridão, à espreita e imóvel. Sei perfeitamente o que havia naqueles olhos, aquela força que a mantinha viva: ódio. Pude sentir sua presença e soube que, mais cedo ou mais tarde, nossos dias neste lugar se converterão em um pesadelo. É agora que me dou conta de toda a ajuda que ele necessita e que, aconteça o que acontecer, não posso deixá-lo sozinho...”

Página após página, a voz secreta daquela mulher parecia lhe falar em sussurros, entregando-lhe confidências e segredos que tinham permanecido submersos e esquecidos durante anos. Seis horas depois de ter iniciado a leitura do diário, a dama desconhecida se converteu numa espécie de amiga invisível, de voz varada na névoa e que, a falta de outro consolo, tinha escolhido a ela para depositar seus segredos, suas memórias, e o enigma daquela noite que a teria levado à morte nas frias águas da ilha do farol, naquela noite de setembro.

“... aconteceu de novo. Esta vez foram as minhas roupas. Esta

manhã, ao ir ao meu roupeiro, encontrei a porta do armário aberta e todos os meus vestidos, os vestidos que ele me deu de presente durante anos, feitos farrapos, destroçados como se a lâmina de cem facas os tivesse cerceado. Faz sete dias foi meu anel de compromisso. Encontrei-o deformado e destruído no chão. Outras jóias desapareceram. Os espelhos de meu quarto estão rachados. Cada dia sua presença é mais forte e sua raiva mais evidente. É só uma questão de tempo que seus ataques deixem de se concentrar em meus pertences e o façam em mim. É a mim, quem odeia. É a mim, quem quer ver morta. Não há lugar para ambas neste lugar ...”

O amanhecer tinha estendido uma tapeçaria de cobre sobre o mar quando Irene folheou a última página do diário. Por um instante pensou que jamais tinha sabido tantas coisas a respeito de alguém. Nunca pessoa alguma, nem sua própria mãe, tinha revelado todos os segredos de seu espírito para ela com a sinceridade que aquele diário despiu os pensamentos daquela mulher que, ironicamente, era-lhe desconhecida. Uma mulher que tinha morrido anos antes que ela visse a luz.

“... Não tenho ninguém com quem falar, ninguém a quem confessar o horror que me invade a alma dia após dia. Às vezes desejaria voltar atrás, refazer meus passos no tempo. É então quando compreendo que o meu medo e minha tristeza não podem comparar-se com os seus, que ele necessita de mim e que, sem mim, sua luz se apagaria para sempre. Só peço a Deus que nos dê forças para sobreviver, para fugir do alcance da sombra que se abate sobre nós.

Cada linha que escrevo neste diário parece ser a última.”

Por algum motivo Irene descobriu que sentia vontade de chorar. Em silêncio, derramou suas lágrimas em lembrança daquela dama invisível cujo diário tinha acendido uma luz em seu próprio interior. A

respeito da identidade de sua autora, quanto o diário esclarecia, eram apenas algumas palavras no vértice da primeira folha.

Pouco depois, Irene contemplou a vela do Kyaneos rasgar a neblina rumo à Casa do Cabo. Agarrou o diário e, quase nas pontas dos pés, encaminhou-se para seu novo encontro com o Ismael.

Em somente uns minutos, o barco abriu caminho entre a corrente que batia no extremo do cabo, e entrou na Baía Negra. A luz da manhã esculpia silhuetas nas paredes dos escarpados que formavam boa parte da costa da Normandia, muros de rocha que enfrentavam o oceano. Os reflexos do sol sobre a água desenhavam um brilho cegante de espuma e prata acesa. O vento do norte impulsionava o veleiro com força, a quilha rompendo a superfície como uma adaga. Para o Ismael, aquilo era simples rotina; para Irene, as mil e uma noites.

Aos olhos de uma marinheira novata como ela, aquele fascinante espetáculo de luz e água parecia levar a promessa invisível de mil aventuras e outros tantos mistérios que esperavam ser descobertos sob o manto do oceano. Ao leme, Ismael se mostrava sorridente e encaminhava o veleiro rumo à lagoa. Irene, vítima agradecida do enfeitiço do mar, seguiu com seu relato sobre o que tinha averiguado em sua primeira leitura do diário de Alma Maltisse.

— Evidentemente, escrevia-o para si mesma. — explicou a jovem — É curioso que nunca mencione ninguém por seu nome. É como um relato de pessoas invisíveis.

— É impenetrável. — indicou Ismael, que tinha deixado por impossibilidade, a leitura do diário tempo atrás.

— Absolutamente. — objetou Irene — O que acontece é que para entendê-lo terá que ser uma mulher.

Os lábios de Ismael pareciam a ponto de disparar uma réplica ante a asseveração de seu co-piloto, mas por algum motivo, seus pensamentos se bateram em retirada.

Em pouco tempo, o vento de popa os conduziu até a boca da

lagoa. Um estreito espaço entre as rochas esboçava uma entrada num porto natural. As águas da lagoa, de apenas três ou quatro metros de profundidade, eram um jardim de esmeraldas transparentes, e o fundo arenoso piscava como um véu de gazes brancas a seus pés. Irene contemplou boquiaberta a magia que o arco da lagoa confinava em seu interior. Um bando de peixes dançava sob o casco do Kyaneos, igual a dardos de prata brilhando interminavelmente.

— É incrível. — balbuciou Irene.

— É a lagoa. — esclareceu Ismael, mais prosaico.

Depois, enquanto ela seguia sob o efeito de uma primeira visita aquela paragem, o rapaz aproveitou para arriar as velas e ancorar o veleiro. O Kyaneos balançou lentamente, uma folha na calma de um tanque.

— Bem. Quer ver essa caverna ou não?

Por resposta, Irene lhe ofereceu um sorriso desafiante e, sem afastar os olhos dos seus, despojou-se de seu vestido lentamente. As pupilas do Ismael se expandiram como pratos. Sua imaginação não tinha antecipado semelhante espetáculo. Irene, provida com um sucinto traje de banho, cuja brevidade teria feito com que sua mãe jamais o tivesse considerado merecedor de dito nome, sorriu ante o semblante do Ismael. Depois de aturdi-lo alguns segundos com a visão, justo o necessário para não deixá-lo acostumar-se a ela, saltou à água e mergulhou sob a lâmina de reflexos ondulantes. Ismael engoliu em seco. Ou ele era muito lento ou aquela moça era muito rápida para ele. Sem pensar duas vezes, saltou à água atrás dela. Necessitava um banho.

Ismael e Irene nadaram para a boca da Caverna dos Morcegos. O túnel entrava na terra, como uma catedral lavrada na rocha. Uma tênue corrente emanava do interior e acariciava a pele sob a água. O interior da caverna marinha se elevava em forma de abóbada, coroada por centenas de largas lascas de rocha que pendiam no vazio como

lágrimas de gelo petrificado. Os reflexos da água descobriam mil e uma curvas entre as rochas, e o fundo arenoso adquiria uma fosforescência fantasmagórica que estendia um tapete de luz para o interior.

Irene mergulhou e abriu os olhos sob a água.

Um mundo de reflexos evanescentes dançava lentamente frente a ela, povoado por criaturas estranhas e fascinantes. Pequenos peixes cujas escamas trocavam de cor segundo a direção em que refletiam a luz. Plantas matizadas sobre a rocha. Diminutos caranguejos brincando a correrem sobre as areias submarinas. A moça permaneceu contemplando a fauna que povoava a caverna até que lhe faltou o ar.

— Se continuar fazendo isso. Sairá uma cauda de peixe, como às sereias. — disse Ismael.

Ela piscou-lhe um olho e o beijou sob a tênue claridade da caverna.

— Já sou uma sereia. — murmurou, entrando na Caverna dos Morcegos.

Ismael trocou um olhar com um estóico caranguejo que o escrutinava acomodado sobre a parede de rocha e que parecia ter uma curiosidade antropológica pela cena. O olhar sábio do crustáceo não deixava dúvida alguma. Estavam-lhe tirando o sarro de novo.

Um dia completo de ausência, pensou Simone.

Hannah levava horas sem aparecer e sem dar notícias. Simone se perguntou se enfrentaria um problema puramente disciplinar. Oxalá fosse assim. Tinha deixado passar a jornada dominical à espera de ter notícias da garota, pensando que teria ido a sua casa. Uma pequena indisposição. Um compromisso imprevisto. Qualquer explicação lhe teria bastado. Depois de horas de espera, decidiu enfrentar o dilema. Dispunha-se a pegar no telefone para ligar à casa da moça quando o toque de uma chamada se adiantou. A voz que soou era desconhecida e o modo como seu dono se identificou pouco fez para tranquilizá-la.

— Bom dia, madame Sauvelle. Meu nome é Henri Faure. Sou o chefe da delegacia de Baía Azul. — anunciou, cada palavra mais pesada que a anterior.

Um tenso silêncio se apoderou da linha. — Madame? — inquiriu o polícia.

— Estou ouvindo.

— Não é fácil para mim dizer isto...

Dorian tinha dado por concluída sua jornada de mensageiro por aquele dia. Os recados que Simone lhe tinha confiado já estavam mais que resolvidos, e a perspectiva de uma tarde livre se apresentava prometedora e refrescante. Quando chegou à Casa do Cabo, Simone ainda não havia regressado do Cravenmoore, e sua irmã Irene devia estar por ali, com aquele espécie de noivo que tinha arranjado. Depois de beber alguns copos de leite fresco, um após o outro, a estranha sensação da casa vazia de mulheres tornou-se um tanto desconcertante. A gente acostuma-se tanto a elas que, em sua ausência, o silêncio se torna vagamente inquietante.

Aproveitando que ainda ficavam umas horas de luz por diante, Dorian optou por explorar o bosque do Cravenmoore. Em pleno dia, tal como havia previsto Simone, as silhuetas sinistras não eram mais que árvores, arbustos e mato. Com isto em sua mente, o rapaz se encaminhou para o coração daquele bosque denso e labiríntico que se estendia entre a Casa do Cabo e a mansão do Lazarus Jann.

Levava uns dez minutos sem rumo concreto quando percebeu pela primeira vez o rastro de pegadas que entravam na espessura dos escarpados e que, inexplicavelmente, desapareciam à entrada de uma clareira. O rapaz se ajoelhou e apalpou os rastros, mais propriamente marcas confusas, que perfuravam o chão do bosque. Quem fosse ou o que fosse que tinha deixado aquelas marcas tinha um peso considerável. Dorian estudou de novo o último lance de rastros até ao ponto em que desapareciam. Se tinha que dar crédito aos indícios,

quem fora que as tivesse feito tinha deixado de caminhar naquele ponto e se evaporou.

Elevou o olhar e observou a rede de brilhos e sombras que se tecia nas copas das árvores do Cravenmoore. Um dos pássaros do Lazarus cruzou entre os ramos. O rapaz não pôde evitar sentir um calafrio. Não havia um só animal vivo naquele bosque? A única presença tangível era aqueles seres mecânicos que apareciam e desapareciam nas sombras, sem que a gente pudesse imaginar jamais de onde vinham ou para onde se dirigiam. Seus olhos seguiram examinando a estrutura do bosque e perceberam um profundo entalhe numa árvore próxima. Dorian se aproximou até ao tronco e examinou a marca. Algo tinha aberto uma profunda ferida sobre a madeira. Lacerações semelhantes balizavam o tronco para seu topo. O rapaz engoliu em seco e decidiu sair dali rapidamente.

Ismael guiou a Irene até uma pequena rocha plana que sobressaía uns palmos no centro da caverna e ambos se estenderam em cima, fazendo uma pausa. A luz que penetrava pela boca da caverna reverberava no interior traçando uma curiosa dança de sombras sobre a abóbada e as paredes da gruta. A água ali parecia mais cálida que em mar aberto e emanava uma certa cortina vaporosa.

— Há mais entradas na caverna? — perguntou Irene.

— Uma mais, mas é perigosa. O único modo seguro de entrar e sair é por mar, da lagoa.

A moça contemplou o espetáculo de luz evanescente que descobria as vísceras da caverna. Aquele lugar destilava uma atmosfera envolvente e hipnótica. Por uns segundos, Irene acreditou estar no interior de uma grande sala de um palácio esculpido no interior da rocha, um lugar lendário que só podia existir em sonhos.

— É... mágico — disse.

Ismael assentiu.

— Às vezes venho aqui e passo horas sentado numa das rochas,

vendo como a luz troca de cor sob a água. É meu santuário particular...

— Longe do mundo, não é?

— Tão longe como você pode imaginar.

— Você não gosta muito de pessoas, pois não?

— Depende das pessoas. — respondeu ele com um sorriso nos lábios.

— Isso é um cumprimento?

— É melhor.

O rapaz desviou o olhar e inspecionou a boca da caverna.

— É melhor que vamos agora. A maré não demorará para subir.

— Mas como?

— Quando sobe a maré, as correntes empurram a água para o interior da caverna e a caverna fica cheia até ao topo. É uma armadilha mortal. Pode ficar preso e morrer afogado como um rato.

De repente, a magia do lugar se tornou ameaçadora. Irene imaginou a caverna enchendo-se de água gelada sem possibilidade de escapatória.

— Não há pressa... — particularizou Ismael.

Irene, sem pensar duas vezes, nadou para a saída e não se deteve até que o sol lhe sorriu de novo. Ele observou-a nadar a toda pressa e sorriu para si. A garota tinha fibra.

A travessia de volta decorreu em silêncio. As páginas do diário ressonavam na mente de Irene como um eco que resistia em desaparecer. Um espesso banco de nuvens havia coberto o céu e o sol se ocultou, conferindo ao mar um tom plúmbeo e metálico. O vento era mais frio e Irene colocou de novo seu vestido. Esta vez Ismael apenas a observou enquanto se vestia, sinal de que o rapaz andava perdido em seus próprios pensamentos, fossem quais fossem.

O Kyaneos dobrou o cabo ao meio da tarde e pôs proa para a casa dos Sauvelle, enquanto a ilha do farol se inundava na neblina. Ismael

guiou o veleiro até o atracadouro e efetuou a manobra de amarração com sua habitual perícia, embora sua mente estivesse a muitas milhas daquele lugar.

Quando chegou o momento de se despedirem, Irene tomou a mão do rapaz.

— Obrigada por me levar a caverna. — disse, saltando para terra.

— Sempre me agradeces e não sei por que...

— Obrigada a você, por vir.

Irene ardia com o desejo de lhe perguntar quando voltariam a ver-se, mas uma vez mais seu instinto a aconselhou para guardar silêncio. Ismael liberou o cabo de proa e o Kyaneos se afastou na corrente.

Enquanto contemplava o veleiro partir, Irene se deteve na escadaria de pedra do escarpado. Um bando de gaivotas o escoltava no seu rumo para as luzes do cais. Mais à frente, entre as nuvens, a lua estendia uma ponte de prata sobre o mar, guiando o veleiro de volta ao povoado.

Irene percorreu o caminho através da escada de pedra exibindo um sorriso nos lábios que ninguém podia ver. Diabos, como gostava daquele rapaz...

Ao entrar em casa, Irene notou que algo estava errado. Tudo estava muito ordenado, muito tranquilo, muito silencioso. As luzes do salão do piso inferior banhavam a penumbra azulada daquela tarde de nuvens. Dorian, sentado em uma das poltronas, contemplava as chamas do lar em silêncio. Simone, de costas à porta, observava o mar da janela da cozinha, com uma xícara de café frio na mão. O único som era o murmúrio do vento acariciando as veletas do teto.

Dorian e sua irmã trocaram um olhar. Irene se aproximou da sua mãe e pousou uma mão sobre seu ombro. Simone Sauvelle se voltou. Havia lágrimas em seus olhos.

— O que aconteceu, mamãe?

Sua mãe a abraçou. Irene apertou as mãos de sua mãe entre as

suas. Estavam frias. Tremiam.

— É Hannah. — murmurou Simone.

Um longo silencio. O vento arranhou as portinhas da Casa do Cabo.

— Morreu. — acrescentou.

Lentamente, como um castelo de cartas, o mundo derrubou em redor de Irene.

Um Caminho de Sombras

A estrada que corria junto à Praia do Inglês refletia a tez do crepúsculo e estendia uma serpentina escarlate até ao povoado. Irene, pedalando na bicicleta de seu irmão, voltou a olhar para a Casa do Cabo. As palavras da Simone e o horror em seus olhos, ao ver sua filha abandonar a casa precipitadamente ao crepúsculo, ainda pesavam nela, mas a imagem de Ismael navegando rumo à notícia da morte da Hannah exercia mais força que qualquer remorso.

Simone lhe tinha explicado que, umas horas antes, dois excursionistas tinham encontrado o corpo da Hannah perto do bosque. Desde aquele momento, a notícia tinha despertado a desolação, a falação e a dor entre quem tinha tido a fortuna de conhecer a brincalhona moça.

Sabia-se que sua mãe, Elisabet, tinha sofrido uma crise nervosa ao conhecer os fatos e que permanecia sob os efeitos de sedativos administrados pelo doutor Giraud. Mas pouco mais.

Os rumores a respeito de uma antiga cadeia de criminosos que tinham perturbado a vida local anos atrás tinham voltado para a superfície. Havia quem quisesse ver na desgraça um novo fascículo na macabra saga de assassinatos por resolver que tinham tido lugar no bosque do Cravenmoore, durante a década dos anos vinte.

Outros preferiam esperar para conhecer mais detalhes a respeito das circunstâncias que tinham rodeado a tragédia. O vendaval de falações, entretanto, não arrojava luz alguma em relação a possível causa do falecimento. Os dois excursionistas que tinham tropeçado com o corpo levaram horas prestando declarações nas dependências da delegacia, e dois peritos forenses de La Rochelle — dizia-se — estavam em caminho. A partir daí, a morte da Hannah era um mistério.

Apressando-se tanto como pôde, Irene chegou ao povoado quando

o disco do sol se havia submergido totalmente no horizonte. As ruas estavam desertas e as poucas silhuetas que as percorriam o faziam em silêncio, como sombras sem dono. A moça deixou a bicicleta junto a um velho farol que iluminava o pé do beco, onde se localizava o lar dos tios do Ismael. A casa era uma construção singela e despretensiosa, um lar de pescadores junto à baía. A última mão de pintura acusava décadas, e a cálida luz de dois faróis de azeite desentranhava os rasgos de uma fachada lavrada pelo vento do mar e o salitre.

Irene, com o estômago encolhido, aproximou-se da soleira da casa, temerosa de bater na porta. Com que direito ousava perturbar a dor da família em um momento assim? No que estava pensando?

De repente deteve seus passos, incapaz de avançar nem de retroceder, dividida entre a dúvida e a necessidade de ver o Ismael, de estar a seu lado num momento como aquele. Nesse instante, a porta da casa se abriu, e a silhueta bojuda e severa do doutor Giraud, o médico local, desceu rua abaixo. Os olhos brilhantes, e escondidos atrás de lentes, do médico advertiram a presença de Irene na penumbra.

— Você é a filha de madame Sauvelle, verdade?

Ela assentiu.

— Se tiver vindo para ver o Ismael, não está na casa. — explicou Giraud — Quando soube de sua prima, tomou seu veleiro e partiu.

O médico detectou que o rosto da moça se tornava branco.

— É um bom marinheiro. Voltará.

Irene caminhou até a ponta do cais. A silhueta solitária do Kyaneos se recortava sobre as brumas, iluminado pela lua. A moça se sentou sobre a margem do dique e contemplou como o veleiro de Ismael seguia rumo a ilha do farol. Nada nem ninguém podia resgata-lo agora da solidão que tinha escolhido. Irene sentiu o desejo de agarrar um bote e perseguir o rapaz até aos limites de seu mundo secreto, mas sabia que qualquer esforço já era inútil.

Sentindo como o verdadeiro impacto da notícia começava a abrir

caminho em sua própria mente, Irene sentiu que seus olhos se enchiam de lágrimas. Quando o Kyaneos se desvaneceu na escuridão, tomou de novo a bicicleta e percorreu o caminho de volta a casa.

Enquanto percorria a estrada da praia, podia imaginar o Ismael sentado em silêncio na torre do farol, a sós consigo mesmo. Recordou as incontáveis ocasiões em que ela mesma tinha feito essa viagem para seu próprio interior, e prometeu a si própria que, acontecesse o que acontecesse, não deixaria que o rapaz se extraviasse naquele caminho de sombras.

Naquela noite o jantar foi breve. Um ritual de silêncios e olhares extraviados fez as vezes de anfitrião, enquanto Simone e seus dois filhos fingiam comer algo antes de retirarem-se para seus respectivos quartos. Por volta das onze, nenhuma alma percorria os corredores, e somente um abajur permanecia aceso em toda a casa: a lamparina de noite do Dorian.

Uma brisa fria penetrava pela janela aberta de seu quarto. Dorian, estendido em seu leito, escutava as vozes fantasmagóricas do bosque com o olhar perdido nas trevas. Pouco antes da meia-noite, o rapaz apagou a luz e se aproximou da janela. Um mar escuro de folhas se agitava ao vento na espessura. Dorian cravou seus olhos no redemoinho de sombras que dançava na densidade. Podia sentir aquela presença rondando na escuridão.

Mais à frente do bosque se distinguia a silhueta sinuosa do Cravenmoore e um retângulo dourado na última janela da ala norte. Súbitamente, da floresta surgiu um halo pestanejante e áureo. Luz no bosque. As luzes de uma lamparina ou uma lanterna na mata. O rapaz engoliu em seco. O rastro de pequenos brilhos aparecia e desaparecia traçando círculos no interior do bosque.

Um minuto mais tarde, vestindo um grosso pulôver e com suas botas de pele, Dorian se desceu a escada, nas pontas dos pés, e com infinita delicadeza, abriu a porta do alpendre. A noite era fria e o mar

rugia na escuridão, ao pé dos escarpados. Seus olhos seguiram o rastro que desenhava a lua, uma cinta chapeada serpenteando para o interior do bosque. Uma comichão no estômago o fez recordar a cálida segurança de seu quarto. Dorian suspirou.

As luzes perfuravam as brumas, como alfinetes brancos, entre a soleira do bosque. O rapaz pôs um pé frente ao outro e assim sucessivamente. Antes de dar-se conta, as sombras do bosque o rodearam, e a Casa do Cabo, em suas costas, pareceu-lhe longínqua, imensamente longínqua.

Nem toda a escuridão, nem todo o silêncio do mundo, podia fazer conciliar o sono a Irene naquela noite. Finalmente, por volta das doze, renunciou ao descanso e acendeu a pequena luz de sua mesa de cabeceira. O diário de Alma Maltisse repousava junto ao diminuto medalhão que seu pai lhe tinha oferecido anos atrás, uma efígie de um anjo lavrada em prata. Irene agarrou o diário entre as mãos e o abriu de novo na primeira página.

A caligrafia afiada e ondulante lhe deu as boas-vindas. A folha, impregnada de um tom ocre e mortiço, parecia um campo de centeio agitando-se ao vento. Lentamente, enquanto seus olhos acariciavam linha a linha, Irene empreendeu de novo sua viagem à memória secreta de Alma Maltisse.

Assim que voltou a primeira página, o feitiço das palavras a levaram para longe dali. Não podia ouvir o bater das ondas, nem o vento no bosque. Sua mente estava em outro mundo...

“... Ontem à noite os ouvi brigar na biblioteca. Lhe gritava e suplicava que o deixasse em paz, que abandonasse a casa para sempre. Disse-lhe que não tinha nenhum direito de fazer o que estava fazendo com nossas vidas. Nunca esquecerei o som daquela risada, um uivo animal de raiva e ódio que estalou por trás das paredes. O estrondo de milhares de livros voando das prateleiras se ouviu em toda a casa.

Sua ira é cada dia maior. Desde o momento que liberei essa besta de seu confinamento, foi ganhando força sem cessar.

Ele faz guarda ao pé de meu leito todas as noites. Sei que teme que, se me deixar sozinha um instante, a sombra virá até mim. Faz dias que não me diz que pensamentos ocupam sua mente, mas não faz falta. Não dormiu em semanas. Cada noite é uma espera terrível e interminável. Coloca centenas de velas em toda a casa, tentando semear de luz cada recanto, para evitar que a escuridão sirva de amparo à sombra. Seu rosto envelheceu dez anos em apenas um mês.

Às vezes acredito que é tudo minha culpa, que se eu desaparecesse, sua maldição se esfumaria comigo. Talvez é isso o que devo fazer, me afastar dele e ir a minha entrevista inevitável com a sombra. Só isso nos dará paz. O único que me impede de dar esse passo é que não suporto a ideia de deixá-lo. Sem ele, nada tem sentido. Nem a vida, nem a morte...”

Irene levantou o rosto do diário. O labirinto de dúvidas de Alma Maltisse a deixava muito desconcertante e, ao tempo, inquietantemente próximo. A linha entre a culpa e o desejo de viver parecia tênue, como uma lâmina envenenada. Irene apagou a luz. A imagem não se desvanecia de sua mente. Uma lâmina envenenada.

Dorian entrou no bosque seguindo o rastro das luzes que via brilhar entre a mata, reflexos que podiam vir de qualquer lugar. As folhas umedecidas pela neblina se transformavam em um leque de visões indecifráveis. O som de suas próprias pegadas se converteu agora em uma angustiante reclamação para si mesmo. Por fim, inspirou profundamente e recordou o seu propósito: não ia sair dali até saber o que era que se ocultava no bosque. Isso era tudo e não havia nada mais.

O rapaz se deteve a entrada da clareira onde tinha encontrado as

pegadas no dia anterior. O rastro agora era impreciso e apenas reconhecível. Aproximou-se até ao tronco rasgado e apalpou os entalhes. A ideia de uma criatura subindo a toda velocidade por entre as árvores, como um felino saído do inferno, filtrou-se em sua imaginação. Dois segundos mais tarde, o primeiro rangido, em suas costas, o percebeu da proximidade de alguém. Ou algo.

Dorian se escondeu entre a mata. As pontas afiadas dos arbustos o arranhavam como alfinetes. Conteve a respiração e rezou para que quem fosse que se estava aproximando não ouvisse o martelar do seu próprio coração, como ele o ouvia naquele momento. Aos poucos, as luzes a piscar que tinha avistado ao longe abriram caminho entre as frestas da mata, transformando a neblina flutuante num fôlego avermelhado.

Ouviram-se passos no outro lado dos arbustos. O rapaz fechou os olhos, imóvel como uma estátua. Os passos se detiveram. Dorian sentiu a falta de oxigênio, mas, no que a ele respeitava, podia passar os próximos dez anos sem respirar. Finalmente, quando acreditava que seus pulmões iriam estalar, duas mãos afastaram os ramos dos arbustos que o ocultavam. Seus joelhos se transformaram em gelatina. A luz de um lampião cegou suas pupilas. Depois de um intervalo que lhe pareceu infinito, o estranho pousou o lampião sobre o chão e se ajoelhou frente a ele. Um rosto vagamente familiar brilhava a seu lado, mas o pânico o impedia de reconhecê-lo. O estranho sorriu.

— Vamos ver. Pode-se saber o que é que está fazendo você aqui?
— disse a voz, serena e amável.

Em algum momento Dorian compreendeu que quem estava frente a ele era simplesmente Lazarus. Só então respirou.

Teve que passar um bom quarto de hora antes que a tremedeira desaparecesse das mãos do Dorian. Foi então quando Lazarus pôs nelas uma tigela de chocolate quente e se sentou frente a ele. Lazarus o tinha acompanhado até ao abrigo contíguo à fábrica de brinquedos.

Uma vez ali, tinha preparado suas tigelas de chocolate sem pressa.

Enquanto ambos bebiam ruidosamente e se observavam por cima da xícara, Lazarus pôs-se a rir.

— Deu-me um susto mortal, filho. — assegurou.

— Se lhe servir de consolo, não foi nada comparado com o que você me deu. — acrescentou Dorian, sentindo como o chocolate quente irradiava em seu estômago uma cálida sensação de calma.

— Disso não me resta dúvida. — riu Lazarus — Agora, me diga o que fazia ali fora.

— Vi luzes.

— Viu meu lampião. E por isso saiu? A meia-noite? Por acaso esqueceu o que aconteceu a Hannah?

Dorian engoliu em seco, embora lhe tivesse parecido uma bola de chumbo, de alto calibre.

— Não, senhor.

— Bem. Pois não o esqueça. É perigoso andar por aí na escuridão. Faz dias que tenho a impressão de que alguém ronda pelo bosque.

— Você também viu as marcas?

— Que marcas?

Dorian lhe relatou seus temores e inquietações a respeito daquela estranha presença que intuía no bosque. Ao princípio acreditava que não seria capaz, mas Lazarus inspirava a tranquilidade e a confiança necessárias para que sua língua se soltasse. Enquanto o rapaz fazia seu relato, Lazarus o escutava com atenção, mas sem ocultar certa estranheza e inclusive algum sorriso ante os detalhes mais fantásticos da recontagem.

— Uma sombra? — perguntou de repente Lazarus sobriamente.

— Você não acredita em nenhuma palavra do que lhe disse. — falou Dorian.

— Não, não. Acredito em você. Ou tento acreditar. Compreende que o que me diz é um tanto... peculiar. — disse Lazarus.

— Mas você também viu algo. Por isso estava no bosque. Não é? Lazarus sorriu.

— Sim. Também me pareceu ver algo, mas não posso dar tantos detalhes como você.

Dorian bebeu seu chocolate. — Mais? — ofereceu Lazarus.

O menino assentiu. A companhia do fabricante de brinquedos era agradável. A ideia de compartilhar uma xícara de chocolate com ele, de madrugada, tornava-se uma *experiência* excitante e educativa.

Jogando uma olhada à oficina onde se encontravam, Dorian percebeu, em uma das mesas de trabalho, uma silhueta poderosa e de grande envergadura estendida sob um manto que a cobria.

— Está trabalhando em algo novo? Lazarus assentiu.

— Quer que lhe mostre?

Os olhos do Dorian se abriram como pratos. Não era necessária resposta.

— Bom, deve ter em conta que é uma peça inacabada... — disse o homem, aproximando-se do manto e apontando o lampião.

— É um autômato? — perguntou o menino.

— A seu modo, sim. Na realidade, é uma peça um tanto extravagante, suponho. A ideia me rondou pela cabeça durante anos. De fato, foi um rapaz mais ou menos de sua idade quem me sugeriu isso faz muito tempo.

— Um amigo dele?

Lazarus sorriu, nostálgico. — Preparado? — perguntou.

Dorian assentiu com a cabeça energicamente. Lazarus retirou o véu que cobria a peça ... , e o menino, sobressaltado, deu um passo atrás.

— É só uma máquina, Dorian. Não precisa se assustar...

Dorian contemplou aquela poderosa silhueta. Lazarus tinha forjado um anjo de metal, um colosso de quase dois metros de altura dotado de duas grandes asas. O rosto de aço brilhava cinzelado sob um capuz.

Suas mãos eram imensas, capazes de rodear sua cabeça com o punho.

Lazarus tocou numa mola na base da nuca do anjo e a criatura mecânica abriu os olhos, dois rubis acesos como carvões ardentes. Estavam olhando-o. A ele.

Dorian sentiu que as vísceras se retorciam. — Por favor, pare... — suplicou.

Lazarus percebeu o olhar aterrorizado do rapaz e se apressou a cobrir de novo o autômato.

Dorian suspirou de alívio ao perder de vista aquele anjo demoníaco.

- Sinto muito. — disse Lazarus — Não deveria ter-lhe mostrado. É somente uma máquina, Dorian. Metal. Não deixe que sua aparência o assuste. É só um brinquedo.

O menino assentiu sem convicção alguma.

Lazarus se apressou em lhe servir uma nova xícara repleta de chocolate fumegante. Dorian sorveu ruidosamente o líquido espesso e reconfortante sob o atento olhar do fabricante de brinquedos. Ao beber meia xícara, observou Lazarus e ambos trocaram um sorriso.

— Grande susto, né? — perguntou o homem. O menino riu nervosamente.

— Deve pensar que sou uma galinha.

— Ao contrário. Muito poucos se atreveriam a sair para investigar pelo bosque, depois do que se passou com a Hannah.

— O que você acha que aconteceu?

Lazarus encolheu os ombros.

— É difícil de dizer. Suponho que teremos de esperar que a polícia acabe sua investigação.

— Sim, mas...

— Mas...?

— E se realmente há algo no bosque? — insistiu Dorian. — A

sombra?

Dorian assentiu gravemente.

— Ouviu falar alguma vez do Doppelganger? — perguntou Lazarus.

O rapaz negou. Lazarus o observou de relance. — É um termo alemão. — explicou — Se usa para descrever a sombra de uma pessoa que, por algum motivo, desprende-se de seu dono. Quer ouvir uma curiosa história a respeito?

— Por favor...

Lazarus se acomodou numa cadeira frente ao rapaz e extraiu um longo charuto. Dorian tinha aprendido no cinema que aquela espécie de torpedo atendia pelo nome de havano e que, além de custar uma fortuna, desprendia um aroma acre e penetrante ao queimar. De fato, depois da Greta Garbo, Groucho Marx era seu herói dos matinais dominicais. O povoado plano se limitava a farejar a fumaça em segunda mão. Lazarus estudou o charuto e voltou a guardá-lo, intacto, preparado para começar seu relato.

— Bem. A história em si me contou um colega já faz algum tempo. O ano é 1915. O lugar, a cidade de Berlim...

"De todos os relojoeiros da cidade de Berlim, nenhum era tão ciumento de seu trabalho e tão perfeccionista em seus métodos como Hermann Blocklin. De fato, sua obsessão por chegar a criar os mecanismos mais precisos o tinha levado a desenvolver uma teoria sobre a relação entre o tempo e a velocidade a que a luz se deslocava pelo universo. Blocklin vivia rodeado de relógios em uma pequena moradia que ocupava a traseira de seu estabelecimento, na Henrichstrasse. Era um homem solitário. Não tinha família. Não tinha amigos. Seu único companheiro era um velho gato, Salman, que passava horas em silêncio a seu lado, enquanto Blocklin dedicava horas e dias inteiros a sua ciência, na sua oficina. Ao longo dos anos, seu interesse chegou a converter-se em obsessão. Não era estranho

que fechasse sua loja ao público durante dias completos. Dias de vinte e quatro horas sem descanso, que dedicava a trabalhar em seu projeto de sonho: o relógio perfeito, a máquina universal de medição do tempo."

"Um desses dias, quando fazia duas semanas que uma tormenta de frio e neve açoitava Berlim, o relojoeiro recebeu a visita de um estranho cliente, um distinto cavalheiro chamado Andreas Corelli. Corelli vestia um luxuoso traje de um branco reluzente e seus cabelos, longos e acetinados, eram lisos. Seus olhos se ocultavam por trás de duas lentes negras. Blocklin lhe anunciou que a loja estava fechada ao público, mas Corelli insistiu, alegando que tinha viajado desde muito longe só para visitá-lo. Explicou-lhe que estava ao corrente de seus êxitos técnicos, e inclusive os descreveu com detalhe, o qual intrigou sobremaneira o relojoeiro, convencido de que seus achados, até a data, eram um mistério para o mundo. "

"O pedido do Corelli não foi menos estranha."

"Blocklin devia construir um relógio para ele, mas um relógio especial. Suas agulhas deviam girar em sentido inverso. A razão deste pedido era que Corelli padecia uma enfermidade mortal que teria que extinguir sua vida em questão de meses. Por esse motivo, desejava ter um relógio que contasse as horas, os minutos e os segundos que lhe subtraíam de vida."

"Tão extravagante petição vinha acompanhada por uma ainda mais que generosa oferta econômica. E mais, Corelli lhe garantiu a concessão de recursos econômicos para financiar toda sua investigação, por toda a vida. Em troca, somente deveria dedicar umas semanas a criar aquele engenho."

"É desculpável dizer que Blocklin aceitou o trato."

"Passaram duas semanas de intenso trabalho em sua oficina. Blocklin estava submerso em sua tarefa quando, dias mais tarde, Andreas Corelli voltou a aparecer a sua porta. O relógio estava já terminado. Corelli, sorridente, examinou-o e, depois de elogiar o

trabalho realizado pelo relojoeiro, disse-lhe que sua recompensa resultava mais que merecida. Blocklin, exausto, confessou-lhe que tinha posto toda sua alma naquela encomenda. Corelli assentiu. Depois deu corda ao relógio e deixou que começasse a girar seu mecanismo. Entregou um saco de moedas de ouro a Blocklin e se despediu dele."

"O relojoeiro estava fora de si de gozo e cobiça, contando suas moedas de ouro, quando percebeu sua imagem no espelho. Viu-se mais velho, abatido. Tinha estado trabalhando muito. Resolveu tomar uns dias livres e retirou-se para descansar."

"No dia seguinte, um sol deslumbrante penetrou por sua janela. Blocklin, ainda cansado, aproximou-se para lavar a cara e observou de novo seu reflexo. Mas desta vez, um estremecimento lhe percorreu o corpo. Na noite anterior, quando se tinha deitado, seu rosto era o de um homem de quarenta e um anos, cansado e esgotado, mas ainda jovem. Hoje tinha frente a si a imagem de um homem rumo aos seus sessenta aniversários. Apavorado, saiu ao parque para tomar ar. Ao voltar para a loja, examinou de novo sua imagem. Um ancião o observava ao espelho. Preso do pânico, saiu à rua e tropeçou com um vizinho, que lhe perguntou se tinha visto o relojoeiro Blocklin. Hermann, histérico, pôs-se a correr."

"Passou aquela noite num recanto de um botequim pestilento na companhia de criminosos e indivíduos de duvidosa reputação. Algo é melhor que estar sozinho. Sentia sua pele encolher-se minuto a minuto. Seus ossos pareciam muito quebradiços. Sua respiração, dificultosa."

"Despontava a meia-noite quando um estranho lhe perguntou se podia tomar assento junto a ele. Blocklin o olhou. Era um homem jovem e de aparência agradável, de apenas uns vinte anos. Seu rosto lhe parecia desconhecido, à exceção das lentes negras que cobriam seus olhos. Blocklin sentiu que o coração lhe dava um tombo. Corelli..."

"Andreas Corelli se sentou frente a ele e extraiu o relógio que Blocklin tinha forjado dias atrás. O relojoeiro, desesperado, perguntou-

lhe que estranho fenômeno era aquele que o estava afetando. Por que envelhecia segundo a segundo? Corelli lhe mostrou o relógio. As agulhas giravam lentamente em sentido inverso. Corelli lhe recordou suas palavras, que tinha posto sua alma naquele relógio. Por esse motivo, a cada minuto que passava, seu corpo e sua alma envelheciam progressivamente."

"Blocklin, cego de terror, suplicou-lhe ajuda. Disse-lhe que estava disposto a fazer algo, a renunciar ao que quer que fosse, para recuperar sua juventude e sua alma. Corelli sorriu e lhe perguntou se estava seguro disso. O relojoeiro reafirmou: qualquer coisa."

"Corelli disse então que estava disposto a lhe devolver o relógio e com ele sua alma, em troca de algo que, de fato, não era de utilidade alguma ao Blocklin: sua sombra. O relojoeiro, desconcertado, perguntou-lhe se esse era todo o preço que tinha que pagar, uma sombra. Corelli assentiu e Blocklin aceitou o trato."

"O estranho cliente extraiu um frasco de vidro, tirou a tampa e o colocou sobre a mesa. Em um segundo, Blocklin contemplou como sua sombra se introduzia no interior do frasco, igual a um torvelinho de gás. Corelli fechou o frasco e, despedindo-se do Blocklin, partiu na noite. Assim que o estranho desapareceu pela porta do botequim, o relógio que sustentava nas mãos inverteu o sentido em que giravam as agulhas."

"Quando Blocklin chegou a sua casa, à alvorada, seu rosto era o de um homem jovem de novo. O relojoeiro suspirou com alívio. Mas outra surpresa o esperava ainda. Salman, seu gato, não aparecia em nenhuma parte. Buscou-o por toda a casa e, quando finalmente deu com ele, uma sensação de horror o invadiu. O animal pendia pelo pescoço num cabo, unido a um abajur de sua oficina. Sua mesa de trabalho estava derrubada e suas ferramentas espalhadas pela sala. Dir-se-ia que um tornado tinha passado por aquele lugar. Tudo estava

destroçado. Mas havia mais: marcas nas paredes. Alguém tinha escrito desajeitadamente sobre os muros uma palavra incompreensível: "

"O relojoeiro estudou aquele traço obscuro e demorou mais de um minuto para compreender seu significado. Era seu próprio nome, invertido. Nilkolb. Blocklin. Uma voz sussurrou em suas costas e, quando Blocklin se voltou, viu-se enfrentado um escuro reflexo de si mesmo, uma miragem diabólica de seu próprio rosto."

"Então, o relojoeiro compreendeu. Era sua sombra quem o observava. Sua própria sombra, desafiante. Tratou de apanhá-la, mas a sombra riu como uma hiena e se pulverizou pelos muros. Blocklin, apavorado, viu como sua sombra agarrava então uma longa faca e fugia pela porta, perdendo-se na penumbra."

"O primeiro crime em Henrichstrasse teve lugar aquela mesma noite. Várias testemunhas declararam ter visto o relojoeiro Blocklin esfaquear a sangue frio aquele soldado que passeava de madrugada pelo beco. A polícia o prendeu e o submeteu a um longo interrogatório. Na noite seguinte, enquanto Blocklin permanecia sob custódia em sua cela, duas novas mortes tiveram lugar. As pessoas começaram a falar de um misterioso assassino que se movia nas sombras da noite de Berlim. Blocklin tentou explicar às autoridades o que estava acontecendo, mas ninguém quis escutá-lo. Os periódicos especulavam sobre a misteriosa possibilidade de um assassino que conseguia, noite após noite, escapar de sua cela de máxima segurança, para perpetuar os mais espantosos crimes que se recordavam na cidade de Berlim."

"O terror da sombra de Berlim durou vinte e cinco dias exatamente. O final daquele estranho caso chegou tão inesperada e inexplicavelmente como seu início. Na madrugada daquele 12 de janeiro de 1916, a sombra do Hermann Blocklin se introduziu na tétrica prisão da polícia secreta. Uma sentinela que montava guarda junto à cela jurou que tinha visto o Blocklin lutar com uma sombra e que, em um momento da briga, o relojoeiro tinha apunhalado a sombra. Ao

amanhecer, a mudança de guarda encontrou o Blocklin morto em sua cela com uma ferida no coração."

"Dias mais tarde, um desconhecido chamado Andreas Corelli se ofereceu para pagar os gastos do enterro de Blocklin, na fossa comum do cemitério de Berlim. Ninguém, à exceção do coveiro e um estranho indivíduo que levava lentes negras, assistiu à cerimônia."

"O caso dos crimes de Henrichstrasse segue em aberto e sem resolução nos arquivos da polícia de Berlim."

— Uau. — sussurrou Dorian finalizado o relato do Lazarus — E isso aconteceu realmente?

O fabricante de brinquedos sorriu.

— Não. Mas sabia que você adoraria a história.

Dorian afundou os olhos em sua xícara. Compreendeu que Lazarus tinha urdido aquele relato simplesmente para lhe apagar o susto do anjo mecânico. Um bom truque, mas um truque ao fim ao cabo. Lazarus lhe bateu no ombro desportivamente.

— Parece-me que se faz um pouco tarde para bancar os detetives. — observou — Vamos, acompanharei você até em casa.

— Promete-me que não dirá nada a minha mãe? — suplicou Dorian.

— Só se você me prometer que não voltará a passear pelo bosque só e de noite; não enquanto não se esclarecer o que aconteceu a Hannah...

Ambos sustentaram o olhar.

— Trato feito. — concordou o menino.

Lazarus estreitou sua mão como um bom homem de negócios. Logo, oferecendo um sorriso misterioso, o fabricante de brinquedos se aproximou de um armário e extraiu uma caixa de madeira. Ofereceu a caixa a Dorian.

— O que é? — perguntou o rapaz, intrigado.

— Mistério. Abra.

Dorian começou a abrir a caixa. A luz dos lampiões revelou uma figura de prata do tamanho de sua mão. Dorian olhou para o Lazarus, boquiaberto. O fabricante de brinquedos sorriu.

— Deixe que lhe mostre como funciona.

Lazarus tomou a figura e a colocou sobre a mesa.

A uma simples pressão de seus dedos, a figura se desdobrou e revelou sua natureza. Um anjo. Idêntico ao que tinha visto, na escala.

— Com esse tamanho, não pode assustar você, né?

Dorian assentiu, entusiasmado.

— Então, este será seu anjo da guarda. Para proteger você das sombras...

Lazarus escoltou o Dorian através do bosque até a Casa do Cabo, enquanto lhe explicava os mistérios e técnicas da fabricação de autômatos e de mecanismos cuja complexidade e engenho lhe pareciam primos irmãos da magia. Lazarus parecia saber tudo e tinha resposta para as questões mais rebuscadas e trapaceiras. Não havia modo de enganá-lo. Ao chegar ao extremo do bosque, Dorian estava fascinado e orgulhoso com seu novo amigo.

— Lembra de nosso pacto, né? — sussurrou Lazarus — Sem mais excursões noturnas.

Dorian negou com a cabeça e saiu rumo à casa. O fabricante de brinquedos esperou no lado de fora e não se retirou até que o menino tivesse chegado ao seu quarto e o saudou da janela. Lazarus lhe devolveu a saudação e entrou de novo nas sombras do bosque.

Estendido na cama, Dorian levava ainda o sorriso colado ao rosto. Todas suas preocupações e angústias pareciam ter-se evaporado. Relaxado, o rapaz abriu a caixa e extraiu o anjo mecânico que lhe tinha oferecido Lazarus. Era uma peça perfeita, de uma beleza sobrenatural. A complexidade do mecanismo trazia ecos de uma ciência misteriosa e cativante. Dorian deixou a figura no chão, ao pé de seu leito, e apagou a luz. Lazarus era um gênio. Essa era a palavra. Dorian tinha-a ouvida

centenas de vezes e sempre ficava surpreendido como a empregavam quando na realidade não se ajustava aos aludidos de nenhuma maneira. Finalmente, ele tinha conhecido um verdadeiro gênio. E, além disso, era seu amigo.

O entusiasmo deu lugar a um sonho irresistível.

Dorian se rendeu à fadiga e deixou que sua mente o levasse para uma aventura onde ele, herdeiro da ciência do Lazarus, inventava uma máquina que apanhava sombras e liberava o mundo de uma sinistra organização maléfica.

Dorian já dormia quando, sem prévio aviso, a figura começou a desdobrar suas asas lentamente. O anjo metálico inclinou a cabeça e elevou um braço. Seus olhos negros, duas lágrimas de obsidiana, brilhavam na penumbra.

Incógnito

Três dias passaram sem que Irene recebesse notícia alguma do Ismael. Não havia rastro do rapaz no povoado, e seu veleiro não se via no cais. Uma tormenta varria a costa da Normandia e estendia um manto de cinza sobre a baía que teria que prolongar-se quase uma semana.

As ruas do povoado permaneciam entorpecidas sob o tênue chuvisco na manhã em que Hannah fez sua última viagem até ao pequeno cemitério, no alto da colina que se elevava no nordeste de Baía Azul. A procissão chegou até as portas do recinto e, por expresso desejo da família, a cerimônia final se celebrou na mais estrita intimidade, enquanto as pessoas do povoado voltavam para suas casas sob a chuva, em silêncio, à sombra da lembrança da moça.

Lazarus se ofereceu para acompanhar a Simone e seus filhos de volta à Casa do Cabo enquanto a congregação se dispersava como um banco de névoa ao amanhecer. Foi então quando Irene avistou a silhueta solitária do Ismael, no alto do penhasco que coroava os escarpados à beira do cemitério, contemplando o mar de chumbo. Bastou um olhar entre ela e sua mãe para que Simone assentisse e a deixasse partir. Pouco depois, o carro do Lazarus se afastava pela estrada da ermida do Saint Roland e Irene ascendia o caminho que conduzia até aos escarpados.

No horizonte se distinguia o fragor de uma tormenta elétrica sobre o mar, acendendo mantos de luz por trás das nuvens, que semelhavam a tanques de metal candente. A moça encontrou Ismael sentado sobre uma rocha, o olhar perdido no oceano. Ao longe, a ilha do farol e o cabo se perdiam na neblina.

De volta ao povoado e sem prévio aviso, Ismael revelou a Irene seu paradeiro durante os últimos três dias. O rapaz iniciou seu relato do momento em que teve conhecimento da notícia.

Tinha partido no Kyaneos rumo à ilha do farol, tentando escapar de um sentimento do qual não havia escapatória possível. As horas que se seguiram até à alvorada lhe permitiram esclarecer sua mente e concentrar sua atenção numa nova luz ao fim do túnel: desmascarar o responsável por aquela desgraça e fazê-lo pagar por isso. O desejo de vingança parecia ser o único antídoto capaz de mitigar a dor.

As explicações do delegado não lhe satisfaziam absolutamente. O secretismo com que as autoridades locais tinham levado o caso lhe resultava, quando menos, suspeito. Em algum momento prévio, ao amanhecer do seguinte dia, Ismael já tinha decidido iniciar suas próprias pesquisas. A qualquer preço. A partir daí, não havia regras. Naquela mesma noite Ismael entrou no improvisado laboratório forense do doutor Giraud. Com a ajuda de sua audácia e algumas pinças quebrou os elos das correias e tudo o que se interpunha.

Irene escutou, a meio caminho entre o assombro e a incredulidade, como Ismael se introduziu nas fúnebres dependências, esperando que Giraud se retirasse, e então, entre a neblina do exterior e uma penumbra espectral, tinha procurado cuidadosamente nos arquivos do doutor a pasta referente à Hannah.

De onde ele tinha tirado o sangue-frio necessário para semelhante ato estava por descobrir, mas evidentemente não estava preparado para o dueto de cadáveres que encontrou, cobertos por véus. Pertenciam a um par de mergulhadores que tinham tido a má sorte de se afundarem numa corrente submarina no estreito de La Rochelle, na noite anterior, enquanto tratavam de recuperar a carga de um veleiro encalhado no recife.

Irene, pálida como uma boneca de porcelana, escutou o macabro relato do princípio ao fim, incluindo o tropeção do Ismael numa das mesas de operações. Uma vez que a narração do rapaz retornou ao ar livre, a jovem suspirou. Ismael tinha levado a pasta para o seu veleiro e tinha passado duas horas tentando entender a selva de palavras e gíria

médica do doutor Giraud.

Irene engoliu em seco.

— Como morreu, então? — murmurou. Ismael olhou diretamente aos olhos. Um estranho brilho reluzia nos seus.

— Não sabem como. Mas sim sabem por que. Segundo o relatório, o juízo oficial é parada cardíaca — explicou — Mas, em sua análise final, Giraud anotou que, em sua opinião pessoal, Hannah viu algo no bosque que lhe provocou um ataque de pânico.

Pânico. A palavra se perdeu no eco de sua mente. Sua amiga Hannah havia morrido de medo, e o que fora que tinha causado aquele terror seguia no bosque.

— Foi no domingo, não? — disse Irene — Algo teve que acontecer durante esse dia...

Ismael assentiu lentamente. Era óbvio que o rapaz tinha pensado no mesmo muito antes que ela.

— Ou na noite anterior. — sugeriu Ismael.

Irene lhe dirigiu um olhar de estranheza.

— Hannah passou essa noite no Cravenmoore. No dia seguinte, não havia já rastro dela. Não até que a encontraram morta, no bosque. - disse o rapaz.

— O que quer dizer?

— Estive no bosque. Há marcas. Galhos partidos. Houve uma luta. Alguém perseguiu a Hannah desde a casa.

— Desde Cravenmoore?

Ismael assentiu de novo.

— Precisamos saber o que é que aconteceu no dia anterior a seu desaparecimento. Talvez isso explique quem ou o quê a perseguiu no bosque.

— E como podemos fazer isso? Quero dizer a polícia... — disse Irene. — Só me ocorre um modo.

— Cravenmoore. — murmurou ela.

— Exatamente. Esta noite...

O crepúsculo abria frestas de cobre entre o manto de nuvens tormentosas em trânsito no horizonte. À medida que as sombras se estendiam sobre a baía, a noite deixava ver um clarão na abóbada do céu, através do qual se podia apreciar o círculo de luz quase perfeito que perfilava a lua crescente. Sua luz de prata desenhava uma tapeçaria de reflexos no quarto de Irene. A moça elevou por um momento o rosto do diário de Alma Maltisse e contemplou aquela esfera que lhe sorria do firmamento. Vinte e quatro horas mais e sua circunferência seria completa. A terceira lua cheia do estio. A noite das máscaras em Baía Azul.

Neste momento, entretanto, a silhueta da lua adquiriu outro significado para ela. Dentro de poucos minutos iria a sua entrevista secreta com o Ismael na soleira do bosque. A ideia de atravessar o negrume e introduzir-se nas profundidades insondáveis de Cravenmoore lhe parecia agora uma imprudência. Ou melhor, um disparate. Por outro lado, sentia-se tão incapaz de falhar com Ismael nesses momentos como se havia sentido naquela mesma tarde, quando o rapaz tinha anunciado sua intenção de ir à mansão do Lazarus Jann em busca de respostas a respeito da morte da Hannah. Como não podia esclarecer seus pensamentos, a moça retornou ao diário de Alma Maltisse e se refugiou em suas páginas.

“... Faz três dias que não sei nada dele. Partiu de improviso a meia-noite, convencido de que, se se afastasse de mim, a sombra o seguiria a ele. Não quis me dizer aonde se dirigia, mas suspeito que procurou refúgio na ilha do farol. Sempre foi a esse lugar solitário em busca de paz, e tenho a impressão que desta vez retornou ali, como um menino aterrorizado, a enfrentar o seu pesadelo. Sua ausência, entretanto, tem-me feito duvidar de quanto tinha acreditado até agora. A sombra não

voltou nestes três dias. Permaneci encerrada em minha habitação, rodeada de luzes, velas e lampiões de azeite. Nem um só recanto da estadia permanecia na escuridão. Logo pude conciliar o sono.

Enquanto escrevo estas linhas, em plena noite, posso ver desde minha janela a ilha do farol entre a névoa. Uma luz brilha entre as rochas. Sei que é ele, sozinho, confinado na prisão a qual se condenou. Não posso permanecer nenhuma hora mais aqui. Se devemos enfrentar este pesadelo, desejo que o façamos juntos. E se devemos perecer no intento, que igualmente o façamos unidos.

Já não me importa viver um dia mais ou menos nesta loucura. Estou certa de que a sombra não nos dará trégua. Não posso suportar outra semana mais como esta. Tenho a consciência limpa e minha alma está em paz consigo mesma. O medo dos primeiros dias já é agora só cansaço e desesperança.

Amanhã, enquanto as pessoas do povoado celebram o baile de máscaras na praça principal, tomarei um bote no porto e partirei em sua busca. Não me importam as consequências. Estou preparada para aceitá-las. Basta-me estar a seu lado e ajudá-lo até ao último momento.

Algo dentro de mim me diz que talvez reste ainda uma possibilidade para nós de voltar a viver uma vida normal, feliz, em paz. Não aspiro a nada mais...”

O impacto de uma minúscula pedra sobre sua janela a arrancou da leitura. Irene fechou o diário e deu uma olhada ao exterior. Ismael esperava na soleira do bosque. Lentamente, enquanto colocava um grosso casaco de malha, a lua se ocultou atrás das nuvens.

Irene observou cuidadosamente a sua mãe do alto da escada. Uma vez mais, Simone se tinha rendido ao sono em sua poltrona favorita, frente a janela que contemplava a baía. Um livro jazia sobre seu regaço e suas lentes de leitura permaneciam colocados sobre seu nariz como um trenó em um trampolim. Em um recanto, um rádio de madeira

lavrada com caprichosos motivos de art nouveau sussurrava os acordes iniciais de uma série de detectives. Aproveitando semelhante camuflagem, Irene passou nas pontas dos pés frente a Simone e entrou na cozinha, que dava para o pátio traseiro da Casa do Cabo. Toda a operação apenas demorou quinze segundos.

Ismael a esperava do lado de fora provido de um casaco curto de pele, calças de trabalho e um par de botas, que pareciam ter feito o caminho de ida e volta a Constantinopla meia dúzia de vezes. A brisa noturna arrastava uma fria neblina da baía, estendendo uma grinalda de trevas dançantes sobre o bosque.

Irene abotoou até acima seu casaco e assentiu em silêncio ao olhar atento do rapaz. Sem dizer palavra, ambos penetraram no caminho que atravessava a espessura do bosque. Uma variedade de sons invisíveis povoava as sombras. O som das folhas agitando-se ao vento mascarava o rumor do mar rompendo nos escarpados. Irene seguiu os passos do Ismael entre a mata. O rosto da lua se deixava adivinhar fugazmente entre as nuvens que cavalgavam sobre a baía, inundando o bosque em um fantasmagórico estado de penumbra piscando. Ao meio do trajeto, Irene agarrou a mão de Ismael e não a soltou até que a silhueta do Cravenmoore se elevou frente a eles.

A um sinal do rapaz, detiveram-se atrás do tronco de uma árvore ferida de morte por um raio. No espaço de uns segundos, a lua rasgou o cortinado aveludado das nuvens e um halo de claridade varreu a fachada do Cravenmoore, desenhando cada um de seus relevos e contornos e traçando o hipnótico retrato de uma estranha catedral perdida nas profundidades de um bosque maldito. A fugaz visão se cindiu num lago de escuridão, e um retângulo de luz dourada se desenhcou ao pé da mansão. A silhueta do Lazarus Jann pôde apreciar-se na soleira da porta principal. O fabricante de brinquedos fechou a porta em suas costas e lentamente desceu os degraus rumo ao caminho que rodeava o arvoredos.

-É Lazarus. Todas as noites dá um passeio pelo bosque. - murmurou Irene.

Ismael assentiu em silêncio e reteve a garota, seus olhos cravados na figura do fabricante de brinquedos que se encaminhava para a soleira do bosque, em sua direção. Irene dirigiu um olhar inquisitivo a Ismael. O rapaz deixou escapar um suspiro e examinou nervosamente os arredores. Os passos do Lazarus se fizeram audíveis. Ismael agarrou o braço de Irene e a empurrou para o interior do tronco morto da árvore.

— Por aqui. Rápido! — sussurrou.

O interior do tronco estava impregnado de um profundo fedor a umidade e a podridão. A claridade exterior se filtrava através de pequenos orifícios abertos ao longo da madeira morta e desenhava uma improvável escada de degraus de luz, que subiam pelo interior do tronco cavernoso. Irene sentiu um formigueiro no estômago. A dois metros por cima deles percebeu uma fila de diminutos pontos luminosos. Olhos. Um grito pugnou por escapar de sua garganta. A mão do Ismael se adiantou. O alarido se afogou em seu interior enquanto o rapaz a mantinha segura.

— São só morcegos, pelo amor de Deus! Fique quieta! — sussurrou-lhe enquanto os passos do Lazarus rodeavam o tronco, rumo ao bosque.

Sabidamente, Ismael manteve a mordaça sobre a boca de Irene até que as passadas do proprietário do Cravenmoore se perderam no interior do bosque. As asas invisíveis dos morcegos se agitaram na escuridão. Irene sentiu o ar sobre seu rosto e o fedor ácido dos animais.

— Pensei que não se assustava com os morcegos... — disse Ismael — Vamos andando.

Irene o seguiu através do jardim do Cravenmoore em direção à parte traseira da mansão. A cada passo que dava, a garota se repetia que não havia ninguém na casa e que a sensação de ser observada era uma simples ilusão de sua mente.

Alcançaram a ala que conectava com a antiga fábrica de brinquedos do Lazarus e se detiveram frente à porta que parecia ser uma oficina ou uma sala de ensabladura. Ismael extraiu uma navalha e desdobrou a folha. O reflexo da lâmina brilhou na escuridão. O rapaz introduziu a ponta da faca na fechadura da porta e apalpou cuidadosamente o mecanismo interno do fecho.

-Afaste-se para um lado. Necessito mais luz.

Irene se retirou uns passos e escrutinou a penumbra que reinava no interior da fábrica de brinquedos. Os vidros estavam nublados por anos de abandono e resultava praticamente impossível decifrar as formas que havia do outro lado.

— Vamos, vamos... — murmurou Ismael para si, enquanto seguia trabalhando no fecho.

Irene o observou e sossegou a voz interior que começava a sugerir que entrar ilegalmente em propriedade alheia não era uma boa ideia. Finalmente, o mecanismo da fechadura cedeu com um estalo quase inaudível. Um sorriso iluminou o rosto do Ismael. A porta se separou alguns centímetros.

— Pão comido. — disse, abrindo-a lentamente.

— Vamos depressa. — disse Irene — Lazarus não estará fora muito tempo.

Ismael penetrou no interior, Irene inspirou profundamente e o seguiu. O interior estava banhado por uma densa neblina de pó preso numa claridade mortiça que flutuava como uma nuvem de vapor. O aroma de diferentes produtos químicos impregnava o ambiente. Ismael fechou a porta em suas costas e ambos enfrentaram um mundo de sombras indecifráveis. Os restos da fábrica de brinquedos do Lazarus Jann jaziam na escuridão, consumidos num sono perpétuo.

— Não se vê nada. — murmurou Irene, reprimindo sua ânsia por sair daquele lugar quanto antes.

— Temos que esperar que nossos olhos se acostumem à penumbra. É questão de segundos. — sugeriu Ismael sem muita convicção.

Os segundos passaram em vão. O manto de negrume, que velava a sala da fábrica do Lazarus, não se desvaneceu. Irene tentava adivinhar um caminho quando seus olhos repararam em uma figura erguida e imóvel que se elevava uns metros mais à frente.

Um espasmo de terror lhe martelou o estômago. — Ismael, há alguém mais aqui... — disse a moça, aferrando-se ao braço do menino com força.

Ismael escrutinou a penumbra e engoliu em seco. Uma figura com os braços estendidos flutuava, suspensa. A silhueta oscilava lentamente, como um pêndulo, e uma larga cabeleira caía sobre seus ombros. Com mãos trementes, o rapaz apalpou o bolso de sua jaqueta e extraiu uma caixa de fósforos. A figura permanecia imóvel, como uma estátua viva disposta a saltar sobre eles logo acendesse a luz.

Ismael acendeu o fósforo e o brilho da chama os cegou momentaneamente. Irene se agarrou a ele com força.

Segundos mais tarde, a visão que surgiu ante seus olhos lhe arrebatou a força dos músculos. Uma intensa onda de frio lhe percorreu o corpo. Ante ela, balançando-se à luz da chama a piscar, encontrava-se o corpo de sua mãe, Simone, suspenso do teto com os braços estendidos.

- Meu Deus ...

A figura girou lentamente sobre si mesma e revelou o outro flanco de suas feições. Cabos e engrenagens brilharam na tênue claridade. O rosto estava dividido em duas metades e somente uma delas estava finalizada.

— É uma máquina, simplesmente uma máquina. - disse Ismael, tentando tranquilizá-la.

Irene contemplou a macabra imitação da Simone. Suas feições. A

cor de seus olhos, de seu cabelo. Cada marca sobre a pele, cada linha de seu rosto estava reproduzida numa máscara inexpressiva e arrepiante.

— O que está acontecendo aqui? — perguntou.

Ismael indicou o que parecia ser uma porta de entrada para a casa, no outro extremo da oficina.

— Por aqui. — indicou, afastando Irene daquele lugar e da sinistra figura suspensa no ar.

A moça, ainda sob o efeito daquela aparição, seguiu-o, aturdida e aterrorizada.

Um instante depois, a chama do fósforo que Ismael segurava se extinguiu e a escuridão surge em torno deles de novo.

Logo que alcançaram a porta que conduzia para o interior do Cravenmoore, o manto de sombras que se estendeu a seus pés, se desdobrou em suas costas como uma flor negra, adquirindo volume e deslizando sobre os muros. A sombra se dirigiu para as mesas de trabalho da oficina e seu rastro tenebroso percorreu o manto branco que cobria a figura daquele anjo mecânico que Lazarus tinha mostrado a Dorian na noite anterior. Lentamente, a sombra se filtrou sob as comissuras do lençol e sua massa vaporosa penetrou através das juntas da estrutura metálica.

A silhueta da sombra desapareceu completamente no interior daquele corpo de metal. Um bafo de geada se estendeu sobre a criatura mecânica formando uma teia gelada. Logo, os olhos do anjo se abriram lentamente na escuridão, dois rubis acesos sob o manto.

A titânica figura se levantou lentamente e abriu suas asas. Lentamente, pousou ambos os pés sobre o chão. As garras arranharam a superfície da madeira, deixando entalhes a sua passagem. O manto de luz azulada que flutuava no ar apanhou a espiral de fumaça que ascendia do fósforo apagado que Ismael tinha solto. O anjo a atravessou e se perdeu nas trevas, seguindo os passos de Ismael e Irene.

A Noite Transfigurada

O eco longínquo de um repico insistente arrancou Simone de um mundo de aquarelas dançantes e luas que se fundiam em moedas de prata candente. O som chegou de novo aos seus ouvidos, mas desta vez Simone despertou completamente e compreendeu que de novo o sono tinha-se apoderado dela, com seu intento de avançar algum capítulo antes da meia-noite. Enquanto recolhia suas lentes de leitura, ouviu de novo aquele som e pela primeira vez o identificou. Alguém estava golpeando brandamente com os nódulos a janela que dava para o alpendre. Simone se levantou e reconheceu o rosto sorridente do Lazarus no outro lado do vidro. Imediatamente sentiu que suas faces se ruborizavam. Enquanto abria a porta observou sua imagem no espelho do saguão. Um desastre.

— Boa noite, madame Sauvelle. Talvez não seja este um bom momento... — disse Lazarus.

— Absolutamente. Me... O certo é que estava lendo e fiquei completamente adormecida.

— Isso significa que deve você trocar de livro. — indicou Lazarus.

— Suponho que sim. Mas entre, por favor.

— Não queria importuna-la.

— Não diga tolices. Entre, por favor.

Lazarus assentiu amavelmente e entrou na casa.

Seus olhos traçaram um rápido reconhecimento do lugar. — A Casa do Cabo nunca esteve melhor. — comentou — Felicito-a.

— Todo o mérito é de Irene. Ela é a decoradora da família. Uma xícara de chá? Café?...

— Um chá seria perfeito, mas...

— Nenhuma palavra mais. Também me cairá bem.

Seus olhares se cruzaram por um instante. Lazarus sorriu

calidamente. Simone, subitamente sobressaltada, baixou o olhar e se concentrou em preparar o chá para ambos.

— Perguntar-se o porquê de minha visita. — começou o fabricante de brinquedos.

Efetivamente, pensou Simone em silêncio.

— O certo é que todas as noites dou um pequeno passeio pelo bosque até os escarpados. Ajuda-me a relaxar. — chegou a voz do Lazarus.

Uma pausa apenas marcada pelo som da água no bule se meteu entre ambos.

— Ouviu falar do baile anual de máscaras em Baía Azul, madame Sauvelle?

— A última lua cheia de agosto... — recordou Simone.

— Assim é. Perguntava-me... Bem, quero que entenda que não há compromisso algum em minha proposição, caso contrário não me atreveria a formular, quer dizer, não sei como me explico...

Lazarus parecia debater-se como um colegial nervoso. Ela sorriu serenamente.

— Perguntava-me se gostaria de ser minha acompanhante este ano. — concluiu finalmente o homem.

Simone engoliu em seco. O sorriso do Lazarus se desmoronou lentamente.

— Sinto muito. Não deveria fazer o pedido. Aceite minhas desculpas...

— Com ou sem açúcar? — cortou amavelmente Simone.

— Perdão?

— O chá. Com ou sem açúcar?

— Duas colheres.

Simone assentiu e diluiu as duas colheres de açúcar lentamente. Uma vez preparada, estendeu a xícara a Lazarus e sorriu.

— Talvez a ofendi ...

— Não o fez. É que não estou acostumada que me convidem a sair de casa. Mas eu adoraria ir a esse baile com você. — respondeu a mulher, surpreendida de sua própria decisão.

O rosto do Lazarus se iluminou com um amplo sorriso. Por um instante, Simone se sentiu trinta anos mais jovem. Era uma sensação ambígua e a meio caminho entre o sublime e o ridículo. Uma sensação perigosamente embriagadora. Uma sensação mais poderosa que o pudor, que o reparo ou o remorso. Tinha esquecido quão reconfortante era sentir que alguém se interessava por ela.

Dez minutos mais tarde, a conversa continuava no alpendre da Casa do Cabo. A brisa do mar balançava os lampiões de azeite suspensos na parede. Lazarus, sentado sobre o corrimão de madeira, contemplava as copas das árvores agitando-se no bosque, um mar negro, a sussurrem.

Simone observou o rosto do fabricante de brinquedos.

— Alegra-me saber que se encontram satisfeitos com a casa. — comentou Lazarus — Que tal se adaptaram seus filhos à vida na Baía Azul?

— Não tenho queixa. Pelo contrário. De fato, Irene parece que já está de cabeça no ar com um menino do povoado. Um tal Ismael. Conhece-o?

— Ismael..., sim, é obvio. Um bom rapaz, tenho ouvido. — disse Lazarus, distante.

— Assim espero. O certo é que ainda estou esperando que o apresente.

— Os meninos são assim. Terá que ficar em seu lugar... — sugeriu Lazarus.

— Suponho que faço como todas as mães: o ridículo, superprotegendo a minha filha de quase quinze anos.

— É o mais natural.

— Não sei se ela opina o mesmo.

Lazarus sorriu, mas não disse nada.

— O que sabe você dele? — perguntou Simone.

— Do Ismael?... Bem..., pouca coisa... — começou ele — Consta-me que é um bom marinheiro. Parece ser um jovem introvertido e pouco dado a fazer amigos. O certo é que eu tampouco estou muito versado nos assuntos da vida local... Mas não acredito que tenha que preocupar-se.

O som das vozes subia até sua janela como a pira de fumaça de um cigarro mal apagado, caprichosa e sinuosamente; ignorá-lo era impossível. O murmúrio do mar apenas mascarava as palavras do Lazarus e sua mãe, em baixo, no alpendre, embora, por um instante, Dorian teria desejado que o fizesse e que aquela conversa jamais tivesse chegado a seus ouvidos. Havia algo que o inquietava em cada inflexão, em cada frase. Algo indefinível, uma presença invisível que parecia impregnar cada giro da conversa.

Talvez fosse a ideia de escutar a sua mãe conversar placidamente com um homem que não era seu pai, embora esse homem fosse Lazarus, a quem Dorian tinha por amigo. Possivelmente fosse a cor de intimidade que parecia tingir as palavras entre ambos. Possivelmente, pensou por fim Dorian, eram somente ciúmes e uma estúpida obstinação por pretender que sua mãe não voltasse a desfrutar de uma conversa íntima com outro homem adulto. Isso era egoísta. Egoísta e injusto. A final, Simone, além de sua mãe, era uma mulher de carne e osso, necessitava de amizade e da companhia de alguém mais para além de seus filhos. Qualquer livro que se consultasse o deixava bem claro. Dorian repassou o aspecto teórico desse raciocínio. A esse nível, tudo lhe parecia perfeito. A prática, entretanto, era outra questão.

Timidamente, sem acender a luz de seu quarto, Dorian se aproximou da janela e jogou uma olhada furtiva para o alpendre. "Egoísta e, ainda por cima, espião", pareceu sussurrar uma voz em seu interior. Do cômodo anonimato das sombras, Dorian observou a sombra

de sua mãe projetada sobre o chão do alpendre. Lazarus, de pé, olhava o mar, negro e impenetrável. Dorian engoliu em seco. A brisa agitou as cortinas que o ocultavam e o menino deu um passo atrás instintivamente. A voz de sua mãe pronunciou algumas palavras ininteligíveis. Não era assunto dele, concluiu, envergonhado por ter estado espiando em segredo.

O rapaz estava a ponto de afastar-se brandamente de sua janela quando percebeu um movimento na penumbra pela extremidade do olho. Dorian se voltou, sentindo como todos os cabelos da nuca se arrepiavam. O quarto estava submerso na escuridão, apenas rasgada por recortes de claridade azul que se filtravam entre as cortinas ondulantes. Lentamente, sua mão apalpou a mesinha de cabeceira em busca do interruptor do abajur. A madeira estava fria. Seus dedos demoraram alguns segundos em dar com o botão. Dorian pressionou o interruptor. A espiral metálica do interior da lâmpada acendeu uma chama fugaz e se extinguiu com um suspiro. O brilho vaporoso o cegou por um instante. Logo, a escuridão se fez mais densa, como um profundo poço de água negra.

"A lâmpada se fundiu. — pensou — Algo comum. O metal com o qual se forja a espiral da resistência, tungstênio, tem uma vida limitada." Na escola lhe tinham explicado isso.

Todos estes pensamentos tranquilizadores se desvaneceram quando Dorian percebeu de novo aquele movimento entre as sombras. Mais concretamente, das sombras.

Sentiu uma pontada de frio ao comprovar que uma forma parecia mover-se na escuridão, frente a ele.

A silhueta, negra e opaca, deteve-se no centro do quarto. "Está-me observando", murmurou a voz interna em sua mente. A sombra pareceu avançar entre a escuridão e Dorian comprovou que não era o chão que se movia, mas seus joelhos que tremiam de puro terror ante aquela

forma espectral de negrume que se aproximava passo a passo.

Dorían retrocedeu uns passos até que a escassa claridade que penetrava pela janela o envolveu em um halo de luz. A sombra se deteve na soleira da trevas. O menino sentiu que seus dentes lutavam por chiar, mas pressionou a mandíbula com força e reprimiu seu desejo de fechar os olhos. De repente, alguém pareceu pronunciar umas palavras. Demorou uns segundos em comprovar que era ele mesmo quem estava falando. Com tom firme e sem rastro de temor.

— Fora daqui. — murmurou Dorian em direção às sombras — Disse fora.

Um som arrepiante chegou até seus ouvidos, um som que parecia o eco de uma risada longínqua, cruel e maléfica. Naquele instante, as feições daquela sombra apareceram entre a penumbra como uma visão de águas de obsidiana. Negras. Demoníacas.

— Fora daqui. — ouviu-se dizer a si mesmo.

A forma de vapor negro se desvaneceu ante seus olhos e a sombra cruzou o quarto a toda velocidade, como uma nuvem de gás candente, até a porta. Uma vez ali a silhueta formou uma espiral fantasmagórica que se filtrou através do orifício da fechadura, um tornado de trevas sugado por uma força invisível.

Só então a resistência da lâmpada acendeu de novo e, esta vez, a cálida luz banhou o quarto. O impacto súbito da luz elétrica lhe arrancou um alarido de pânico que se afogou em sua garganta. Seus olhos percorreram cada recanto da estadia, mas não restava rastro da aparição que tinha acreditado ver segundos antes.

Dorian respirou profundamente e se dirigiu para a porta. Pousou a mão sobre o puxador. O metal estava frio como o gelo. Armando-se de determinação, abriu a porta e estudou as sombras do corredor. Nada.

Lentamente, fechou de novo a porta de seu quarto e voltou até a janela. Em baixo, no alpendre, Lazarus se despedia de sua mãe. Justo antes de partir, o fabricante de brinquedos se inclinou e a beijou no

rosto. Um beijo breve, quase a roçar. Dorian sentiu que o estômago se encolhia até o tamanho de uma ervilha. Um instante depois, das sombras, o homem elevou o olhar e lhe sorriu. O sangue gelou nas veias.

O fabricante de brinquedos se afastou lentamente rumo ao bosque, sob a luz da lua e, por mais que Dorian tentasse, foi incapaz de ver onde se refletia a sombra do Lazarus. Pouco depois, a escuridão o engoliu.

Depois de atravessar um longo corredor que comunicava a fábrica de brinquedos com a mansão, Ismael e Irene entraram nas vísceras de Cravenmoore. Sob o manto da noite, a morada do Lazarus parecia um palácio de trevas, cujas galerias, povoadas por dezenas de criaturas mecânicas, estendiam-se para a escuridão em todas as direções. A luz central que coroava a escadaria em espiral no centro da mansão pulverizava uma chuva de reflexos púrpuras, dourados e azuis que resplandeciam para o interior do Cravenmoore, como bolhas escapadas de um caleidoscópio.

Aos olhos de Irene, as silhuetas entorpecidas dos autômatos e os rostos inanimados sobre as paredes, sugeriam um estranho encantamento como se tivesse apressado as almas de dezenas de antigos habitantes da mansão. Ismael, mais prosaico, não via nelas mais que o reflexo da mente labiríntica e insondável de quem os tinha criado. E isso não o tranquilizava absolutamente; ao contrário, à medida que se aventuravam nos domínios privados de Lazarus Jann, a presença invisível do fabricante de brinquedos parecia mais intensa que nunca. Sua personalidade estava em cada recôndito detalhe daquela barroca construção: do teto, formado por uma abóbada de frescos que mostravam cenas de contos célebres, até ao chão que pisavam, um interminável tabuleiro de xadrez que formava uma rede hipnótica e enganava à vista com um extravagante efeito óptico de profundidade infinita. Caminhar pelo Cravenmoore era como entrar num sonho

embriagador e por sua vez aterrador.

Ismael se deteve ao pé de uma da escada e inspecionou cuidadosamente o percurso em espiral que se perdia nas alturas. Enquanto o fazia, Irene percebeu que o rosto de um dos relógios mecânicos do Lazarus em forma de sol abria os olhos e lhes sorria. Ao mesmo tempo que o ponteiro do relógio das horas alcançava a vertical da meia-noite, a esfera girou sobre si mesmo e o sol deu lugar a uma lua que irradiava uma luz espectral. Os olhos escuros e brilhantes da lua giravam de um lado para o outro lentamente.

— Vamos para cima. — murmurou Ismael — O quarto da Hannah estava no segundo piso.

— Aqui há dezenas de quartos, Ismael. Como saberemos qual era o dela?

— Hannah me contou que seu quarto estava no extremo de um corredor, de frente à baía.

Irene assentiu, apesar daquela lhe parecer pouca elucidativa. O rapaz parecia tão afligido pela atmosfera do lugar como ela, mas não o admitiria nem em cem anos. Ambos jogaram uma última olhada ao relógio.

— Já é meia-noite. Lazarus voltará logo. — disse Irene.

— Vamos andando.

A escada subia em uma espiral bizantina que parecia desafiar a lei da gravidade, arqueando-se progressivamente como as condutas de acesso à cúpula de uma grande catedral. Depois de uma vertiginosa subida, chegaram a entrada ao primeiro piso. Ismael segurou a mão de Irene e seguiu subindo. A curvatura dos muros se fazia mais pronunciada agora, e o trajeto se transformava paulatinamente em um esôfago claustrofóbico perfurado na pedra.

— Só um pouco mais. — disse o menino, lendo o angustiante silêncio de Irene.

Uma eternidade mais tarde, — na realidade, uns trinta segundos —

ambos puderam escapar daquela asfixiante conduta e alcançar a porta de acesso ao segundo andar do Cravenmoore. Frente a eles se estendia o corredor principal da ala este. Uma matilha de figuras petrificadas espreitava nas sombras.

— Seria conveniente que nos separássemos. — apontou Ismael.

— Sabia que diria isso.

— Em troca, escolha você que extremo quer explorar. — ofereceu Ismael, tentando brincar.

Irene dirigiu um olhar em ambas as direções.

Para o lado este se distinguia os corpos de três figuras encapuzadas em torno de uma enorme marmita: bruxas. A moça assinalou na direção oposta.

— Para ali.

— São só máquinas, Irene. — disse Ismael — Não têm vida. Simples brinquedos.

— Diga-me isso pela manhã.

— Está bem, eu explorarei esta parte. Encontramo-nos aqui dentro de quinze minutos. Se não tivermos encontrado nada, azar. Saímos. — cedeu — Prometo-o.

Ela assentiu. Ismael estendeu sua caixa de fósforos. — No caso de precisar.

Irene a guardou no bolso de seu casaco e dirigiu um último olhar a Ismael. O rapaz se inclinou e a beijou ligeiramente nos lábios. — Boa sorte. — murmurou.

Antes que pudesse lhe responder, ele se afastou para o extremo do corredor enterrado no negrume. "Boa sorte", pensou Irene.

O eco dos passos do rapaz se perdeu em suas costas. A moça respirou profundamente e se encaminhou rumo ao outro extremo da galeria que atravessava o eixo central da mansão. O corredor se bifurcava ao chegar a escadaria central. Irene apareceu levemente no

abismo que descia até ao piso inferior. Um feixe de luz decomposta caía em vertical desde uma espécie de lanterna localizada na cúspide traçando um arco íris que arranhava as trevas.

Desde aquele ponto, a galeria entrava em duas direções: para o sul e para o oeste. A ala oeste era a única que tinha vista para a baía. Sem duvidar um instante, Irene entrou no longo corredor, deixando atrás de si a reconfortante claridade que emanava da lanterna. Subitamente, a moça percebeu que um véu semitransparente cruzava o corredor, apenas uma cortina de gaze, além da qual o corredor adquiria uma fisionomia ostensivelmente diferente da do resto da galeria. Não se via a silhueta de nenhuma figura mais espreitando na sombra. Uma letra aparecia gravada sobre a coroa que segurava a cortina divisória. Uma inicial: “A”

Irene separou com os dedos o véu da cortina e cruzou aquela estranha fronteira que parecia dividir em duas a ala oeste. Um frio fôlego invisível lhe acariciou o rosto e pela primeira vez a moça vislumbrou que os muros estavam cobertos por um complexo matagal de relevos lavrados sobre a madeira. Só três portas podiam ver-se dali. Duas em ambos os lados do corredor e uma terceira, a maior das três, situada no extremo e com a marca inicial que tinha visto sobre a cortina em suas costas.

Irene encaminhou lentamente para aquela porta. Os relevos ao seu redor mostravam cenas incompreensíveis que personificavam estranhas criaturas. Cada uma delas, por sua vez, sobrepunha-se com outras, criando um oceano de hieróglifos cujo significado lhe escapava completamente. Quando Irene chegou à porta do extremo, a noção de que era improvável que Hannah tivesse ocupado um quarto naquele lugar já tinha tomado forma em sua mente. O feitiço daquele espaço, entretanto, tinha mais poder do que a sinistra atmosfera de santuário proibido que ali se respirava. Uma intensa presença parecia flutuar no ar. Uma presença quase evidente.

Irene sentiu que o pulso lhe acelerava e pousou sua mão trêmula sobre o puxador da porta. Algo a deteve. Um pressentimento. Ainda estava a tempo de voltar atrás, de reunir-se de novo com o Ismael e escapar daquela casa antes que Lazarus percebesse sua incursão. O puxador girou brandamente sob seus dedos, escorregando sobre a pele. Irene fechou os olhos. Não tinha por que entrar ali. Bastava-lhe refazer seus passos. Não tinha por que ceder aquela atmosfera irreal, de sonho, que lhe sussurrava que abrisse a porta e cruzasse a soleira sem retorno. A moça abriu os olhos.

O corredor oferecia o caminho de volta entre as trevas. Irene suspirou e, por um instante, seus olhos se perderam nos reflexos que tingiam a cortina de gaze. Foi então quando aquela silhueta escura se recortou atrás da cortina e se deteve no outro lado.

— Ismael? — murmurou Irene.

A silhueta permaneceu ali por um instante e, depois, sem produzir som algum, retirou-se de novo às sombras.

— Ismael, é você? — perguntou de novo.

O lento veneno do pânico tinha começado a insuflar-se em suas veias. Sem afastar o olhar daquele ponto, abriu a porta da habitação e penetrou no interior, fechando em suas costas. Por um segundo, a luz de safira que se filtrava das grandes janelas, altas e estreitas, cegou-a. Logo, enquanto suas pupilas se habituavam à luminosidade evanescente da câmara, Irene decidiu acender, com mãos trêmulas, um dos fósforos que Ismael lhe tinha dado. A luz acobreada da chama a ajudou a revelar uma suntuosa sala palaciana, cujo luxo e esplendor pareciam ter escapado das páginas de uma fábula.

O teto, coroadado por um adorno labiríntico, desenhava um redemoinho barroco em torno do centro da estadia. Num extremo, um suntuoso palanquim de que pendiam largos véus dourados albergava um leito. No centro do quarto uma mesa de mármore sustentava um grande tabuleiro de xadrez, cujas peças estavam lavradas em vidro. No

outro extremo, Irene descobriu outra fonte de luz que contribuía para configurar essa atmosfera irisada: as fauces cavernosas de um lugar onde ardiam grossos troncos em brasa pura. Em cima, elevava-se um grande retrato. Um rosto branco e dotado das feições mais delicadas que possam imaginar-se em um ser humano, rodeava os olhos profundos e tristes de uma mulher de comovedora beleza. A dama do retrato aparecia vestida em um longo traje branco e atrás dela podia distinguir-se a ilha do farol na baía.

Irene se aproximou lentamente até ao pé do retrato, segurando ao alto o fósforo aceso até que a chama lhe queimou os dedos. Lambendo a queimadura, a jovem distinguiu um porta-velas sobre uma secretária. Não o necessitava estritamente, mas acendeu a vela com outro fósforo. A chama irradiou de novo um bafo de claridade em torno dela. Sobre a secretária, um livro de pele aparecia aberto pela metade.

Os olhos de Irene reconheceram a caligrafia que lhe era tão familiar sobre o papel de pergaminho e coberto por uma capa de pó que apenas permitia ler as palavras escritas na página. A moça soprou levemente e uma nuvem de milhares de partículas brilhantes se pulverizou sobre a mesa. Agarrou o livro em suas mãos e passou as páginas até chegar à primeira. Aproximou o livro à luz e deixou que seus olhos lessem as palavras impressas em letras prateadas. Lentamente, à medida que sua mente compreendia o que tudo aquilo significava, um intenso calafrio se cravou como uma agulha gelada na base da nuca.

Alexandra Alma Maltisse

Lazarus Joseph Jann

1915

Uma fibra de madeira acesa estalou entre o fogo, cuspidando pequenas faíscas que se desvaneceram ao contato com o chão. Irene fechou o livro e o depositou sobre a secretária. Foi então quando percebeu que, no outro extremo da estadia, depois do véu que ondeava no palanquim que rodeava o leito, alguém a observava. Uma silhueta

esbelta jazia tendida sobre a cama. Uma mulher. Irene avançou uns passos para ela. A mulher elevou uma mão.

— Alma? — sussurrou Irene, aterrada pelo som de sua própria voz...

A moça percorreu os metros que a separavam do leito e se deteve no outro lado. O coração lhe batia com força e respirava entrecortadamente.

Devagar, começou a separar os cortinados. Naquele instante, uma fria rajada de ar cruzou a estadia e agitou os véus suspensos. Irene se voltou para olhar à porta. Uma sombra se estendia sobre o chão, como um grande atoleiro de tinta pulverizando-se sob a porta. Um som fantasmagórico, uma voz longínqua e cheia de ódio, pareceu sussurrar algo da escuridão.

Um instante depois, a porta se abriu com uma força incontrolável e golpeou contra o interior do quarto, praticamente arrancando as dobradiças que a seguravam. Quando a garra de unhas afiadas como largas navalhas de aço emergiu das sombras, Irene gritou até onde lhe chegou a voz.

Ismael começava a pensar que tinha cometido algum engano ao tentar localizar mentalmente o quarto da Hannah. Quando ela lhe havia descrito a casa, o rapaz tinha esboçado seu próprio plano do Cravenmoore. Uma vez no interior, entretanto, a estrutura labiríntica da mansão lhe resultava indecifrável. Todas as divisões da ala que tinha decidido explorar estavam fechadas a sete chaves. Nenhuma das fechaduras tinha cedido a suas artes, e o relógio não parecia mostrar compaixão alguma para com seu completo fracasso.

Os quinze minutos combinados se evaporaram em vão, e a idéia de abandonar a busca por aquela noite começava a lhe resultar tentadora. Uma simples olhada ao lúgubre cenário daquele lugar lhe sugeria mil e uma desculpas para escapar dele. Já tinha tomado a

decisão de abandonar a mansão quando ouviu o grito de Irene, apenas um fio de voz atravessando as trevas do Cravenmoore desde algum lugar recôndito. O eco se pulverizou em várias direções. Ismael sentiu a pontada da adrenalina lhe queimando as veias e se lançou tão depressa quanto as suas pernas o permitiram para o outro extremo daquela monumental galeria.

Seus olhos apenas se detiveram no sinistro túnel de formas tenebrosas que deslizava ao seu redor. Cruzou sob o halo espectral da lanterna na cúspide e atravessou a encruzilhada de galerias em torno da escadaria central. O vigamento de ladrilhos do solo parecia estender-se sob seus pés, e a vertiginosa fuga pelo corredor se alongava frente a seus olhos como um corredor que cavalgava para o infinito.

Os gritos de Irene chegaram de novo a seus ouvidos, esta vez mais próximos. Ismael atravessou a soleira de cortinados transparentes e por fim detectou a entrada para a câmara do extremo da ala oeste. Sem pensar um segundo, o rapaz se lançou no interior, desconhecendo o que o esperava ali dentro.

A fisionomia velada de um monumental quarto se desdobrou ante seus olhos à luz das brasas que faiscavam no fogo. A silhueta de Irene, recortada contra uma ampla janela banhada em luz azul, reconfortou-o por um instante, mas logo pôde ler o terror cego nos olhos da moça. Ismael se voltou instintivamente e a visão que descobriu frente a si lhe nublou a mente, paralisando-o como se tivesse feito a dança hipnótica de uma serpente. Elevando-se de entre as sombras, uma titânica silhueta desdobrou duas grandes asas negras, as asas de um morcego. Ou de um demônio.

O anjo estendeu dois longos braços, coroados por duas garras, por sua vez formadas por dedos longos e escuros, e o fio resistente de suas unhas brilhou frente a seu rosto, velado por um capuz.

Ismael retrocedeu um passo em direção ao fogo e o anjo elevou o rosto, revelando suas feições à claridade das chamas. Havia algo mais

naquela sinistra figura que uma simples máquina. Algo se tinha refugiado em seu interior, convertendo-a num boneco infernal, uma presença evidente e maléfica. O rapaz lutou por não fechar os olhos e agarrou o extremo intacto de um tronco médio reduzido a brasas. Brandindo o tronco aceso em frente ao anjo, apontou a porta do quarto.

— Vá para a porta lentamente. — murmurou a Irene.

A moça, paralisada pelo pânico, ignorou suas palavras.

— Faça o que lhe disse. — ordenou Ismael energicamente.

O tom de sua voz despertou Irene. Assentiu tremendo e iniciou seu caminho em direção à porta. Apenas tinha percorrido alguns metros quando o rosto do anjo se voltou para ela como um predador atento e paciente. Irene sentiu seus pés fundir-se com o chão.

— Não o olhe e continue andando. — disse Ismael, sem cessar de brandir o tronco frente ao anjo.

Irene deu um passo mais. A criatura inclinou a cabeça para ela e a jovem deixou escapar um gemido.

Ismael, aproveitando a distração, golpeou o anjo com o tronco num lado da cabeça. O impacto levantou uma chuva de fibras acesas. Antes que pudesse retirar o tronco, uma das garras aferrou na madeira e umas unhas de cinco centímetros, poderosas como facas de caça, fizeram-no em pedacinhos ante seus olhos. O anjo deu um passo para Ismael. O rapaz pôde sentir a vibração do piso sob o peso de seu oponente.

— É só uma maldita máquina. Um maldito montão de lata... — murmurou, tentando apagar de sua mente o efeito aterrador daqueles dois olhos escarlates que apareciam sob o capuz do anjo.

As pupilas demoníacas da criatura se reduziram lentamente até formar um filamento de sangue sobre córneas de obsidiana, emulando os olhos de um grande felino. O anjo deu outro passo para ele. Ismael jogou uma rápida olhada em direção à porta. Media mais de oito metros até chegar a ela. Não tinha escapatória possível, mas Irene sim.

— Quando lhe disser, corra para a porta e não pare até que esteja fora da casa.

— O que está dizendo?

— Não discuta agora. — protestou Ismael, sem afastar os olhos da criatura — Corra!

O rapaz estava calculando mentalmente o tempo que podia demorar para correr até a janela e tratar de escapar pelos penhascos da fachada quando aconteceu o inesperado. Irene, em vez de dirigir-se para a porta e fugir, agarrou um tronco de madeira aceso do fogo e encarou o anjo.

— Me olhe, mal nascido. - gritou, prendendo a capa que cobria o anjo com as chamas do tronco e arrancando um alarido de raiva à sombra que se ocultava em seu interior.

Ismael, atônito, lançou-se para Irene e chegou bem a tempo de derrubá-la sobre o chão, antes de que as cinco lâminas da garra a fatiassem no ar. A capa do anjo se transformou em um manto de chamas e a colossal silhueta da criatura se tornou em uma espiral de fogo. Ismael agarrou a Irene pelo braço e a levantou. Juntos trataram de correr para a saída, mas o anjo se interpôs em seu caminho depois de arrancar a capa de fogo que o mascarava. Uma estrutura de aço enegrecido aflorou sob as chamas.

Ismael, sem soltar a garota nem por um segundo (em previsão de novas intenções de heroísmo), arrastou-a até a janela e lançou uma das cadeiras contra o vidro. Uma chuva de vidros estalou sobre eles e o frio vento da noite impulsionou os cortinados até ao teto. Sentiam os passados do anjo avançando para eles em suas costas.

— Rápido! Pule para o parapeito! — gritou o rapaz.

— O quê? — gemeu a incrédula Irene.

Sem se pensar, ele a empurrou até ao exterior. A moça cruzou a cavidade aberta no vidro e se encontrou com uma queda em vertical de quase quarenta metros. O coração lhe deu um tombo, convencida de

que em décimos de segundo seu corpo se precipitaria para o vazio. Ismael, entretanto, não afrouxou sua presa nem um ápice e de um puxão a levantou de novo sobre a estreita cornija que rodeava a fachada, como um corredor entre as nuvens. Ele saltou atrás dela e a empurrou para frente. O vento lhe gelou o suor que caía pelo rosto.

— Não olhe para baixo! — gritou.

Tinham avançado apenas um metro justo quando a garra do anjo apareceu pela janela em suas costas; suas unhas arrancaram uma chuva de faíscas sobre a rocha, perfurando quatro cicatrizes na pedra. Irene gritou ao sentir que seus pés tremiam sobre o parapeito e seu corpo parecia balançar-se perigosamente para o vazio.

— Não posso continuar, Ismael. — anunciou — Se der um passo mais, cairei.

— Pode. E o fará. Ande. — urgiu-a ele, agarrando sua mão com força — Se você cair, caímos os dois.

A moça tentou lhe sorrir. De repente, alguns metros mais adiante, uma das janelas explodiu violentamente e projetou mil pedaços de vidro para o exterior. As garras do anjo apareceram por ela e, um instante depois, todo o corpo da criatura se aderiu à fachada como uma aranha.

— Meu deus... — gemeu Irene.

Ismael tentou retroceder, puxando-a. O anjo arrastou-se sobre a pedra; sua silhueta se confundia quase com os rostos diabólicos das gárgulas que escoravam o friso superior da fachada do Cravenmoore.

A mente do rapaz examinou o campo visual que se abria ante eles a toda velocidade. A criatura avançava palmo a palmo na sua direção. — Ismael...

— Já sei, já sei!

O rapaz calculou as possibilidades que tinham de sobreviver com um salto desde aquela altura. Zero, sendo generoso. A alternativa de voltar a entrar no quarto requeria muito tempo. No intervalo que

demorassem para refazer seus passos sobre a cornija, o anjo estaria sobre eles. Sabia que ficavam apenas uns segundos para tomar a decisão, fosse qual fosse. A mão do Irene se aferrou com força à sua; estava tremendo. O rapaz dirigiu um último olhar ao anjo, que se aproximava deles lenta, mas inexoravelmente. Engoliu em seco e olhou na direção contrária. O sistema de canalização do deságue descia junto à fachada a seus pés. A metade de seu cérebro se estava perguntando se aquela estrutura poderia suportar o peso de duas pessoas, enquanto a outra metade estava tramando o modo de agarrar-se aquele grosso cano, sua última oportunidade.

— Agarre-se a mim com força. — murmurou por fim. Irene o olhou; logo olhou para o chão, um abismo, e leu seu pensamento. — Ai, Meu Deus!

Ismael piscou um olho. — Boa sorte -sussurrou.

A garra do anjo se cravou a quatro centímetros de seu rosto. Irene gritou e se agarrou ao Ismael, fechando os olhos. Estavam caindo numa descida vertiginosa. Quando a moça voltou a abri-los, ambos estavam suspensos no vazio. Ismael descia pelo canal de deságue virtualmente sem poder frear sua trajetória. O estômago lhe subiu à garganta. Sobre eles, o anjo golpeou o encanamento, esmagando-o contra a fachada. Ismael notou que o roçar no cano lhe arrancava a pele das mãos e dos antebraços sem piedade, produzindo uma queimação que, ao cabo de poucos segundos, iria converter-se em numa dor aguda. O anjo se arrastou para eles e tentou agarrar-lhe a canela ... Seu próprio peso o arrancou da parede e a massa metálica da criatura se precipitou para o vazio, arrastando consigo todo o encanamento. Este, com Ismael e Irene, traçou um arco no ar para o chão. O rapaz lutou por não perder o controle, mas a dor e a velocidade a que caíam tiveram mais poder que seus esforços.

O encanamento escorregou entre seus braços e ambos se viram caindo sobre o grande lago que rodeava a ala oeste do Cravenmoore. O

impacto sobre a lâmina gelada de água negra os golpeou com raiva. A inércia da queda os propulsou até ao fundo escorregadio da lagoa. Irene sentiu que a água gelada lhe penetrava pelas fossas nasais e lhe queimava a garganta. Uma onda de pânico a assaltou. Abriu os olhos sob a água e só viu um poço de negrume entre a ardência. Uma silhueta apareceu a seu lado: Ismael. O rapaz a agarrou e a levou para a superfície. Ambos emergiram ao ar livre com uma exalação.

— Depressa. — urgiu Ismael.

Irene viu marcas e feridas em suas mãos e seus braços.

— Não é nada. — mentiu o rapaz, saltando fora do lago.

Ela o seguiu. Suas roupas estavam empapadas e o frio da noite as aderiu aos seus corpos simulando um doloroso manto de geada sobre a pele. Ismael escrutinou as sombras a seu redor.

— Onde está? — perguntou Irene.

— Talvez o impacto da queda o tenha ...

Algo se moveu entre os arbustos. Em seguida reconheceram os dois olhos escarlates. O anjo seguia ali e, fosse o que fosse que guiava seus movimentos, não estava disposto a deixá-los escapar com vida.

— Corra!

Ambos se precipitaram a toda velocidade para a soleira do bosque. Suas roupas empapadas dificultavam a marcha, e o frio começava a impregnar nos seus ossos. O som do anjo entre a mata chegou até eles. Ismael puxou com força a garota, dirigindo-se para a zona mais profunda do bosque, onde a névoa se espessava.

— Aonde vamos? — gemeu Irene, consciente de que estavam percorrendo uma parte do bosque que lhe era desconhecida.

Ismael não se incomodou em responder e se limitou a puxar por ela desesperadamente. Irene sentiu a mata lhe rasgando a pele dos tornozelos e o peso da fadiga lhe consumindo os músculos. Não podia manter aquele ritmo muito mais tempo. Em questão de segundos, a criatura os alcançaria nas vísceras do bosque e os despedaçaria com

suas garras.

— Não posso seguir...

— Sim pode!

O rapaz a estava arrastando. A cabeça lhe dava voltas e podia ouvir os ramos rangendo em suas costas, a escassos metros deles. Por um instante pensou que ia desvanecer-se, mas uma pontada de dor na perna a devolveu a uma dolorosa consciência. Uma das garras do anjo tinha aparecido por entre os arbustos e lhe tinha aberto um corte na coxa. A garota gritou. O rosto da criatura surgiu atrás deles. Irene tentou fechar os olhos, mas não pôde afastar o olhar daquele infernal predador.

Naquele momento, a entrada de uma gruta dissimulada na mata apareceu frente a eles. Ismael se lançou para o interior, arrastando-a consigo. Então este era o lugar para o qual ele a estava levando. Uma caverna. Por acaso Ismael acreditava que o anjo não conseguiria os caçar ali? Como resposta, Irene ouviu o som das garras arranhando as paredes de rocha da gruta. Ismael a arrastou através do estreito túnel até deter-se junto a um orifício no chão, um buraco no vazio. Um vento frio impregnado de salitre emanava do interior. Um rumor intenso rugia mais à frente, na escuridão. Água. O mar.

— Salte! — ordenou-lhe o garoto.

Irene observou o orifício negro. Aos seus olhos, uma entrada direta ao inferno resultava mais apetecível. — O que há aí em baixo?

Ismael suspirou, esgotado. Os passados do anjo soavam próximos. Muito próximos.

— É uma entrada à Caverna dos Morcegos.

— Esta é a segunda entrada? Disse que era perigosa!

— Não temos escolha...

Os olhares de ambos se encontraram na penumbra. Dois metros mais à frente, o anjo negro fez ranger suas garras. Ismael assentiu. A garota tomou sua mão e, fechando os olhos, saltou ao vazio. O anjo se lançou atrás deles e atravessou a entrada da gruta, caindo para o

interior da caverna.

A descida através da escuridão se fez infinita. Quando finalmente seus corpos se afundaram no mar, uma pontada de frio se filtrou por cada poro de sua pele, mordente. Ao emergir à superfície, apenas um fio de claridade se filtrava do buraco na cúspide da gruta. O vaivém da maré os impulsionava contra os muros de rocha afiada.

— Onde está? — perguntou Irene, lutando por conter o tremor que lhe provocava a gélida temperatura da água.

Durante uns segundos, ambos se abraçaram em silêncio, esperando que a qualquer momento aquela invenção infernal emergisse das águas e pusesse fim a suas vidas na escuridão daquela caverna. Mas esse momento nunca chegou. Ismael foi o primeiro a confirmá-lo.

Os olhos escarlates do anjo brilhavam com intensidade no fundo da gruta. O enorme peso da criatura o impedia de emergir na flutuação. Um rugido de ira chegou até eles através das águas. Aquela presença que manipulava o anjo se retorcia de raiva ao comprovar que seu boneco assassino tinha caído em uma armadilha que o tornava imprestável. Aquela massa de metal jamais conseguiria chegar à superfície. Estava condenado a permanecer no fundo da caverna até que o mar o transformasse em um montão de sucata oxidada.

Os jovens ficaram ali, observando como o brilho daqueles dois olhos empalidecia e se desvanecia sob as águas para sempre. Ismael deixou escapar um suspiro de alívio. Irene chorou em silêncio.

— Acabou-se. — murmurou a moça tremendo — Acabou-se.

— Não. — disse Ismael — Isso não era mais que uma máquina, sem vida nem vontade. Algo a movia do interior. O que tentou nos matar continua aí...

— Mas o que é?

— Não sei...

Naquele momento, uma explosão se produziu no fundo da

caverna. Uma nuvem de borbulhas negras emergiu à superfície, fundindo-se em um espectro negro que se arrastava das paredes de rocha para a entrada na cúspide da gruta. A sombra se deteve e os observou dali.

— Continua? — perguntou Irene, aterrada.

Uma risada cruel e envenenada alagou a gruta. Ismael negou lentamente com a cabeça.

— Deixa-nos aqui..., — disse o rapaz — para que a maré faça o resto...

A sombra escapou através da entrada da caverna.

Ismael suspirou e conduziu a Irene até uma pequena rocha que emergia à superfície e oferecia um espaço para ambos. Levantou-a até a rocha e a rodeou com os braços. Tremiam de frio e estavam feridos, mas por uns minutos se limitaram a estender-se sobre a rocha e respirar profundamente, em silêncio. Em algum momento, Ismael percebeu que a água parecia lhe roçar os pés de novo, e compreendeu que a maré estava subindo. Não era aquele ser que os perseguia quem tinha caído na armadilha, mas eles mesmos...

A sombra os tinha abandonado a mercê de uma morte lenta e terrível.

Apanhados

O mar rugia ao entrar na boca da Caverna dos Morcegos. As frias correntes da Baía Negra rompiam com força por entre os canais de rocha, criando um rumor estremeceador com o eco interno da caverna, submersa na escuridão. O orifício de entrada na rocha se elevava sobre eles, longínquo e inalcançável, simulando o olho de uma cúpula. Em uns minutos o nível da água tinha ascendido uns centímetros. Irene não demorou para constatar que a superfície da rocha que ocupavam, como náufragos, reduzia-se. Milímetro a milímetro.

— A maré está subindo. — murmurou. Ismael se limitou a assentir, abatido.

— O que vai nos acontecer? — perguntou ela, intuindo a resposta, mas esperando que o rapaz, inesgotável caixa de surpresas, tirasse da manga algum ardil de última hora.

Ele lhe dirigiu um olhar sombrio. As esperanças de Irene se desvaneceram imediatamente.

— Quando sobe a maré, bloqueia a entrada da caverna. — explicou Ismael — E já não há outra saída da caverna senão esse orifício na cúspide, mas não existe modo algum de chegar até ele daqui de baixo.

Fez uma pausa e seu rosto desapareceu nas sombras.

— Estamos presos. — concluiu.

A ideia da maré subindo lentamente até ficarem afogados como ratos num pesadelo de escuridão e frio gelou o sangue a Irene. Enquanto fugiam daquela criatura mecânica, a adrenalina tinha bombeado suficiente excitação em suas veias para nublar sua capacidade de raciocinar. Agora, tremendo de frio na escuridão, a perspectiva de uma morte lenta lhe parecia muito insuprível.

— Tem que haver outro modo de sair daqui. — falou.

— Não há.

— E o que vamos fazer?

— De momento, esperar...

Irene compreendeu que não podia seguir pressionando o rapaz em busca de respostas. Provavelmente ele, consciente do risco que a caverna entranhava, estava mais assustado que ela. E, pensando bem, uma mudança de conversa tampouco lhes viria mal.

— Há algo... Enquanto estávamos no Cravenmoore... — começou

— Quando entrei naquele quarto, vi algo ali. Algo sobre Alma Maltisse ...

Ismael lhe dirigiu um olhar impenetrável. — Acredito... , acredito que Alma Maltisse e Alexandra Jann são uma mesma pessoa. Alma Maltisse era o nome de solteira da Alexandra, antes de casar-se com o Lazarus. — explicou Irene.

— Isso é impossível. Alma Maltisse se afogou na ilha do farol faz anos. — objetou Ismael.

— Mas ninguém encontrou seu corpo...

— É impossível. — insistiu o menino.

— Enquanto estive naquela quarto, fixei-me em seu retrato e... Havia alguém estendido na cama. Uma mulher.

Ismael esfregou os olhos e tratou de pôr seus pensamentos em claro.

— Um momento. Suponhamos que tem razão. Suponhamos que Alma Maltisse e Alexandra Jann são uma mesma pessoa. Quem é a mulher que viu no Cravenmoore? Quem é a mulher que durante todos estes anos permaneceu encerrada nesse lugar, assumindo a identidade da esposa doente do Lazarus? — perguntou.

— Não sei ... quanto mais sabemos deste assunto, menos entendo — disse Irene — E há algo mais que me preocupa. Que significado tinha a figura que vimos na fábrica de brinquedos? Era uma réplica de minha mãe. Só de pensar me põem os cabelos em pé. Lazarus está construindo um brinquedo com o rosto de minha mãe...

Uma onda de água gelada lhes banhou os tornozelos. O nível do mar tinha subido pelo menos um palmo desde que estavam ali. Ambos trocaram um olhar angustiado. O mar rugiu de novo e uma baforada de água troou na entrada da caverna. Aquela prometia ser uma noite muito longa.

A meia-noite tinha deixado um rastro de névoa sobre os escarpados e subia degrau a degrau, do atracadouro até a Casa do Cabo. O lampião de azeite ainda se balançava no alpendre, agonizante. À exceção do rumor do mar e o sussurro das folhas no bosque, o silêncio era absoluto. Dorian jazia na cama segurando um pequeno copo de vidro em cujo interior estava uma vela acesa. Não queria que sua mãe visse luz, e tampouco confiava em seu abajur depois do ocorrido. A chama dançava caprichosamente sob seu fôlego como o espírito de uma fada do fogo. Um desfile de reflexos descobria formas insuspeitadas em cada recanto. Dorian suspirou. Aquela noite não poderia pregar olho nem por todo o ouro do mundo.

Pouco depois de se despedir do Lazarus, Simone tinha aparecido em seu dormitório para assegurar-se de que estava bem. Dorian se havia deitado sob os lençóis completamente vestido, oferecendo uma de suas antológicas interpretações do doce sono dos inocentes, e sua mãe se retirou do seu quarto agradecida e disposta a fazer o mesmo. Disso fazia já horas, possivelmente anos, segundo as estimativas do menino. A interminável madrugada lhe tinha dado oportunidade de comprovar até que ponto seus nervos estavam tensos, como as cordas de um piano. Cada reflexo, cada rangido, cada sombra ameaçava disparar o seu coração a galope.

Lentamente, o fôlego da chama da vela se foi extinguindo até reduzir-se a uma diminuta bolha azul, cuja palidez apenas conseguia penetrar na penumbra. Em um instante, a escuridão voltou a ocupar o espaço ao qual tinha renunciado a contra gosto. Dorian podia sentir a destilação da cera quente endurecendo-se no copo. Apenas uns

centímetros mais à frente, sobre a mesinha, o anjo de chumbo que Lazarus lhe tinha oferecido o observava em silêncio. "Já está bem", pensou Dorian, resolvido a aplicar sua técnica predileta para combater insônias e pesadelos: comer algo.

Afastou os lençóis e se levantou. Decidiu tirar os sapatos, para evitar os cem mil rangidos que pareciam ir de seus pés cada vez que pretendia deslizar-se sigilosamente pela Casa do Cabo e, reunindo toda a coragem que tinha, cruzou nas pontas dos pés o quarto até a porta. Abriu a fechadura sem o habitual concerto de dobradiças ferrugentas a meia-noite, levou uns longos dez segundos, mas valeu a pena. Abriu a porta com lentidão exagerada e examinou o panorama. O corredor se perdia na penumbra e a sombra da escada traçava uma teia de claros e escuros sobre a parede. Não notava nem o movimento de uma bolinha de pó no ar. Dorian fechou a porta em suas costas e deslizou cuidadosamente até ao pé da escada, cruzando em frente à porta do dormitório de Irene.

Sua irmã se retirou para dormir fazia horas, com a suposta desculpa de uma terrível dor de cabeça, embora Dorian suspeitava que ainda estaria lendo ou escrevendo detestáveis cartas de amor ao noivo marinho, com quem ultimamente passava mais horas do que tinha o dia. Desde que a tinha visto naquele vestido da Simone, sabia que só podia esperar uma coisa dela: problemas. Enquanto descia os degraus ao estilo explorador índio, Dorian jurou que, se algum dia cometesse a estupidez de apaixonar-se, o levaria com mais dignidade. Mulheres como Greta Garbo não andavam com tolices. Nem cartinhas de amor, nem flores. Podia ser um homem das cavernas; mas um brega, jamais.

Quando chegou ao piso inferior, Dorian percebeu que um banco de névoa rodeava a casa e que a massa vaporosa ocultava a visão através de todas as janelas. O sorriso que tinha conseguido a custa de gozar mentalmente de sua irmã se esfumou. "Água condensada. — pensou —

Não é mais que água condensada que se desloca. Química elementar." Com esta tranquilizadora visão científica, ignorou o manto de névoa que se filtrava entre as frestas das janelas e se dirigiu à cozinha. Uma vez ali, comprovou que o romance entre Irene e o capitão tormenta tinha seus aspectos positivos: desde que estava com ele, sua irmã não havia tornado a tocar na deliciosa caixa de chocolates suíços que Simone guardava na segunda gaveta do armário de provisões.

Lambendo-se como um gato, Dorian atacou o primeiro dos bombons. O delicioso sabor de trufa, amêndoas e cacau lhe nublou os sentidos. Por isso no que a ele respeitava, depois da cartografia, o chocolate era provavelmente a mais nobre invenção do gênero humano até a data. Particularmente, os bombons. "Engenhoso povo, os suíços. — pensou Dorian — Relógios e barras de chocolate: a essência da vida." Um som súbito arrancou pela raiz as suas plácidas considerações teóricas. Doria ouviu de novo, paralisando-o, e o segundo bombom lhe escorregou entre os dedos. Alguém estava batendo na porta.

O rapaz tentou tragar saliva, mas a boca tinha ficado seca. Dois golpes precisos sobre a porta da casa chegaram de novo a seus ouvidos. Dorian entrou na sala principal, sem afastar os olhos da entrada. O fôlego da névoa se filtrava sob a soleira. Outros dois golpes soaram no outro lado da porta. Dorian se deteve frente a ela e duvidou um instante.

— Quem é? — perguntou com a voz quebrada. Dois novos golpes foram toda a resposta que obteve. O rapaz se aproximou até a janela, mas o manto da névoa impedia completamente a visão. Não se ouviam passos sobre o alpendre. O estranho se foi. Provavelmente um viajante extraviado, pensou Dorian. Dispôs-se a voltar para a cozinha quando os dois golpes soaram de novo, mas desta vez sobre o vidro da janela, a dez centímetros de seu rosto. O coração lhe deu um tombo. Dorian retrocedeu lentamente para o centro da sala até tocar numa cadeira em suas costas. Instintivamente, o rapaz pegou um candelabro de metal

com força e o brandiu frente a ele.

— Diabo... — sussurrou.

Por uma fração de segundo, um rosto pareceu formar-se no outro lado do vidro, entre a névoa. Pouco depois, a janela se abriu de par em par, impulsionada pela força de um vendaval. Uma onda de frio lhe atravessou os ossos e Dorian contemplou, horrorizado, como uma mancha negra se expandia sobre o chão.

Uma sombra.

A forma se deteve frente a ele e pouco a pouco foi adquirindo volume, elevando-se do chão como um boneco de trevas suspenso por fios invisíveis. O menino tentou golpear o intruso com o candelabro, mas o metal atravessou a silhueta de escuridão em vão. Dorian deu um passo atrás e a sombra se abateu sobre ele. Duas mãos de vapor negro lhe rodearam a garganta; sentiu o contato gelado sobre sua pele. As feições de um rosto se desenharam frente a ele. Um calafrio lhe percorreu o corpo dos pés a cabeça. O semblante de seu pai se materializou a um palmo escasso de seu rosto. Armand Sauvelle lhe sorriu. Um sorriso canino, cruel e cheio de ódio.

— Olá, Dorian. Vim procurar mamãe. Levar-me-á até ela, Dorian?
— sussurrou a sombra.

O som daquela voz lhe gelou a alma. Aquela não era a voz de seu pai. Aquelas luzes, demoníacas e ardentes, não eram seus olhos. E aqueles dentes longos e afiados que apareciam entre os lábios não eram os do Armand Sauvelle.

— Você não é meu pai...

O sorriso feroz da sombra se esfumou e as feições se desvaneceram como cera ao fogo.

Um rugido animal, de raiva e ódio, rasgou-lhe os ouvidos e uma força invisível o lançou até ao outro extremo da sala. Dorian chocou contra uma das poltronas, que caiu ao chão.

Aturdido, o rapaz se levantou com dificuldade, a tempo de ver

como a sombra subia pela escada, um atoleiro de alcatrão com vida própria que se arrastava pelos degraus.

— Mamãe! — gritou Dorian, correndo para a escada.

A sombra se deteve um instante e cravou seus olhos nele. Seus lábios de obsidiana formaram uma palavra inaudível. Seu nome.

Os vidros das janelas de toda a casa estalaram em uma chuva de lascas letais e a névoa penetrou rugindo na Casa do Cabo enquanto a sombra seguia subindo para o piso superior. Dorian se lançou atrás dela, perseguindo aquela forma espectral que flutuava sobre o chão e avançava em direção à porta do dormitório da Simone.

— Não! — gritou o menino — Não toque na minha mãe.

A sombra lhe sorriu e, um instante depois, a massa de vapor negro se transformou em um torvelinho que se filtrou através da fechadura da porta do dormitório. Um segundo de silêncio letal seguiu-se ao desaparecimento da sombra.

Dorian correu para a porta, mas antes que pudesse alcançá-la, a porta de madeira saiu impulsionada com a força de um furacão, arrancando suas dobradiças, e se estatelou com fúria no outro extremo do corredor. Dorian se lançou para um lado e conseguiu esquivar-se por escassos milímetros.

Quando se levantou, uma visão de pesadelo se deparou ante seus olhos. A sombra corria sobre as paredes do quarto da Simone. A silhueta de sua mãe, inconsciente sobre o leito, projetava sua própria sombra na parede. Dorian observou como a negra silhueta deslizava sobre as paredes e como os lábios daquele espectro acariciavam os lábios da sombra de sua mãe. Simone se agitou violentamente em seu sono, apanhada misteriosamente em um pesadelo. Duas garras invisíveis a agarravam e a elevaram de entre os lençóis. Dorian se interpôs em seu caminho. Uma vez mais, uma fúria incontrolável o golpeou e o lançou para fora do quarto. A sombra, levando a Simone em seus braços, desceu a escada a toda velocidade. Dorian lutou por não

perder os sentidos, levantou-se de novo e a seguiu até ao piso inferior. O espectro se voltou e, por um instante, ambos se contemplaram fixamente.

— Sei quem é... — murmurou o rapaz. Um novo rosto, desconhecido para ele, fez sua aparição: as feições de um homem jovem, de aparência agradável e de olhos luminosos.

— Você não sabe nada — disse a sombra.

Dorian observou que os olhos do espectro varriam a casa e se detinham na porta que conduzia ao porão. A porta de madeira envelhecida se abriu de repente e o rapaz sentiu como uma presença invisível o empurrava para ali sem que pudesse fazer nada para contrariá-la. Caiu pela escada, para a escuridão. A porta se fechou de novo, como uma laje de pedra inamovível.

Dorian soube que em questão de segundos perderia a consciência. Acabava de ouvir a risada da sombra, como um chacal, enquanto levava a sua mãe para o bosque, entre a névoa.

À medida que a maré ganhava terreno no interior da caverna, Irene e Ismael sentiam o cerco mortal estreitando-se em torno deles, uma armadilha claustrofóbica e letal. Irene já tinha esquecido o momento em que a água lhes tinha arrebatado seu refúgio temporário sobre a rocha. Já não havia ponto de apoio sob seus pés. Estavam a mercê da maré e de sua própria capacidade de resistência. O frio a açoitava com uma intensa dor nos músculos, a dor de centenas de alfinetes cravando-se em seu interior. A sensibilidade nas mãos começava a desvanecer-se e a fadiga desdobrava garras de chumbo que pareciam agarradas aos tornozelos e a puxa-los. Uma voz interior sussurrava que se rendessem e se unissem ao plácido sonho que os esperava sob a água. Ismael segurava a garota a flutuar e sentia seu corpo tremer em seus braços. Quanto tempo poderia aguentar assim nem ele mesmo sabia. Quanto faltava para a alvorada e a retirada da maré, menos ainda.

— Não deixe os braços caídos. Se mova. Não deixe de se mover.
— gemeu.

Irene assentiu, a beira da inconsciência. — Tenho sono... — sussurrou a moça, quase delirando.

— Não. Não pode dormir agora. — ordenou Ismael.

Os olhos de Irene o observavam entreabertos sem vê-lo. Ele elevou o braço e apalpou o teto rochoso até onde os tinha empurrado a maré. As correntes internas os afastavam do orifício na cúspide e entravam nas vísceras da caverna, esgotando a única possível via de escapamento. Apesar de todos seus esforços por manter-se sob o orifício de entrada, não havia modo de segurar-se e evitar que a força imparável da corrente os afastasse dali a seu capricho. Apenas havia espaço para respirar. E a maré, inexorável, seguia subindo.

Por um momento, o rosto de Irene se precipitou sobre a água. Ismael a agarrou e puxou. A moça estava completamente aturdida. Sabia de homens mais fortes e experimentados que tinham perecido de igual modo, a mercê do mar. O frio podia fazer isso com qualquer um. O manto letal intumescia primeiro os músculos e nublava a mente, esperando pacientemente que a vítima se rendesse aos braços da morte.

Ismael agitou a garota e a virou para si. Ela balbuciou palavras sem sentido. Sem pensar duas vezes, Ismael a esbofeteou com força. Irene abriu os olhos e deixou escapar um alarido de pânico. Durante uns segundos não soube onde estava. Na escuridão, rodeada de água geadas e sentindo uns braços estranhos que a rodeavam, acreditou despertar do pior de seus pesadelos. Logo, tudo voltou a sua mente. Cravenmoore. O anjo. A caverna. Ismael a abraçou e ela foi incapaz de conter o pranto; gemia como uma menina assustada.

— Não me deixe morrer aqui. — sussurrou.

O rapaz recebeu suas palavras como uma punhalada envenenada.

— Não vai morrer aqui. Prometo-lhe isso. Não vou permitir. A maré

baixará logo e possivelmente a caverna não se cobre totalmente ... Temos que aguentar um pouco mais. Só um pouco mais e poderemos sair daqui.

Irene assentiu e se abraçou com mais força a ele. Oxalá Ismael tivesse a mesma fé em suas palavras que sua companheira.

Lazarus Jann subiu lentamente os degraus da escadaria principal do Cravenmoore. A aura de uma presença estranha flutuava sob o halo do abajur localizado na cúspide. Podia perceber pelo aroma do ar, no modo em que as partículas de pó teciam uma rede de bolinhas prateadas ao serem apanhadas pela luz. Ao chegar ao segundo piso, seus olhos observaram a porta do extremo do corredor, além dos véus. A porta estava aberta. Suas mãos começaram a tremer.

— Alexandra?

O frio hálito do vento elevou as cortinas que pendiam na galeria na penumbra. Um escuro pressentimento se abateu sobre ele. Lazarus fechou os olhos e levou a mão ao flanco. Uma pontada de dor se tinha aberto no peito e se prolongava até ao braço direito, em um rastilho de pólvora acesa, pulverizando seus nervos com crueldade.

— Alexandra? — gemeu de novo.

Lazarus correu até a porta do quarto e se deteve na soleira, observando os sinais de luta e as janelas rebentadas, abandonadas à fria neblina que cavalgava do bosque. Apertou o punho até sentir como as unhas se cravavam na palma de sua mão.

— Maldito seja...

Logo, limpando o suor frio que lhe cobria o rosto, aproximou-se até o leito e, com infinita delicadeza, afastou as cortinas que pendiam do palanquim.

— Sinto muito, querida... — disse ao mesmo tempo que se sentava na beira da cama — Sinto muito...

Um estranho som captou sua atenção. A porta do quarto balançava

lentamente de um lado para o outro. Lazarus se levantou e se aproximou cautelosamente da soleira.

— Quem anda aí? — perguntou.

Não obteve resposta, mas a porta se deteve.

Lazarus se adiantou uns passos para o corredor e observou a escuridão. Quando sentiu o vaio sobre ele, já era tarde. Um golpe seco na nuca o derrubou no chão, semi-inconsciente. Sentiu como umas mãos o agarravam pelos ombros e o arrastavam pelo corredor. Seus olhos conseguiram captar uma visão fugaz:

Christian, o autômato que guardava a porta principal. O rosto se voltou para ele. Um brilho cruel reluzia em seus olhos.

Pouco depois, perdeu os sentidos.

Ismael pressentiu a chegada da alvorada na retirada das correntes que os tinham estado empurrando sem remédio de volta para o interior da caverna durante toda a noite. As mãos invisíveis do mar foram relaxando sua presa lentamente, permitindo arrastar uma inconsciente Irene para a parte mais alta da caverna, onde o nível do mar lhes concedia um escasso oco de ar. Quando a claridade que reverberava sobre o fundo arenoso estendeu um atalho de luz pálida para a saída da caverna e a maré se bateu em retirada, Ismael deixou escapar um alarido de júbilo que ninguém, nem sequer sua companheira, pôde ouvir. O rapaz sabia que uma vez que o nível do mar iniciasse a descida, a própria caverna lhes mostraria o caminho de saída para a lagoa e o ar livre.

Fazia já algumas horas, possivelmente, que Irene se mantinha em flutuação puramente com a ajuda do Ismael. A jovem apenas conseguia manter-se acordada. Seu corpo já não tremia; simplesmente, balançava-se na corrente como um objeto inanimado. Enquanto esperava pacientemente que a maré lhes deixasse o caminho livre, Ismael

compreendeu que, se não tivesse estado ele ali, Irene teria morrido fazia horas.

Enquanto a segurava na flutuação e lhe sussurrava palavras de ânimo que a moça não podia compreender, o rapaz recordou as histórias que as pessoas do mar contavam sobre os encontros com a morte e sobre como, quando alguém salvava a vida de um semelhante no mar, suas almas permaneciam unidas eternamente por um vínculo invisível.

Pouco a pouco, a corrente se foi retirando e Ismael conseguiu arrastar a Irene para a lagoa, deixando para atrás a entrada da gruta. Enquanto o amanhecer desenhava uma trança de âmbar sobre o horizonte, o menino a conduziu até a margem. Quando a moça abriu os olhos, aturdida, descobriu o rosto sorridente do Ismael, que a observava.

— Estamos vivos. — murmurou ele.

Irene deixou cair as pálpebras, esgotada.

Ismael elevou a vista pela última vez e contemplou a luz da alvorada sobre o bosque e os escarpados. Era o espetáculo mais maravilhoso que tinha presenciado em toda sua vida. Logo, lentamente, estendeu-se junto a Irene na areia branca e se rendeu à fadiga. Nada poderia despertá-los daquele sono. Nada.

O Rosto Sob A Máscara

A primeira coisa que Irene viu ao despertar foi dois olhos negros e impenetráveis que a observavam com parcimônia. A moça deu uma sacudida e a gaivota, assustada, elevou o vôo. A garota sentiu os lábios ressequidos e doloridos, uma ardente tensão na pele e pontadas de ardência em todo o corpo. Seus músculos lhe pareciam de trapo, e seu cérebro, pura gelatina. Uma onda de náuseas a invadiu, da boca do estômago até a cabeça. Ao tentar levantar-se, compreendeu que aquele estranho fogo que parecia lhe comer a pele como ácido era o sol. Um amargo sabor aflorou a seus lábios. A visão do que parecia ser uma pequena baía entre as rochas flutuava a seu redor como um carrossel. Não se havia sentido pior em toda a sua vida.

Estendeu-se de novo e percebeu a presença de Ismael a seu lado. Se não fosse a sua respiração entrecortada, Irene teria jurado que estava morto. Esfregou os olhos e pousou uma de suas mãos feridas sobre o pescoço de seu companheiro. Pulso. Irene acariciou o rosto de Ismael e pouco depois o rapaz abriu os olhos. O sol o cegou por um instante.

— Está horrível... — murmurou ele, sorrindo com dificuldade.

— Pois você ainda não se viu. — replicou a moça. Como dois naufragos que o vendaval tinha cuspidos na praia, levantaram-se cambaleando e procuraram o amparo da sombra sob os restos de um tronco cansado entre os escarpados. A gaivota que tinha estado velando seu sono voltou a pousar-se sobre a areia, com sua curiosidade insatisfeita.

— Que horas devem ser? — perguntou Irene, combatendo o martelar que lhe golpeava as têmporas a cada palavra.

Ismael lhe mostrou seu relógio. A esfera estava cheia de água, e o ponteiro dos segundos, desprendido, parecia uma enguia petrificada em

um aquário. O rapaz protegeu os olhos com ambas as mãos e observou o sol.

— Já passou do meio-dia.

— Quanto tempo estivemos dormindo? — perguntou ela.

— Não o suficiente. — replicou Ismael — Poderia dormir uma semana seguida.

— Não há tempo para dormir agora. — urgiu Irene.

Ele assentiu e estudou os escarpados em busca de uma saída viável.

— Não vai ser fácil. Eu só sei chegar até a lagoa por mar... — começou.

— O que há depois dos escarpados?

— O bosque que atravessamos ontem à noite.

— E o que estamos esperando?

Ismael examinou de novo os escarpados. Uma selva de perfis afiados na pedra se elevava frente a eles. Escalar aquelas rochas ia levar tempo, para não falar das numerosas possibilidades que tinham de sofrer um grave encontro com a lei da gravidade e quebrar a cabeça. A imagem de um ovo estalando sobre o solo desfilou por sua mente. "Perfeito final", pensou.

— Sabe subir? — perguntou Ismael.

Irene encolheu os ombros. O menino observou seus pés nus cobertos de areia. Braços e pernas de pele branca desprotegida.

— Fazia ginástica na escola e era das melhores subindo a corda — disse ela — Suponho que é o mesmo.

Ismael suspirou. Seus problemas não tinham acabado.

Por espaço de uns segundos, Simone Sauvelle voltou a ter oito anos. Voltou a ver aquelas luzes de cobre e prata que traçavam caprichosas aquarelas de fumaça. Voltou a sentir o intenso aroma da cera queimada, das vozes sussurrando na penumbra, e a dança

invisível de centenas de círios ardendo naquele palácio de mistérios e encantamentos que tinha enfeitiçado as lembranças de sua infância: a antiga catedral do Saint Étienne. O feitiço, entretanto, não durou mais que isso, uns segundos.

Pouco depois, à medida que seus olhos cansados percorriam as tenebrosas trevas que a rodeavam, Simone compreendeu que aquelas velas não eram de capela alguma, que as manchas de luz que dançavam nas paredes eram velhas fotografias e que aquelas vozes, sussurros longínquos, só existiam em sua mente. Soube instintivamente que não estava na Casa do Cabo, nem em nenhum lugar que pudesse recordar. Sua memória lhe devolveu o eco confuso das últimas horas. Recordava ter conversado com o Lazarus no alpendre. Recordava-se de ter preparado um copo de leite quente antes de deitar-se, e recordava as últimas palavras que tinha lido no livro que presidia sua mesinha de cabeceira.

Depois de apagar a luz, evocou vagamente ter sonhado com os gritos de um menino e uma absurda sensação de haver despertado em plena madrugada para contemplar como as sombras pareciam caminhar na escuridão. Mais à frente, sua memória se extinguia como o rascunho de um desenho inacabado. Suas mãos apalparam uma malha de algodão e verificou que ainda vestia sua camisola de dormir. Levantou-se e lentamente se aproximou do mural que refletia a luz de dezenas de velas brancas, pulcramente alinhadas nos braços de candelabros sulcados por lágrimas de cera.

As chamas sussurravam em uníssono; aquele som eram as vozes que tinha parecido ouvir. A luz áurea de todas aquelas luzes ardentes lhe dilatou as pupilas e uma estranha lucidez penetrou em sua mente. As lembranças pareciam voltar uma a uma, como as primeiras gotas de uma chuva à alvorada. Com elas, surgiu o primeiro golpe de pânico.

Recordou o frio contato de umas mãos invisíveis arrastando-a nas trevas. Recordou uma voz que lhe sussurrava ao ouvido enquanto cada

músculo de seu corpo ficava petrificado, incapaz de reagir. Recordou uma forma forjada em sombras que a levava através do bosque. Recordou como aquela sombra espectral tinha murmurado seu nome e como ela, paralisada pelo terror, tinha compreendido que nada daquilo era um pesadelo. Simone fechou os olhos e levou as mãos à boca, afogando um grito.

Seu primeiro pensamento foi para seus filhos. O que tinha acontecido a Irene e Dorian? Seguiam na casa? Tinha-os alcançado aquela aparição indescritível? Uma força dilaceradora marcou a fogo cada uma destas interrogações em sua alma. Correu para o que parecia ser uma porta e lutou com a fechadura em vão, gritando e uivando até que a fadiga e o desespero puderam mais que ela. Paulatinamente, uma fria serenidade a devolveu à realidade.

Estava presa. Quem a tinha sequestrado em metade da noite a tinha encerrado naquele lugar e, provavelmente, também tinha capturado seus filhos. Pensar que poderia tê-los prejudicado ou ferido estava fora de consideração naquele momento. Se esperava poder fazer algo por eles, devia anular qualquer novo espasmo de pânico e manter o controle de cada um de seus pensamentos. Simone apertou os punhos com força enquanto repetia estas palavras. Respirou profundamente com os olhos fechados, sentindo como seu coração recuperava um pulsar normal.

Pouco depois abriu de novo os olhos e observou o quarto com atenção. Quanto mais rápido compreendesse o que estava acontecendo, mais rápido poderia sair dali e ir em ajuda de Irene e Dorian.

O primeiro que seus olhos registraram foram os móveis, pequenos e austeros. Móveis de menino, de construção singela, vizinha da pobreza. Estava no quarto de um menino, mas seu instinto lhe dizia que fazia muito tempo que nenhum menino o ocupava. A presença que impregnava aquele lugar, tangível, fosse o que fosse, desprendia

velhice, decrepitude. Simone se aproximou do leito e se sentou sobre ele, contemplando o quarto dali. Não havia inocência naquela quarto. O que podia pressentir era escuridão. Maldade.

O lento veneno do medo começou a correr por suas veias, mas Simone ignorou seus sinais de aviso e, pegando um dos candelabros, aproximou-se da parede. Uma infinidade de recortes e fotografias formavam um mural que se perdia na penumbra. Percebeu o estranho esmero com que todas aquelas imagens tinham sido coladas à parede. Um sinistro museu de lembranças se desdobrava ante seus olhos, e cada um daqueles recortes parecia proclamar, em silêncio, a existência de algum significado para tudo aquilo. Uma voz que tentava fazer-se ouvir do passado. Simone aproximou a vela a um palmo escasso da parede e deixou que a corrente de fotografias e gravuras, de palavras e desenhos, a alagasse.

Seus olhos captaram no vôo um nome familiar numa das dezenas de notícias: Daniel Hoffmann. O nome despertou sua memória como um relâmpago. O misterioso personagem de Berlim cuja correspondência devia separar, segundo suas instruções. O estranho indivíduo cujas cartas, tal como Simone tinha averiguado acidentalmente, foram parar às chamas. Entretanto, havia algo em tudo aquilo que não enquadrava. O homem de que falavam aquelas notícias não vivia em Berlim e, a julgar pelas datas de publicação dos periódicos, deveria contar agora com uma idade avançada. Confundida, Simone se concentrou no texto da resenha.

O Hoffmann dos recortes era um homem rico, fenomenalmente rico. Centímetros mais à frente, na primeira página do Fígaro, publicava a notícia de um incêndio na fábrica de brinquedos. Hoffmann tinha morrido na tragédia. As chamas consumiam o edifício e uma multidão se amontoava, paralisada pelo espetáculo infernal. Entre eles, um menino de olhos assustados olhava à câmara, perdido.

O mesmo olhar aparecia em outro recorte. Esta vez, a notícia explicava a tenebrosa história de um rapaz que tinha permanecido sete dias encerrado em um porão, abandonado na escuridão. Agentes da polícia o tinham encontrado ao achar sua mãe morta num dos quartos. O rosto do menino, que apenas devia contar sete ou oito anos, era um espelho sem fundo.

Um intenso calafrio lhe percorreu o corpo, enquanto as peças de um sinistro quebra-cabeças começavam a insinuar-se em sua mente. Mas havia mais, e o fascinante poder daquelas imagens era hipnótico. Os recortes avançavam no tempo. Muitos deles falavam de pessoas desaparecidas, de pessoas que Simone nunca tinha ouvido mencionar. Entre eles, destacava uma moça de beleza resplandecente, Alexandra Alma Maltisse, herdeira de um império de forjadores de Lyon, a que uma revista da Marsella se referia como a prometida de um jovem, mas prestigioso engenheiro e inventor de brinquedos, Lazarus Jann. Junto a aquele recorte, uma série de fotografias mostrava o deslumbrante casal entregando brinquedos num orfanato do Montparnasse. Os dois transbordavam felicidade e luminosidade. "É meu firme propósito que todos os meninos deste país, seja qual for sua situação, possam ter um brinquedo", declarava o inventor no rodapé de foto.

Mais adiante, outro periódico anunciava o matrimônio do Lazarus Jann e Alexandra Maltisse. A fotografia oficial do compromisso tinha sido tirada ao pé da escadaria do Cravenmoore.

Um Lazarus repleto de juventude abraçava a sua prometida. Nem uma só nuvem turvava aquela imagem de sonho. O jovem e empreendedor Lazarus Jann tinha adquirido a suntuosa mansão com a intenção de constituir seu lar nupcial. Diversas imagens do Cravenmoore ilustravam a notícia.

A sucessão de imagens e recortes se prolongava mais e mais, aumentando aquela galeria de personagens e acontecimentos do passado. Simone se deteve e voltou atrás. O rosto daquele menino,

perdido e apavorado, não a abandonava. Deixou que seus olhos penetrassem naquele olhar desolado e, lentamente, reconheceu nele o olhar em quem tinha posto esperanças e amizade. Aquele olhar não era daquele Jean Neville de que Lazarus lhe tinha falado. Aquele era um olhar conhecido para ela, dolorosamente conhecido. Era o olhar do Lazarus Jann.

Uma nuvem de negrume correu um véu sobre seu coração. Inspirou profundamente e fechou os olhos. Por alguma razão, antes que a voz soasse em suas costas, Simone soube que havia alguém mais no quarto.

Ismael e Irene alcançaram o topo dos escarpados pouco antes das quatro da tarde. Testemunhas da dificuldade da subida eram os machucados e os cortes que a pedra tinha lavrado cruelmente em seus braços e suas pernas. Aquele era o preço de lhes permitir cruzar o caminho proibido. Por muito dificultoso que Ismael tivesse esperado que fosse a subida, a realidade demonstrou ser pior e mais perigosa do que podia imaginar. Irene, sem pigarrear um segundo, nem separar os lábios para queixar-se dos arranhões que faziam rasgos em sua pele, tinha-lhe demonstrado um valor que não tinha visto antes em pessoa alguma.

A moça tinha subido e se aventurou por penhascos onde ninguém, em seu são juízo, teria posto os pés. Quando finalmente chegaram à soleira do bosque, Ismael se limitou a abraçá-la em silêncio. A força que ardia dentro daquela garota não apagaria nem com toda a água do oceano.

— Cansada?

Sem fôlego, Irene negou com a cabeça.

— Alguma vez lhe terão dito que é a pessoa mais teimosa que há neste planeta?

Meio sorriso apareceu nos lábios da moça. — Espera para conhecer minha mãe.

Antes que Ismael pudesse replicar, ela pegou sua mão e puxou-o

para o bosque. Atrás de suas costas, um abismo mais abaixo, distinguia-se a lagoa.

Se alguém lhe tivesse dito que um dia subiria por aqueles escarpados infernais, não teria acreditado. A respeito de Irene, entretanto, estava disposto a acreditar em qualquer coisa.

Simone se voltou lentamente para as sombras. Podia sentir a presença do intruso; podia inclusive ouvir o sussurro de sua respiração pausada. Mas não podia vê-lo. A aura das velas se desvanecia em um halo impenetrável, mais à frente o quarto se transformava num vasto cenário sem fundo. Simone escrutinou a penumbra que mascarava o visitante. Uma estranha serenidade a dominava e lhe outorgava uma lucidez de pensamento que a surpreendia. Seus sentidos pareciam recolher cada minúsculo detalhe que a rodeava com uma precisão arrepiante. Sua mente registrava cada vibração do ar, cada som, cada reflexo. Deste modo, entrincheirada naquele estranho estado de calma, permaneceu em silêncio enfrentando as trevas, esperando que o visitante se desse a conhecer.

— Não esperava vê-la aqui. — disse finalmente a voz das sombras, uma voz débil, distante — Tem medo?

Simone negou com a cabeça.

— Bem. Não deve o ter. Não deve ter medo.

— Vai continuar aí escondido, Lazarus?

Um longo silencio seguiu-se a sua pergunta. A respiração do Lazarus se fez mais audível.

— Prefiro ficar aqui. — respondeu finalmente.

— Por que?

Algo brilhou na penumbra. Um brilho fugaz, quase imperceptível.

— Por que não se senta, madame Sauvelle?

— Prefiro estar de pé.

— Como quiser. — O homem fez uma nova pausa —

Provavelmente se perguntará o que aconteceu.

— Entre outras coisas. — cortou Simone, o fio da indignação aparecendo no seu tom de voz.

— Talvez o mais singelo seria que você formulasse essas perguntas e que eu tratasse de responder.

Simone deixou escapar um suspiro de ira.

— Minha primeira e última pergunta, onde está a saída. — espetou.

— Temo que isso não seja possível. Não ainda.

— Por que não?

— É essa outra de suas perguntas?

— Onde estou?

— No Cravenmoore.

— Como cheguei até aqui e por que?

— Alguém a trouxe ...

— Você?

— Não.

— Quem?

— Alguém que você não conhece ... ainda.

— Onde estão meus filhos?

— Não sei.

Simone avançou para as sombras, seu rosto vermelho de ira.

— Maldito bastardo!...

Caminhou para o lugar de onde provinha a voz. Paulatinamente, seus olhos perceberam uma silhueta sobre uma poltrona. Lazarus. Mas havia algo estranho em seu rosto. Simone se deteve.

— É uma máscara — disse Lazarus.

— Por que razão? — perguntou ela, sentindo que a serenidade que tinha experimentado se evaporava vertiginosamente.

— As máscaras revelam o verdadeiro rosto das pessoas...

Simone lutou por não perder a calma. Render-se à ira não a conduziria a nada. — Onde estão meus filhos? Por favor...

— Já lhe disse, madame Sauvelle. Não sei.

— O que vai fazer comigo?

Lazarus levantou uma de suas mãos, embainhada em uma luva acetinada. A superfície da máscara brilhou de novo. Aquele era o reflexo que tinha percebido antes.

— Não a vou magoar , Simone. Não deve ter medo de mim. Tem que confiar em mim.

— Uma petição um tanto sem sentido, não lhe parece?

— Para seu próprio bem. Trato de protegê-la.

— De quem?

— Sente-se, por favor.

— Que diabos está acontecendo aqui? Por que não me diz o que se está passando?

Simone notou como sua voz se convertia num fio quebradiço e infantil. Reconhecendo estar à beira da histeria, apertou os punhos e respirou profundamente. Retrocedeu uns passos e tomou assento em uma das cadeiras que rodeavam uma mesa vazia.

— Obrigado. — murmurou Lazarus.

Ela deixou escapar uma lágrima em silêncio. — Antes de mais nada, quero que saiba que sinto profundamente que se tenha envolvido em tudo isto. Nunca pensei que chegaria este momento. — declarou o fabricante de brinquedos.

— Nunca existiu um menino chamado Jean Neville, não é assim? — perguntou Simone — Esse menino foi você. A história que me contou... era uma meia verdade de sua própria história.

— Vejo que esteve lendo minha coleção de recortes. Provavelmente isso a levou a formar algumas ideias interessantes, mas equivocadas.

— A única ideia que formei, senhor Jann, é que você é uma pessoa doente que necessita ajuda. Não sei como conseguiu me trazer até aqui, mas lhe asseguro que logo que saia deste lugar, minha

primeira visita vai ser a delegacia. O rapto é um delito ...

Suas palavras lhe soaram tão ridículas como fora do contexto.

— Devo concluir então que tem intenção de renunciar a seu emprego, madame Sauvelle?

Aquela estranha ponta de ironia desenhou um sinal de alerta no ânimo da Simone. Aquele comentário não se diria próprio do Lazarus que conhecia. Embora, para falar a verdade, se algo estava claro é que não o conhecia absolutamente.

— Conclua o que quiser. — replicou friamente.

— Bem. Nesse caso, antes que vá à autoridade, para a qual tem minha vênica, me permita que complete as peças da história que sem dúvida você alinhavou em sua mente.

Simone observou a máscara, pálida e desprovida de qualquer expressão. Um rosto de porcelana do qual emergia aquela voz fria e distante. Seus olhos eram dois poços de escuridão.

— Como verá, apreciada Simone, a única moral que se pode tirar desta história, ou de qualquer outra, é que, na vida real, em diferença da ficção, nada é o que parece ...

— Me prometa uma coisa, Lazarus. — interrompeu-o ela.

— Se estiver em minha mão...

— Me prometa que, se escutar sua história, me deixará partir daqui com meus filhos. Eu lhe juro que não irei à autoridade. Somente pegarei na minha família e abandonarei este povoado para sempre. Não voltará a saber de mim. — suplicou Simone.

A máscara guardou uns segundos de silêncio. — É isso que deseja?

Ela assentiu, contendo as lágrimas.

— Decepciona-me, Simone. Acreditei que fossemos amigos. Bons amigos.

— Por favor...

A máscara fechou o punho.

— Está bem. Se o que quer é reunir-se com seus filhos, assim será. No seu devido tempo...

— Recorda a sua mãe, madame Sauvelle? Todos os meninos têm no seu coração um lugar reservado para a mulher que os trouxe ao mundo. É como um ponto de luz que nunca se apaga. Uma estrela no firmamento. Eu passei a maior parte de minha vida tentando apagar esse ponto. Esquecê-lo por completo. Mas não é fácil. Não o é. Espero que, antes de me julgar e me condenar, tenha por bem escutar minha história. Serei breve. As boas histórias necessitam de poucas palavras...

"Vim ao mundo a noite de 26 de dezembro de 1882, numa velha casa da mais escura e retorcida rua do distrito dos Gobelins, em Paris. Um lugar tenebroso e insalubre, certamente. Leu Victor Hugo, madame Sauvelle? Se o fez, saberá do que lhe falo. Foi ali onde minha mãe, com ajuda de sua vizinha Nicole, deu a luz um pequeno bebê. Era um inverno tão frio que, ao que parece, demorei minutos em romper no pranto que se espera de todo bebê. Tanto é assim, que por um instante, minha mãe esteve convencida que tinha nascido morto. Quando comprovou que não era assim, a pobre infeliz interpretou como um milagre e decidiu, divina ironia, me batizar com o nome do Lazarus."

"Evoco os anos de minha infância como uma sucessão de gritos nas ruas e de longas enfermidades de minha mãe. Uma de minhas primeiras lembranças é o estar sentado sobre os joelhos da Nicole, a vizinha, e escutar como a boa mulher me contava que minha mãe estava muito doente, que não podia atender a minhas chamadas e que devia ser bom e ir jogar com os outros meninos. Os outros meninos que se referia eram um grupo de meninos esfarrapados que mendigavam de sol a sol e aprendiam antes dos sete anos que a sobrevivência no bairro passava por se converterem em criminosos ou funcionários. Não é necessário esclarecer qual das duas alternativas era a favorita."

"A única luz de esperança naqueles dias no bairro era

representada por um personagem misterioso que ocupava nossos sonhos. Seu nome era Daniel Hoffmann e era sinônimo de fantasia para todos nós, até ao ponto de muitos duvidavam de sua existência. Conforme contava a lenda, Hoffmann percorria as ruas de Paris com diferentes disfarces e simulando distintas identidades, repartindo entre os meninos pobres brinquedos que ele mesmo tinha construído em sua fábrica. Todos os meninos de Paris tinham ouvido falar dele e todos sonhavam que, algum dia, eles seriam os escolhidos pela sorte."

"Hoffmann era o imperador da magia e da imaginação. Só uma coisa podia vencer a força de sua fascinação: a idade. À medida que os garotoss cresciam e seu espírito ficava desprovido da capacidade de imaginar, de brincar, o nome do Daniel Hoffmann se apagava de sua memória; até que um dia, já adultos, eram incapazes de identifica-lo quando o ouviam dos lábios de seus próprios filhos...

"Daniel Hoffmann foi o maior fabricante de brinquedos que jamais existiu. Possuía uma grande fabrica no distrito de Gobelins. Sua fábrica de brinquedos era semelhante a uma grande catedral que se elevava entre as trevas daquele bairro fantasmagórico e infestado de perigos e misérias. Uma torre afiada, como uma agulha, se elevava no centro e se cravava nas nuvens. A partir dela, os sinos assinalavam a alvorada e o crepúsculo todos os dias do ano. O eco daqueles sinos se ouvia em toda a cidade. Todos os garotos do bairro conheciam o edifício, mas os adultos eram incapazes de vê-lo e acreditavam que sua localização ocupava um imenso pântano impenetrável, uma terra baldia no coração das trevas de Paris."

"Ninguém tinha visto jamais o verdadeiro rosto do Daniel Hoffmann. Dizia-se que o criador de brinquedos ocupava uma sala no ponto mais alto da torre e que pouco saía dali; exceto quando se aventurava, disfarçado, pelas ruas de Paris ao anoitecer e dava de presente brinquedos aos meninos deserdados da cidade. Em troca, somente pedia uma coisa: o coração dos garotos, sua promessa eterna

de amor e obediência. Qualquer menino do bairro lhe teria entregue seu coração sem duvidar. Mas não todos escutavam o chamado. Os rumores falavam de centenas de diferentes disfarces que ocultavam sua identidade. Havia quem se aventurava a declarar que Daniel Hoffmann jamais empregava duas vezes um mesmo adorno."

"Mas voltemos para minha mãe. A enfermidade que Nicole se referia é para mim ainda um mistério. Imagino que algumas pessoas, como certos brinquedos, às vezes nascem com uma tara de origem. De algum modo, isso converte todos em brinquedos danificados, não lhe parece? O caso é que a doença que padecia minha mãe se traduziu com o tempo numa paulatina perda de suas capacidades mentais. Quando o corpo está ferido, a mente não demora a desviar-se do caminho. É lei de vida."

"Foi assim que aprendi a crescer com a solidão como única companhia e a sonhar que algum dia Daniel Hoffmann viria em minha ajuda. Lembro que todas as noites, antes de me deitar, pedia ao anjo da guarda que me levasse até ele. Todas as noites. E foi assim que, suponho que inspirado na fantasia do Hoffmann, comecei a fabricar meus próprios brinquedos."

"Para isso utilizava despojos que encontrava no lixo do bairro. E construí meu primeiro trem e um castelo de três níveis. Seguiu-se um dragão de cartão e, mais adiante, uma máquina de voar, muito antes que os aeroplanos fossem uma visão habitual no céu. Mas meu brinquedo favorito era Gabriel. Gabriel era um anjo. Um anjo maravilhoso que forjei com minhas próprias mãos para que me protegesse da escuridão e dos perigos do destino. Construí-o com os restos de uma máquina de engomar e quinquilharia que consegui de um tear abandonado, duas ruas mais abaixo de onde vivíamos. Mas Gabriel, meu anjo da guarda, teve uma vida curta."

"O dia em que minha mãe descobriu todo meu arsenal de brinquedos, Gabriel ficou condenado a morte."

"Minha mãe me levou para o porão da casa e ali, sussurrando e sem deixar de olhar para todo o lado, como se temesse que alguém estivesse espreitando na sombra, contou-me que alguém lhe vinha falando em sonhos. Seu confidente lhe tinha feito a seguinte revelação: os brinquedos, todos os brinquedos, eram uma invenção do Lúcifer. Com eles esperava condenar as almas dos meninos do mundo. Aquela mesma noite, Gabriel e todos meus brinquedos foram parar ao forno da caldeira."

"Minha mãe insistiu que devíamos destruí-los juntos, nos assegurar de que se reduziriam a cinzas. Caso contrário, a sombra de minha alma maldita, explicou ela, viria até mim. Cada mancha em minha conduta, cada falta, cada desobediência, ficava marcada nela. Uma sombra que levava sempre comigo e que era um reflexo do malvado e desconsiderado que eu era com ela, com o mundo..."

"Naquele tempo, eu tinha sete anos."

"Foi ao redor daquela época que a enfermidade de minha mãe agonizou. Começou a me encerrar no porão, onde, segundo ela, a sombra não poderia me encontrar se viesse até mim. Durante esses longos fechamentos, apenas me atrevia a respirar, temendo que meus suspiros chamassem a atenção da sombra, aquele malvado reflexo de minha alma débil, e me levasse diretamente ao inferno. Tudo isto lhe resultará cômico, ao pior, triste, madame Sauvelle, mas para aquele menino de poucos anos, era a arrepiante realidade de cada dia."

"Não quero aborrecê-la com detalhes sórdidos daqueles tempos. Basta dizer que, durante um desses fechamentos, minha mãe perdeu definitivamente o pouco juízo que tinha e eu permaneci uma semana inteira fechado naquele porão, sozinho na escuridão. Já o leu você no recorte, imagino. Uma dessas histórias que a gente da imprensa lhes agrada colocar na primeira página de suas edições. As más notícias, especialmente se forem acidentadas e horripilantes, abrem os bolsos do público com uma eficácia espantosa. A tudo isto, você se perguntará, o

que fez um menino encerrado durante sete dias e sete noites em um porão escuro?"

"Em primeiro lugar, permita-lhe dizer que, passadas umas horas privado de luz, o ser humano perde o sentido do tempo. As horas se transformam em minutos ou segundos. Ou semanas se preferir. O tempo e a luz estão estritamente relacionados. O caso é que durante esse período de tempo aconteceu algo realmente prodigioso. Um milagre. Meu segundo milagre, se você quiser, depois daqueles minutos em branco após nascer."

"Minhas preces tiveram efeito. Todas aquelas noites orando em silêncio não tinham sido em vão. Chame-lhe sorte, chame-lhe destino."

"Daniel Hoffmann veio até mim. A mim. De entre todos os meninos de Paris, eu fui o eleito naquela noite para receber sua graça. Ainda lembro aquela tímida chamada no alçapão que dava para o exterior da rua. Eu não podia chegar até ela, mas sim pude responder à voz que me falou do exterior; a voz mais maravilhosa e bondosa que ouvi jamais. Uma voz que rompia a escuridão e que fundia o medo de um pobre menino assustado, como o sol derrete o gelo. E, sabe uma coisa, Simone? Daniel Hoffmann me chamou por meu nome."

"E eu lhe abri a porta de meu coração. Pouco depois, uma luz maravilhosa entrou no porão e Hoffmann apareceu do nada, vestindo um deslumbrante traje branco. Se você o tivesse visto, Simone. Era um anjo, um verdadeiro anjo de luz. Nunca vi ninguém que irradiasse aquela aura de beleza e de paz."

"Naquela noite, Daniel Hoffmann e eu conversamos sobre a intimidade, como você e eu o estamos fazendo agora. Não fez falta que lhe contasse do Gabriel e do resto de meus brinquedos; já estava ao corrente. Hoffmann era um homem informado. Também estava a par das histórias que minha mãe me tinha relatado a respeito da sombra. Sabia tudo a respeito. Aliviado, confessei-lhe que essa sombra me tinha

realmente aterrorizado."

"Não pode imaginar a compaixão, a compreensão que emanava daquele homem. Escutou pacientemente o relato de tudo que me acontecia, e podia sentir que tinha participado de minha dor, de minha angústia. E, especialmente, compreendia qual era o maior de meus temores, o pior de meus pesadelos: a sombra. Minha própria sombra, aquele espírito maligno que me seguia para todas partes e que carregava com tudo quanto de mau havia em mim..."

"Foi Daniel Hoffmann quem me explicou o que devia fazer. Até então eu era um pobre ignorante, compreenda. O que sabia eu de sombras? O que sabia eu daqueles misteriosos espíritos que visitavam às pessoas em seus sonhos e lhes falavam do futuro e do passado? Nada."

"Mas ele sim sabia. Ele sabia tudo. E estava disposto a me ajudar."

"Naquela noite, Daniel Hoffmann me revelou o futuro. Disse-me que eu estava destinado a suceder-lhe à frente de seu império. Explicou-me que todos os seus conhecimentos, toda sua arte, seriam meus algum dia, e que o mundo de pobreza que me rodeava se desvaneceria para sempre. Pôs em minhas mãos um futuro que jamais me teria atrevido a sonhar. Um futuro. Eu não sabia o que isso era. E ele me brindou com isso. Somente deveria fazer uma coisa em troca. Uma pequena promessa insignificante: devia lhe entregar meu coração. Só a ele e a ninguém mais que ele."

"O fabricante de brinquedos me perguntou se compreendia o que isso significava. Respondi que sim, sem duvidar um instante. É obvio que podia contar com meu coração. Ele era a única pessoa que se tinha portado bem comigo. A única pessoa a que se tinha importado. Disse-me que, se o desejasse, muito em breve sairia dali, que nunca mais voltaria a ver aquela casa nem aquele lugar, nem sequer a minha mãe. E, o mais importante, disse-me que não deveria me preocupar nunca mais com a sombra. Se fizesse o que ele me pedia, o futuro se abriria à

minha frente, limpo e luminoso."

"Perguntou-me se confiava nele. Assenti. Naquele momento, extraiu um pequeno frasco de cristal, parecido aquele que você empregaria para guardar o perfume. Sorrindo, desentupiu-o e meus olhos assistiram a uma visão assustadora. Minha sombra, meu reflexo na parede, tornou-se numa mancha dançante. Uma nuvem de escuridão que foi absorvida pelo frasco, capturada para sempre em seu interior. Daniel Hoffmann fechou então o frasco e me entregou. O vidro estava frio como o gelo.

"Explicou-me então que, desde aquele momento, meu coração já lhe pertencia e que, muito em breve, todos meus problemas se desvaneceriam. Se não faltasse ao meu juramento. Disse-lhe que jamais poderia fazer uma coisa assim. Sorriu-me carinhosamente de novo e me entregou um obséquio. Um caleidoscópio. Pediu-me que fechasse os olhos e pensasse com todas minhas forças no que mais desejava no universo. Enquanto o fazia, ajoelhou-se frente a mim e me beijou na testa. Quando abri os olhos, já não estava ali."

"Uma semana depois, a polícia, alertada por um anônimo informante, que os pôs ao corrente do que acontecia em minha casa, resgatou-me daquele buraco. Minha mãe tinha morrido..."

"De caminho à delegacia de polícia, as ruas se encheram de carros de bombeiros. O fogo podia cheirar-se no ar. Os policiais que me custodiavam se desviaram da rota e então pude vê-lo: elevando-se no horizonte, a fábrica de Daniel Hoffmann ardia num dos incêndios mais pavorosos que se viu na história de Paris. As pessoas que jamais tinham reparado observavam a catedral de fogo. Todos recordaram então o nome daquele personagem que tinha semeado de sonhos sua infância: Daniel Hoffmann. O palácio do imperador ardia..."

"As chamas e a pira de fumaça negra se elevaram para o céu durante três dias e três noites, como se o inferno tivesse aberto suas portas no negro coração da cidade. Eu estava ali e o vi com meus

próprios olhos. Dias depois, quando só ficavam cinzas para dar testemunho do impressionante edifício que se elevou ali, os periódicos publicaram a notícia."

"Com o tempo, as autoridades encontraram um parente de minha mãe que se encarregou da minha custódia, e me mudei para viver com sua família no Cap d'Antibes. Ali cresci e me eduquei. Uma vida normal. Feliz. Tal e como Daniel Hoffmann me tinha prometido. Inclusive me permiti inventar uma variante de meu passado, para contar isso mesmo: a história que lhe narrei."

"No dia em que completei os dezoito anos recebi uma carta. O carimbo era de oito anos antes, do departamento postal do Montparnasse. Nela, meu velho amigo me anunciava que o escritório do notário, de um tal monsieur Gilbert Travant, no Fontainebleau, tinha em seu poder as escrituras de uma residência na costa da Normandia que passava a ser legalmente de minha propriedade, ao cumprir a maioridade. A nota, em pergaminho, vinha assinada com uma "D"".

"Demorei vários anos para tomar posse de Cravenmoore. Nessa altura eu já era um prometedor engenheiro. Meus desenhos de brinquedos ultrapassavam qualquer projeto conhecido até a data. Logo compreendi que tinha chegado o momento de criar minha própria fábrica. No Cravenmoore. Tudo estava acontecendo tal e qual ele tinha anunciado. Tudo, até que aconteceu o acidente. Ocorreu na Porte do Saint Michel, um 13 de fevereiro. Ela se chamava Alexandra Alma Maltisse e era a criatura mais bela que jamais tinha visto."

"Durante todos aqueles anos, tinha conservado comigo aquele frasco que Daniel Hoffmann me tinha entregue, no porão da rua de Gobelins, naquela noite. Seu tato seguia sendo tão frio como então. Seis meses depois, traí minha promessa a Daniel Hoffmann e entreguei meu coração aquela jovem. Casei-me com ela. Foi o dia mais feliz de minha vida. A noite anterior ao matrimônio, que iria celebrar-se no Cravenmoore, peguei no frasco que continha minha sombra e dirigi aos

escarpados do cabo. Dali, condenando-a para sempre ao esquecimento, lancei-a às escuras águas.

"É obvio, rompi minha promessa..."

O sol tinha iniciado já seu declive sobre a baía quando Ismael e Irene avistaram entre as árvores a fachada posterior da Casa do Cabo. O esgotamento que ambos arrastavam parecia ter-se retirado discretamente para algum lugar, não muito longínquo, à espera de um momento mais oportuno para empreender sua volta. Ismael tinha ouvido falar desse fenômeno, que alguns atletas experimentavam uma vez ultrapassado o limite de sua própria capacidade de cansaço. Passado esse ponto, o corpo seguia em frente sem mostras de fadiga. Até que a máquina parava, claro está. Uma vez que o esforço acabava, o castigo caía de uma só vez. Um empréstimo dos músculos, por assim dizer.

— No que está pensando? — perguntou Irene, advertindo o semblante meditabundo do rapaz.

— Que tenho fome.

— E eu. Não é estranho?

— Pelo contrário. Nada como um bom susto para abrir o apetite... — permitiu-se brincar Ismael.

A Casa do Cabo estava calma e não havia sinal aparente de presença alguma. Duas grinaldas de roupa seca, suspensa nos varais, ondulavam ao vento. Ismael captou uma visão fugaz do que claramente parecia roupa interior de Irene, pela extremidade do olho. Sua mente passou a considerar o aspecto que teria sua companheira vestida com semelhantes atavios.

— Está bem? — inquiriu ela.

O rapaz engoliu em seco, mas assentiu. — Cansado e faminto, isso é tudo.

Irene lhe dirigiu um sorriso enigmático. Por um segundo, Ismael

considerou a possibilidade de que todas as mulheres fossem, secretamente, capazes de ler o pensamento. Melhor não perder-se em semelhantes considerações com o estômago vazio.

A jovem tentou de abrir a porta traseira da casa, mas ao que parece alguém tinha jogado o ferrolho por dentro. O sorriso de Irene se tornou numa careta de estranheza.

— Mamãe? Dorian? — chamou enquanto se afastava uns passos e examinava as janelas do piso superior.

— Tentamos adiante. — disse Ismael.

Ela o seguiu, rodeando a casa até ao alpendre.

Um tapete de vidros quebrados aflorou a seus pés. Ambos se detiveram e a visão da porta destroçada e todas as janelas estilhaçadas se desdobrou ante eles. Uma simples visão, parecia que uma explosão de gás teria arrancado a porta das dobradiças ao mesmo tempo que cuspiu uma tormenta de vidro para o exterior. Irene tentou frear a onda de frio que lhe subia do estômago. Em vão. Dirigiu um olhar aterrorizado a Ismael e se dispôs a entrar na casa. Ele a reteve, em silêncio.

— Madame Sauvelle? — chamou do alpendre. O som de sua voz se perdeu no fundo da casa. Ismael entrou cautelosamente no interior e examinou o panorama. Irene apareceu atrás dele. O suspiro da moça tocou fundo.

A palavra para descrever o estado da casa, se é que havia alguma, era devastação. Ismael jamais tinha visto os efeitos de um tornado, mas imaginou que se pareciam com o que seus olhos estavam transmitindo.

— Meu Deus ...

— Cuidado com os vidros — percebeu o rapaz.

— Mamãe!

O grito reverberou pela casa, um espírito vagabundo de aposento em aposento. Ismael, sem soltar a Irene nem um segundo, aproximou-se da escada e jogou uma olhada ao piso superior.

— Subamos — disse ela.

Subiram pela escada lentamente, examinando os rastros que uma força invisível tinha deixado a seu redor. A primeira em perceber que o dormitório da Simone não tinha porta foi Irene.

— Não!... — murmurou.

Ismael se apressou até a soleira da estadia e a examinou. Nada. Um a um, ambos registraram todos os quartos do piso superior. Vazios.

— Onde estão? — perguntou a garota com voz trêmula.

— Aqui não há ninguém. Voltemos para baixo.

Pelo que podia, ver a luta, ou o que quer que fosse que tinha acontecido naquele cenário, tinha sido violenta. O rapaz se reservou qualquer observação, mas uma escura suspeita a respeito da sorte da família de Irene cruzou seu pensamento. Ela, ainda sob os efeitos do choque, chorava em silêncio ao pé da escada. "Em questão de minutos, — pensou Ismael — a histeria abrirá caminho." Mais valia que pensasse algo, e rápido, antes que isso acontecesse. Sua mente baralhava uma dúzia de possibilidades, a qual menos efetiva, quando ambos ouviram pela primeira vez os golpes. Um silêncio mortal os seguiu.

Irene elevou o olhar, chorosa, e seus olhos procuraram a confirmação no Ismael. O rapaz assentiu, elevando um dedo em sinal de silêncio. Os golpes se repetiram, secos e metálicos, viajando através da estrutura da casa. A mente do Ismael demorou uns segundos em rastrear aqueles impactos surdos e apagados. Metal. Algo, ou alguém, estava golpeando sobre uma peça de metal em algum lugar da casa. O som se repetiu mecanicamente. Ismael sentiu a vibração viajar sob seus pés e seus olhos se detiveram sobre uma porta fechada no corredor que conduzia à cozinha na parte posterior.

— Aonde dá essa porta?

— Ao porão... — respondeu Irene.

O menino se aproximou da porta e auscultou o interior colando o ouvido à porta de madeira. Os golpes se repetiram por enésima vez. Ismael tentou abrir, mas o cabo estava trancado.

— Há alguém aí dentro? — gritou.

O som de umas pegadas subindo pela escada chegou até seus ouvidos.

— Tome cuidado. — disse Irene.

Ismael se separou da porta. Por um instante, a imagem do anjo emergindo do porão da casa inundou sua mente. Uma voz quebradiça se ouviu o outro lado, distante. Irene se levantou de um salto e correu para a porta.

— Dorian?

A voz balbuciou algo.

Irene olhou para ao Ismael e assentiu. — É meu irmão...

O rapaz comprovou que derrubar uma porta ou, nesse caso, destroça-la era uma tarefa bastante mais complexa do que as séries radiofônicas davam a entender. Passaram uns bons dez minutos antes que, com a ajuda de uma barra de metal que encontraram na despensa da cozinha, a porta se rendesse por fim. Ismael, coberto de suor, afastou-se uns passos e Irene deu o puxão de graça. A fechadura, uma massa de lascas de madeira emergindo do mecanismo ferrugento e travado, caiu ao chão. Aos olhos do menino, parecia um ouriço.

Um segundo depois, um rapaz de complexão pálida emergiu da escuridão. Seu rosto estava torturado numa máscara de terror e suas mãos tremiam. Dorian se encolheu nos braços de sua irmã, como um animal assustado. Irene dirigiu um olhar a Ismael. Fosse o que fosse o que o rapaz tinha visto, fazia moça nele. Irene se ajoelhou frente a ele e lhe limpou o rosto manchado de sujeira e lágrimas secas.

— Está bem, Dorian? — perguntou-lhe com calma, apalpando o corpo do menino em procura de feridas ou fraturas.

Dorian assentiu repetidamente.

— Onde está mamãe?

O rapaz elevou o olhar. Seus olhos estavam estancados de terror.

— Dorian, é importante. Onde está mamãe?

— A levou ... -balbuciou ele.

Ismael se perguntou quanto tempo teria ficado fechado ali em baixo, na escuridão.

— A levou... — repetiu Dorian, como se estivesse sob os efeitos de um influxo hipnótico.

— Quem a levou, Dorian? — perguntou Irene com fria serenidade — Quem levou a mamãe?

Dorian dirigiu um olhar a ambos e sorriu fracamente, como se a pergunta que formulavam fosse absurda.

— A sombra... — respondeu — A sombra a levou.

Os olhares de Ismael e Irene se encontraram. Ela respirou profundamente e pôs as mãos sobre os braços de seu irmão.

— Dorian, vou pedir que faça algo que é muito importante. Compreende-me?

Ele assentiu.

— Necessito que vá correndo ao povoado, à delegacia, e que diga ao delegado que um acidente terrível ocorreu no Cravenmoore. Que mamãe está lá, ferida. Que venham quanto antes. Compreendeu-me?

Dorian a observou, desconcertado.

— Não mencione a sombra. Diga só o que eu lhe disse. É muito importante... Se o fizer, ninguém acreditará em você. Mencione só um acidente.

Ismael assentiu.

— Necessito que faça isso por mim, e por mamãe. Poderá fazê-lo?

Dorian olhou o Ismael e logo a sua irmã.

— Mamãe teve um acidente e está ferida no Cravenmoore. Necessita ajuda urgente — repetiu o rapaz mecanicamente — Mas ela está bem ... , não?.

Irene sorriu e o abraçou. — Gosto de você. — sussurrou-lhe.

Dorian beijou a sua irmã na face e, depois de dirigir uma saudação

de camarada ao Ismael, pôs-se a correr em busca de sua bicicleta. Encontrou-a junto ao corrimão do alpendre. O obséquio do Lazarus tinha ficado reduzido a uma rede de arames e metal retorcido. O rapaz contemplou os restos de sua bicicleta enquanto Ismael e Irene saíam da casa e reparavam no macabro achado.

— Quem é capaz de fazer algo assim? — perguntou Dorian.

— É melhor que vá depressa, Dorian. — lembrou-lhe Irene.

Ele assentiu e partiu rapidamente. Assim que tinha desaparecido, Irene e Ismael saíram do alpendre. O sol ficava sobre a baía, traçando um globo de trevas que sangrava entre as nuvens e tingia o mar de escarlate. Ambos se olharam e, sem necessidade de palavras, compreenderam o que lhes esperava no coração da escuridão, mais à frente do bosque.

Doppelgänger

— Nunca houve uma noiva mais bela ao pé de um altar, nem a haverá jamais -disse a máscara. — Nunca.

Simone podia ouvir o pranto silencioso das velas ardendo na penumbra e, para além daqueles muros, o sussurro do vento arranhando o bosque de gárgulas que coroava Cravenmoore. A voz da noite.

— A luz que Alexandra trouxe para minha vida apagou quantos lembranças e misérias tinham povoado minha memória na infância. Ainda hoje, penso que poucos mortais chegam a conhecer essa soleira de felicidade e de paz. De algum modo deixei de ser aquele rapaz do distrito mais miserável de Paris. Esqueci aqueles longos fechamentos na escuridão. Deixei para trás, para sempre aquele porão negro onde sempre acreditava ouvir vozes, onde a voz de meus remorsos me dizia que vivia aquela sombra à qual a enfermidade de minha mãe tinha aberto a porta dos infernos. Esqueci aquele pesadelo que me perseguiu durante anos... Nela, uma escada descia das profundidades do porão de nossa casa na rue d'Gobelins até as cavernas da lagoa Estigia. Tudo aquilo ficou para trás. E sabe você por que? Porque Alexandra Alma Maltisse, o verdadeiro anjo em minha vida, ensinou-me que, ao contrário do que minha mãe tinha repetido desde que tive uso da razão, eu não era mau. Compreende, Simone? Não era mau. Era como os outros, como qualquer outro. Era inocente.

A voz do Lazarus se deteve um instante. Simone imaginou lágrimas deslizando-se em silêncio atrás da máscara.

— Juntos exploramos Cravenmoore. Muitas pessoas pensam que todos os prodígios que contém esta casa são minha criação. Não é certo. Apenas uma pequena parte saiu das minhas mãos. O resto, galerias e galerias de maravilhas que nem eu mesmo consigo compreender, já estava aqui quando entrei pela primeira vez. Quanto

tempo levavam nesta casa nunca saberei. Houve uma época em que pensei que outros antes de mim tinham ocupado meu lugar. Às vezes, se me detiver a escutar em silêncio de noite, acredito ouvir o eco de outras vozes, de outros passos, que povoam os corredores deste palácio. Em certas ocasiões penso que o tempo se deteve em cada sala, em cada corredor vazio, e que todas as criaturas que habitam este lugar foram um dia de carne e osso. Como eu.

"Deixei de me preocupar com esses mistérios faz muito tempo, inclusive depois de comprovar que, depois de meses a viver no Cravenmoore, ainda descobria novas salas que não conhecia, novos passadiços que conduziam a alas desconhecidas ... Acredito que alguns lugares, palácios milenares que se podem contar com os dedos de uma mão, são muito mais do que uma simples construção; estão vivos. Têm sua própria alma e seu próprio modo de comunicar-se conosco. Cravenmoore é um desses lugares. Ninguém sabe quando foi construído. Nem quem o fez, nem por que. Mas quando esta casa me fala, eu escuto... "

"Antes do verão de 1916, no auge de nossa felicidade, aconteceu algo. Em realidade, tinha começado já um ano antes, sem que eu tivesse conhecimento disso. No dia seguinte ao nosso matrimônio, Alexandra se levantou a alvorada e foi a grande sala oval para contemplar as centenas de presentes que tínhamos recebido. De entre todos eles, chamou sua atenção um pequeno cofre lavrado à mão. Uma jóia. Alexandra, cativada, abriu-o. Continha uma nota e um frasco de vidro. A nota, dirigida a ela, dizia-lhe que aquele era um presente especial. Uma surpresa. Explicava-lhe que o frasco continha meu perfume predileto, o perfume que usava minha mãe, e que devia ser guardado até ao dia de nosso primeiro aniversário, antes de usá-lo. Mas tinha que ser um segredo entre ela e o assinante, um velho amigo de minha infância, Daniel Hoffmann..."

"Seguindo fielmente as instruções, convencida que desse modo

me faria feliz, Alexandra guardou o frasco durante doze meses até a data assinalada. Chegado o dia, resgatou-o do cofre e o abriu. Não faz falta lhe dizer que aquele frasco não continha perfume algum. Aquele era o frasco que eu tinha atirado ao mar na véspera de nosso enlace. No instante em que Alexandra abriu o frasco, nossa vida se converteu em um pesadelo..."

"Foi por então quando comecei a receber a correspondência do Daniel Hoffmann. Esta vez me escrevia de Berlim, onde me explicava que tinha um grande trabalho por diante, que algum dia teria que trocar o mundo. Milhões de meninos estavam recebendo suas visitas e seus presentes. Milhões de meninos que algum dia formariam o maior exército que a História tinha conhecido. Até a data, ainda não compreendi a que fazia referência com essas palavras..."

"Em um de seus primeiros envios, obsequiou-me com um livro, um volume encadernado em pele que parecia mais velho que o mesmo mundo. Uma só palavra se podia ler em sua coberta: Doppelgänger. Ouviu você falar do Doppelgänger, querida amiga? É obvio que não. As lendas e os velhos truques de magia não interessam já a ninguém. É um termo de origem germânica; designa a sombra que se desprende de seu dono e se volta contra ele. Mas isso, é obvio, não é mais que o princípio. Assim foi para mim. Para sua informação, dir-lhe-ei que em essência o livro era um manual a respeito das sombras. Uma peça de museu. Quando comecei sua leitura, já era tarde. Algo crescia oculto, amparado na escuridão desta casa; mês a mês, como o ovo de uma serpente que espera o momento de eclodir."

"Em maio de 1916, algo me começou a acontecer."

"A luminosidade daquele primeiro ano com a Alexandra se extinguiu lentamente. Comecei a suspeitar da existência da sombra pouco depois. Quando o fiz, entretanto, já não havia remédio. Os primeiros ataques não passaram de sustos. As roupas da Alexandra apareciam destroçadas. As portas se fechavam quando passava e mãos

invisíveis empurravam objetos contra ela. Vozes na escuridão. Apenas o princípio..."

"Esta casa tem milhares de recantos onde uma sombra pode ocultar-se. Compreendi então que não era mais do que a alma de seu criador, do Daniel Hoffmann, e que a sombra cresceria nela, fazendo-se mais forte dia a dia. E eu, pelo contrário, transformar-me-ia num ser mais débil. Toda a força que havia em mim passaria a ser dela e, lentamente, enquanto caminhava de volta à escuridão de minha infância em Gobelins, eu passaria a ser a sombra, e ele, o professor."

"Decidi fechar a fábrica de brinquedos e me concentrar em minha velha obsessão. Quis voltar a dar vida ao Gabriel, aquele anjo da guarda que me tinha protegido em Paris. Com a minha volta à infância, acreditava que, se fosse capaz de voltar a lhe dar vida, ele nos protegeria, a mim e a Alexandra, da sombra. Foi assim que desenhei a criatura mecânica mais poderosa que jamais teria sonhado. Um colosso de aço. Um anjo para me liberar do meu pesadelo."

"Pobre ingênuo! Logo que aquele monstro foi capaz de levantar-se da mesa de minha oficina, qualquer fantasia de obediência que poderia ter albergado se esfumou. Não era a mim a quem ele escutava, mas ao outro. A seu professor. E ele, a sombra, não podia existir sem mim, pois eu era a fonte da qual absorvia toda sua força. Não só o anjo não me liberou daquela vida miserável, mas também se transformou no pior dos guardiães. O guardião daquele segredo terrível que me condenava para sempre, um guardião que se levantaria cada vez que algo ou alguém pusesse em perigo esse segredo. Sem piedade."

"Os ataques a Alexandra se multiplicaram. A sombra era agora mais forte e sua ameaça crescia dia a dia. Tinha decidido me castigar através do sofrimento de minha esposa. Tinha entregue a Alexandra um coração que já não me pertencia. Aquele engano teria que ser nossa perdição. Quando estava a ponto de perder a razão, comprovei que a sombra só atuava quando eu estava nas imediações. Não podia viver

longe de mim. Por esse motivo, decidi abandonar Cravenmoore e me refugiar na ilha do farol. Não podia danificar ninguém ali. Se alguém tinha que pagar o preço de minha traição, seria eu. Mas subestimei a força da Alexandra. Seu amor por mim. Superando o terror e a ameaça sobre a sua vida, foi em meu auxílio na noite do baile de máscaras. Logo que o veleiro saiu da baía e se aproximou da ilha, a sombra caiu sobre ela e a arrastou às profundidades. Ainda posso ouvir sua risada na escuridão quando emergiu de entre as ondas. Ao dia seguinte, voltou a refugiar-se naquele frasco de vidro. Durante os próximos vinte anos não voltei a vê-la..."

Simone se levantou da cadeira tremendo e retrocedeu passo a passo até que suas costas tocaram na parede do quarto. Não podia seguir escutando uma só palavra dos lábios daquele homem, daquele... doente. Só uma coisa a mantinha em pé e a impedia de render-se ao pânico que lhe inspirava aquela figura mascarada após escutar o seu relato: a ira.

— Amiga minha, não, não... Não cometa esse engano...

Não compreende o que aconteceu? Quando você e sua família chegaram aqui, não pude evitar que meu coração se fixasse em você. Não o fiz conscientemente. Nem sequer me dei conta do que estava acontecendo até que foi muito tarde. Tentei apagar esse feitiço construindo uma máquina a sua imagem e semelhança...

— O que?

— Acreditei... em pouco tempo que sua presença voltasse a dar vida a esta casa, a sombra que tinha permanecido vinte anos adormecida naquele frasco maldito despertou de seu limbo. Não demorou para encontrar uma vítima propícia a liberá-la de novo...

— Hannah... — murmurou Simone.

— Sei o que deve estar sentindo e pensando, acredite. Mas não há escapatória possível. Fiz tudo quanto pude... Deve acreditar em mim...

A máscara se levantou e caminhou para ela. — Não se aproxime nem um passo mais! — estalou Simone.

Lazarus se deteve.

— Não quero machucá-la, Simone. Sou seu amigo. Não me vire as costas.

Ela sentiu uma onda de ódio que nascia no mais profundo de seu espírito.

— Você assassinou a Hannah...

— Simone...

— Onde estão meus filhos?

— Eles escolheram seu próprio destino ...

Uma adaga de gelo lhe rasgou a alma.

— O que... o que fez com eles?

Lazarus elevou as mãos enluvadas.

— Morreram...

Antes que Lazarus pudesse finalizar suas palavras, Simone deixou escapar um alarido de fúria e, agarrando um dos candelabros da mesa, lançou-se contra o homem que tinha na sua frente. A base do candelabro colidiu com toda sua força no centro da máscara. O rosto de porcelana se rompeu em mil pedaços e o candelabro se precipitou para a penumbra. Não havia nada ali.

Simone, paralisada, concentrou os olhos na massa negra que flutuava frente a ela. A silhueta se despojou das luvas brancas, revelando unicamente escuridão. Só então Simone pôde advertir aquele rosto demoníaco formar-se frente a ela, uma nuvem de sombras que adquiria lentamente volume e sibilava como uma serpente, furiosa. Um alarido infernal rasgou seus ouvidos, um uivo que extinguiu cada uma das chamas que ardiam no quarto. Pela primeira e última vez, Simone ouviu a verdadeira voz da sombra. Depois, as garras a apanharam e a arrastaram para a escuridão.

À medida que entravam no bosque, Ismael e Irene repararam que a

tênue neblina que cobria a mata se ia transformando paulatinamente em um manto de claridade incandescente. A névoa absorvia as luzes que piscavam do Cravenmoore e as expandia em uma visão espectral, uma verdadeira selva de vapor colorido. Assim que atravessaram a soleira do bosque, a explicação daquele estranho fenômeno se revelou desconcertante e, de algum modo, ameaçador. Todas as luzes da mansão brilhavam com grande intensidade atrás das janelas, conferindo à gigantesca estrutura a aparência de um casco de navio fantasmagórico elevando-se das profundidades.

Os dois jovens se detiveram frente à porta de lanças que franqueavam o caminho até ao jardim, contemplando aquela visão hipnótica. Envoltos naquele manto de luz, a silhueta do Cravenmoore parecia ainda mais sinistra que na escuridão. Os rostos de dezenas de gárgulas afloravam agora como sentinelas do pesadelo. Mas não foi essa visão que deteve seus passos. Algo mais flutuava no ar, uma presença invisível e imensamente mais arrepiante. Os sons de dezenas, de centenas de autômatos movendo-se e deslocando-se no interior da mansão se filtravam no vento; a música dissonante de um carrossel e as risadas mecânicas de uma matilha de criaturas ocultas naquele lugar.

Ismael e Irene escutaram paralisados a voz de Cravenmoore durante uns segundos, rastreando a origem daquela cacofonia infernal até a grande porta principal. A entrada, agora totalmente aberta, cuspiu um bafo de luz dourada atrás da qual as sombras palpitavam e dançavam ao som daquela melodia que gelava o sangue. Irene apertou instintivamente a mão de Ismael e o rapaz lhe dirigiu um olhar impenetrável.

— Está certa de querer entrar aí? — perguntou ele.

A silhueta de uma bailarina rodando sobre si mesma se recortou em uma das janelas. Irene desviou o olhar.

— Não tem por que vir comigo. A final, é minha mãe...

— É uma oferta tentadora. Não me repita isso duas vezes. — disse

Ismael.

— De acordo. — assentiu Irene — E aconteça o que acontecer...

— Aconteça o que acontecer.

Separando de sua mente as risadas, a música, as luzes e o macabro desfile de silhuetas que povoava aquele lugar, os dois jovens entraram na escadaria do Cravenmoore. Logo que sentiu o espírito da casa envolvendo-os, Ismael compreendeu que tudo o que tinham visto até agora não era mais que o prólogo. O anjo, e as demais máquinas de Lazarus, não era o que mais o assustava. Havia algo naquela casa. Uma presença evidente e poderosa. Uma presença que destilava ódio e raiva. E, de algum modo, Ismael soube que os estava esperando.

Dorian golpeou uma e outra vez a porta da delegacia. O rapaz estava sem fôlego e suas pernas pareciam a ponto de derreter-se. Tinha-se deslocado como um possesso através do bosque, até a Praia do Inglês, e depois ao longo da interminável estrada que rodeava a baía até ao povoado, enquanto o sol se ocultava no horizonte. Não tinha parado nem um segundo, consciente de que, se se detivesse, não voltaria a dar um passo em dez anos. Um só pensamento o impulsionava para frente: a imagem daquela forma espectral levando sua mãe para as trevas. Bastava recordá-la para correr até ao fim do mundo.

Quando a porta da delegacia se abriu finalmente, a bojuda silhueta do agente Jobart se adiantou dois passos à frente. Os olhos diminutos do guarda examinaram o rapaz, que parecia que iria desabar-se ali mesmo. Dorian acreditou estar observando um rinoceronte. O guarda ofereceu um sorriso sardônico e, afundando profissionalmente os polegares nos bolsos do uniforme, mostrou sua careta de que-horas-são-estas-de-molestar. Dorian suspirou e tentou tragar a saliva, mas não restava uma gota.

— Bem? — cuspiu Jobart.

— Água...

— Isto não é um bar, camarada Sauvelle.

A fina amostra de ironia provavelmente pretendia evidenciar os invejáveis dotes de reconhecimento e instinto de sabujo do paquidérmico polícia. Contudo, Jobart deixou passar o rapaz e lhe serviu um copo de água da cisterna. Dorian jamais teria suspeitado que a água pudesse ser tão deliciosa.

— Mais.

Jobart lhe tendeu outro copo, esta vez lhe oferecendo seu olhar de Sherlock Holmes.

— De nada.

Dorian bebeu até a última gota e encarou o polícia. As instruções de Irene saltaram a sua memória, frescas e sem mácula.

— Minha mãe teve um acidente e está ferida. É grave. No Cravenmoore.

Jobart necessitou uns segundos para processar tanta informação.

— Que tipo de acidente? — inquiriu com tom de fino observador.

— Mova-se! — gritou Dorian.

— Estou sozinho. Não posso deixar o posto.

O menino suspirou. De entre todos os cretinos que havia no planeta tinha ido dar com um exemplar de museu.

— Chame por rádio! Faça algo! Agora!

O tom e o olhar de Dorian despertaram um alarme capaz de fazer que Jobart deslocasse seu considerável traseiro para a rádio e conectasse o aparelho. Por um instante voltou a olhar para o rapaz, com ar de suspeita.

— Chame! Já! — gritou Dorian.

Lazarus recuperou os sentidos bruscamente, notando uma dor aguda na nuca. Levou a mão até esse ponto e apalpou a ferida aberta. Recordou vagamente o rosto do Christian no corredor da ala oeste. O autômato o tinha golpeado e o tinha arrastado até este lugar. Lazarus

olhou ao seu redor. Encontrava-se em uma das divisões sem utilização que povoavam Cravenmoore.

Lentamente, levantou-se e tentou pôr em ordem seus pensamentos. Um profundo cansaço o assaltou logo que se sustentou sobre seus pés. Fechou os olhos e respirou profundamente. Ao abri-los, reparou em um pequeno espelho que pendia de uma das paredes. Aproximou-se dele e examinou seu próprio reflexo.

Aproximando-se até uma diminuta janela que dava à fachada principal, observou como duas figuras cruzavam o jardim em direção à porta principal.

Irene e Ismael franquearam a soleira da porta e penetraram no feixe de luz que emergia das profundidades da casa. O eco do carrossel e o estalo metálico de milhares de engrenagens devolvidas à vida, impregnou neles como um fôlego gelado. Centenas de diminutos mecanismos se moviam nas paredes. Um mundo de criaturas impossíveis se agitava nas vitrines, nos móveis e suspensos no ar. Resultava impossível dirigir o olhar para qualquer ponto e não encontrar uma das criações do Lazarus em movimento. Relógios com rosto, bonecos que caminhavam como sonâmbulos, rostos fantasmagóricos que sorriam como lobos famintos ...

— Desta vez não se separe de mim. — disse Irene.

— Não pensava fazê-lo. — replicou Ismael, afligido por aquele mundo de seres que pulsavam ao seu redor.

Assim que tinham percorrido alguns metros a porta principal se fechou com força em suas costas. Irene gritou e se agarrou ao menino. A silhueta de um homem gigantesco se elevou frente a eles. Seu rosto estava coberto por uma máscara que representava um palhaço demoníaco. Duas pupilas verdes se expandiram por trás da máscara. Os jovens retrocederam ante o avanço daquela aparição. Uma faca brilhou em suas mãos. A imagem daquele mordomo mecânico, que lhes tinha aberto a porta em sua primeira visita ao Cravenmoore, golpeou Irene.

Christian. Esse era seu nome. O autômato elevou a faca no ar.

— Christian, não! — gritou Irene — Não!

O mordomo se deteve. A faca caiu de suas mãos. Ismael olhou à garota sem compreender nada. A figura, imóvel, observava-os.

— Rápido. — insistiu a moça, entrando na casa.

Ismael correu atrás dela, não sem antes recolher a faca que Christian tinha soltado. Alcançou a Irene na fuga vertical que subia para a cúpula. A jovem olhou ao redor e tentou orientar-se.

— Onde agora? — perguntou Ismael, sem deixar de vigiar atrás de suas costas.

Ela duvidou, incapaz de optar por um caminho através do qual entrasse no labirinto do Cravenmoore.

Súbitamente, um golpe de ar frio os sacudiu desde um dos corredores e o som metálico de uma voz cavernosa chegou até seus ouvidos.

— Irene... — sussurrou a voz.

Os nervos da moça travaram numa rede de gelo. A voz chegou de novo. Irene cravou os olhos no extremo do corredor. Ismael seguiu seu olhar e a viu. Flutuando sobre o chão, envolta em um manto de neblina, Simone avançava para eles com os braços estendidos. Um brilho diabólico dançava em seus olhos. Uma cavidade sulcada de presas afiadas apareceu atrás de seus lábios pergaminados.

— Mamãe. — gemeu Irene.

— Essa não é sua mãe... — disse Ismael, afastando a garota da trajetória daquele ser.

A luz golpeou aquele rosto e o revelou em todo o seu horror. Ismael se equilibrou sobre Irene para esquivar as garras do autômato. A criatura girou sobre si mesmo e os encarou de novo. Somente meio rosto estava completo. A outra metade não era mais que uma máscara de metal.

— É o boneco que vimos. Não é sua mãe. — disse o rapaz, que tratava de arrancar sua amiga do transe em que a visão a tinha colocado — Essa coisa os move como se fossem marionetes...

O mecanismo que sustentava o autômato deixou escapar um estalo. Ismael pôde ver como as garras viajavam para eles de novo, a toda velocidade. O rapaz agarrou a Irene e se lançou em fuga sem ter a certeza para aonde se dirigia. Correram tão rapidamente como o permitiram suas pernas através de uma galeria franqueada por portas que se abriam a sua passagem e silhuetas que se desprendiam do teto.

— Rápido! — gritou Ismael, ouvindo o martelar dos cabos de suspensão atrás de suas costas.

Irene se voltou e olhou para atrás. A face canina daquela monstruosa réplica de sua mãe se fecharam a vinte centímetros de seu rosto. As cinco agulhas de suas garras se lançaram sobre seu rosto. Ismael puxou-a e empurrou-a para o interior do que parecia uma grande sala na penumbra.

A garota caiu de bruços sobre o chão e ele fechou a porta em suas costas. As garras do autômato se cravaram sobre a porta, pontas de flecha letais. — Meu Deus... — suspirou — Outra vez não...

Irene elevou os olhos; sua pele da cor do papel. — Está bem? — perguntou-lhe Ismael.

A moça assentiu vagamente para logo olhar a seu redor. Paredes de livros subiam para o infinito. Milhares e milhares de volumes formavam uma espiral babilônica, um labirinto de escadas e passadiços.

— Estamos na biblioteca do Lazarus.

— Pois espero que tenha outra saída, porque não penso voltar a olhar aí atrás... -disse Ismael indicando a suas costas.

— Deve haver. Acredito que sim, mas não sei onde está. — disse ela, aproximando-se do centro da grande sala enquanto o rapaz travava a porta com uma cadeira.

Se aquela defesa resistisse mais de dois minutos, pensou,

começaria a acreditar nos milagres com convicção. A voz de Irene murmurou algo em suas costas. O rapaz se voltou e viu-a junto a uma mesa de leitura, examinando um livro de aspecto centenário.

— Há algo aqui. — disse ela.

Um sombrio pressentimento despertou nele. — Deixe esse livro.

— Por que? — perguntou Irene, sem compreender.

— Deixe-o.

A jovem fechou o volume e fez o que seu amigo lhe indicava. As letras douradas sobre a coberta brilharam à luz da fogueira que esquentava a biblioteca: Doppelgänger.

Irene apenas se afastou uns passos da secretária quando sentiu que uma intensa vibração atravessava a sala sob seus pés. As chamas da fogueira empalideceram e alguns dos livros nas intermináveis fileiras de estantes começaram a tremer. A moça correu até Ismael.

— Que demônios... ? — disse ele, percebendo também aquele intenso rumor que parecia provir do mais profundo da casa.

Nesse momento, o livro que Irene tinha deixado sobre a secretária se abriu violentamente de par em par. As chamas da fogueira se extinguiram, aniquiladas por um fôlego gélido. Ismael rodeou a jovem com seus braços e a apertou contra si. Alguns livros começaram a precipitar-se do vazio das alturas, impulsionados por mãos invisíveis.

— Há alguém mais aqui. — sussurrou Irene — Posso senti-lo...

As páginas do livro começaram a voltar-se lentamente ao vento, uma atrás da outra. Ismael contemplou as lâminas do velho volume, que brilhavam com luz própria, e percebeu pela primeira vez como as letras pareciam evaporar-se uma a uma, formando uma nuvem de gás negro que adquiria forma sobre o livro. Aquela silhueta informativa foi absorvendo palavra a palavra, frase a frase.

A forma, mais densa agora, fez-lhe lembrar um espectro de tinta negra suspenso no vazio.

A nuvem de negrume se expandiu e as formas de umas mãos, uns

braços e um tronco se esculpíram do nada. Um rosto impenetrável emergiu da sombra.

Ismael e Irene, paralisados pelo terror, contemplaram eletrizados aquela aparição e como, ao redor dela, outras formas, outras sombras ganhavam vida de entre as páginas daqueles livros antigos. Lentamente, um exército de sombras se desdobrou ante seus olhos incrédulos. Sombras de meninos, anciões, damas embelezadas com estranhos ornamentos... Todos eles pareciam espíritos prisioneiros, muito fracos para adquirir consistência e volume. Rostos em agonia, entorpecidos e desprovidos de vontade. Ao contemplá-los, Irene sentiu que se encontrava frente às almas perdidas de dezenas de seres apanhados por um terrível feitiço. Viu-os estender suas mãos para eles, suplicando ajuda, mas seus dedos se cindiam em visões de vapor. Podia sentir o horror de seu pesadelo, do sonho negro que os torturava.

Durante os escassos segundos que durou aquela visão, perguntou-se quem eram e como tinham chegado até ali. Tinham sido alguma vez incautos visitantes daquele lugar, como ela mesma? Por um instante esperou reconhecer a sua mãe entre aqueles espíritos malditos, filhos da noite. Mas, a um simples gesto da sombra, seus corpos vaporosos se fundiram em um torvelinho de escuridão que atravessou a sala.

A sombra abriu sua boca e absorveu todas e cada uma dessas almas, lhes arrancando a pouca força que ainda vivia nelas. Um silêncio mortal seguiu ao seu desaparecimento. Logo, a sombra abriu os olhos e seu olhar projetou um halo de sangue na trevas.

Irene quis gritar, mas sua voz se perdeu no estrondo brutal que sacudiu Cravenmoore.

Uma a uma, todas as janelas e portas da casa estavam se selando como lápides. Ismael ouviu aquele eco cavernoso percorrer as centenas de galerias do Cravenmoore, e sentiu que suas esperanças de sair

daquele lugar com vida se evaporavam na escuridão.

Somente uma fresta de claridade riscava uma agulha de luz através da abóbada do teto, uma corda frouxa de luz suspensa no alto daquela sinistra barraca circense. A luz se gravou no olhar de Ismael, e o rapaz, sem esperar um segundo mais, agarrou a mão de Irene e a conduziu para o extremo da sala, à procura de saída.

— Possivelmente a outra saída esteja aí. — sussurrou.

Irene seguiu a trajetória que apontava a indicação do rapaz. Seus olhos reconheceram o filamento de luz, que parecia emergir do orifício de uma fechadura. A biblioteca estava organizada em ovalóides concêntricos percorridos por um estreito corredor que subia em espiral pela parede e fazia as vezes de distribuidor às diferentes galerias que partiam dele. Simone lhe tinha falado disso, comentando aquele capricho arquitetônico: se alguém seguisse aquele corredor até o fim, chegava quase até ao terceiro piso da mansão. Uma sorte de torre de Babel dentro de portas, imaginou. Esta vez foi ela quem guiou o Ismael até ao corredor e, uma vez nele, apressou-se a subir.

— Sabe aonde vai? — perguntou o rapaz.

— Confia em mim.

Ismael correu atrás dela, sentindo como o solo subia lentamente sob seus pés à medida que entravam no corredor. Uma fria corrente de ar lhe acariciou a nuca e Ismael observou a espessa mancha negra que se pulverizava sobre o chão atrás de suas costas. A sombra tinha uma textura quase sólida, e só seu contorno parecia fundir-se com a escuridão. A mancha espectral se deslocava como uma lamparina de azeite, espessa e brilhante.

Ao fim de uns segundos, aquele ente de negrume líquido se estendeu sob seus pés. Ismael sentiu um espasmo gélido, similar ao de caminhar em águas geladas.

— Rápido! — exclamou.

A origem da linha de luz nascia, tal como tinham suposto, na

fechadura de uma porta que apenas se encontrava a meia dúzia de metros deles. Ismael apertou o passo e conseguiu atravessar o rastro da sombra sob seus pés por uns instantes. As probabilidades de que aquela porta estivesse aberta lhe pareciam nulas. De pouco lhes serviria alcançar a porta se esta não conduzisse a nenhuma parte.

Irene apalpou a fechadura na penumbra, em busca de uma mola que lhe permitisse abri-la. O rapaz se voltou para comprovar onde se encontrava a sombra e seus olhos descobriram o manto de azeviche que se elevava frente a ele, uma escultura de gás espesso que adquiria forma lentamente. Um rosto de alcatrão se materializou. Um rosto familiar.

Ismael acreditou que seus olhos o estavam enganando e piscou-os. O rosto estava ali. Era o seu próprio.

Seu escuro reflexo lhe sorriu malevolamente e uma língua de réptil apareceu entre os lábios. Instintivamente, Ismael extraiu a faca que tinha arrebatado ao autômato do vestíbulo e o brandiu frente à sombra. A silhueta cuspiu seu gélido fôlego sobre a arma e uma rede de geada e lascas de gelo subiu da ponta da lâmina até ao punho. O metal congelado lhe transmitiu uma forte sensação de queimadura na palma da mão. O frio, um frio intenso, queimava tanto ou mais que o fogo.

Ismael esteve a ponto de soltar a arma, mas resistiu ao espasmo muscular que lhe apertou o antebraço e tentou afundar a folha da faca no rosto da sombra. A língua se desprende dela ao contato com o fio e caiu sobre um de seus pés. Instantaneamente, a pequena massa negra lhe rodeou o tornozelo como uma segunda pele e começou a subir lentamente. O contato viscoso e absorvente daquela matéria lhe provocou náuseas.

Nesse momento, ouviu o rangido da fechadura com a qual Irene estava lutando em suas costas e um túnel de luz se abriu ante eles. A garota correu para o outro lado da porta e Ismael a seguiu, fechando de novo a porta e deixando seu perseguidor no outro lado. A porção

desprendida da sombra subiu por sua coxa e adquiriu a forma de uma grande aranha. Uma pontada de dor lhe sacudiu a perna. Ismael gritou e Irene tentou expulsar aquele monstruoso aracnídeo. A aranha se voltou contra a moça e saltou sobre ela. Irene deixou escapar um alarido de terror.

— Tire-me isto!

Ismael, desconcertado, olhou a seu redor e descobriu qual era a fonte de luz que os tinha guiado. Uma fileira de velas se perdia na penumbra, em uma procissão fantasmagórica.

O rapaz agarrou uma das velas e aproximou a chama da aranha que procurava a garganta de Irene. Ao simples contato com o fogo aquele ser proferiu um uivo de raiva e dor e se decompôs numa chuva de gotas negras que caíram no chão. Ismael soltou a vela e afastou Irene do alcance daqueles fragmentos. As gotas deslizaram gelatinosamente sobre o chão e se uniram num só corpo que se arrastou até a porta e se filtrou de volta ao outro lado.

— O fogo. O fogo o assusta... — disse Irene.

— Pois isso é o que lhes vamos dar.

Ismael recolheu a vela e a colocou ao pé da porta enquanto Irene jogava uma olhada no sítio onde se encontravam. O lugar parecia mais uma sala de espera despida, sem móveis, e coberta por décadas de pó. Provavelmente, aquela câmara tinha servido durante algum tempo como armazém ou depósito adicional à biblioteca. Uma análise mais atenta, entretanto, revelava formas sobre o teto. Pequenas tubagens. Irene pegou uma das velas e, elevando-a sobre sua cabeça, examinou a sala. O brilho de azulejos e mosaicos sobre as paredes brilhou à chama da vela.

— Onde diabos estamos? — perguntou Ismael.

— Não sei... Parecem, parece um lugar de banho...

A luz da vela revelou os borrifadores metálicos, redes de centenas de orifícios em forma de sino que pendiam dos encanamentos. As bocas

estavam ferrugentas e cobertas de uma cidadela de aranhas.

— Seja o que for, faz séculos que ninguém as...

Não tinha acabado de pronunciar esta frase quando se ouviu um gemido metálico, o som inconfundível de uma torneira oxidada que girava. Ali dentro, junto a eles.

Irene apontou a vela para a parede de azulejos e ambos viram como as válvulas estavam girando lentamente.

Uma profunda vibração percorria as paredes.

Logo, depois de uns segundos de silêncio, os dois jovens puderam rastrear aquele som, o som de algo que se arrastava através das tubagens, sobre suas cabeças. Algo estava abrindo caminho nos estreitos encanamentos.

— Está aqui! — gritou Irene.

Ele assentiu, sem afastar os olhos dos aspersores.

Em questão de segundos, uma massa impenetrável começou a filtrar-se lentamente através dos orifícios. Irene e Ismael retrocederam devagar, sem afastar os olhos da sombra que se formava pouco a pouco frente a eles, como as partículas de um relógio de areia formam uma montanha ao cair.

Dois olhos se desenharam na escuridão. O rosto do Lazarus, afável, sorriu-lhes. Uma visão tranquilizadora, se não soubessem que aquilo que tinham à sua frente não era Lazarus. Irene avançou um passo para ele.

— Onde está minha mãe? — perguntou, desafiante.

Uma voz profunda, desumana, deixou-se ouvir. — Está comigo.

— Afaste-se dele. — disse Ismael.

A sombra cravou seus olhos nele e o rapaz pareceu entrar em transe. Irene sacudiu seu amigo e quis afasta-lo da sombra, mas ele permanecia sob o influxo daquela presença, incapaz de reagir. A garota se interpôs entre ambos e esbofeteou a Ismael, o que conseguiu

arranca-lo daquele estado. O rosto da sombra se decompôs numa máscara de raiva, e dois longos braços se estenderam para eles. Irene empurrou o Ismael até a parede e tentou se esquivar à pressa daquelas garras.

Nesse momento, uma porta se abriu na escuridão e um halo de luz apareceu no outro lado da sala. A silhueta de um homem segurando um lampião de azeite se recortou na soleira.

— Fora daqui! — gritou, permitindo a Irene reconhecer sua voz: era Lazarus Jann, o fabricante de brinquedos.

A sombra proferiu um alarido de ódio e uma a uma as chamas das velas se extinguíram. Lazarus avançou para a sombra. Seu rosto parecia o de um homem muito maior do que Irene recordava. Seus olhos, injetados em sangue, acusavam o terrível cansaço, os olhos de um homem devorado por uma cruel enfermidade.

— Fora daqui! — gritou de novo.

A sombra deixou entrever um rosto demoníaco, que se transformou numa nuvem de gás, filtrando-se entre as frestas do chão, até escapar por uma greta nas paredes. Um som similar ao do vento açoitando as janelas acompanhou sua fuga.

Lazarus permaneceu observando aquela greta durante vários segundos e, finalmente, dirigiu seu penetrante olhar para eles.

— O que estão fazendo aqui? — perguntou sem ocultar sua ira.

— Vim procurar a minha mãe e não irei embora sem ela — declarou Irene, sustentando aquele olhar intenso e escrutinador sem piscar.

— Não sabe o que está enfrentando... — disse Lazarus — Rápido, por aqui. Não demorará para voltar.

Lazarus os guiou para o outro lado da porta. — O que é isso? O que foi aquilo que vimos? — perguntou Ismael.

Lazarus o observou atentamente. — Sou eu. Isso que viu sou eu...

Lazarus os conduziu através de um intrincado labirinto de túneis

que parecia percorrer as vísceras de Cravenmoore, através de estreitas condutas paralelas a galerias e corredores. O caminho estava flanqueado por numerosas portas fechadas em ambos os lados, duplas entradas nas dezenas de escritórios e salas da mansão. O eco de seus passos ficava confinado a aquela estreita passagem, e dava a sensação de que um exército invisível os estava seguindo.

O lampião de Lazarus pulverizava um anel de luz âmbar sobre as paredes. Ismael observou sua própria sombra e a de Irene caminhar junto a eles na parede. Lazarus não projetava sombra alguma. O fabricante de brinquedos se deteve frente a uma porta alta e estreita, e extraiu uma chave com a qual abriu a fechadura. Observou o extremo do corredor, pelo qual tinham chegado até ali, e lhes indicou que entrassem.

— Por aqui. — disse nervosamente — Não voltará, ao menos durante alguns minutos...

Ismael e Irene trocaram um olhar de suspeita.

— Não têm outra alternativa senão confiar em mim. — acrescentou Lazarus, advertindo-os.

O rapaz suspirou e se adiantou para o interior da câmara. Irene e Lazarus o seguiram e ele fechou de novo a porta. A luz do lampião revelou uma parede coberta por uma multidão de fotografias e recortes. Num extremo encontrava-se uma pequena cama e uma secretária vazia. Lazarus deixou repousar o lampião sobre o chão e observou como os dois jovens examinavam todos aqueles pedaços de papel colados à parede.

— Devem abandonar Cravenmoore enquanto ainda têm tempo.

Irene se voltou para ele.

— Não vós quem persegue — acrescentou o fabricante de brinquedos — É Simone.

— Por que? O que pretende fazer com ela?

Lazarus baixou o olhar.

— Quer destruí-la. Para me castigar. E fará o mesmo com vocês se se interpuserem em seu caminho.

— O que significa tudo isso? O que pretende nos dizer? — perguntou Ismael.

— Tudo o que tinha que lhes dizer já foi dito. Devem sair daqui. Mais cedo ou mais tarde voltará, e desta vez eu não poderei fazer nada por os proteger.

— Mas quem voltará?

— Viu-o com seus próprios olhos.

Nesse momento, um estrondo longínquo se ouviu em algum lugar da casa. Aproximando-se. Irene engoliu em seco e olhou para Ismael. Pisadas. Uma atrás da outra, estalando como disparos, cada vez mais perto. Lazarus sorriu fracamente.

— Aí vem — anunciou — Não resta muito tempo.

— Onde está minha mãe? Para onde a levou? — exigiu a moça.

— Não sei, mas se soubesse, de nada serviria.

— Você construiu essa máquina com seu rosto... — acusou Ismael.

— Acreditei que lhe bastaria isso, mas queria mais. Queria-a a ela.

As pisadas infernais se ouviram então atrás da porta, no corredor.

— No outro lado dessa porta, — explicou Lazarus — há uma galeria que conduz à escada principal. Se têm um pinga de juízo, corram até ali e se afastem desta casa para sempre.

— Não iremos a nenhuma parte. — disse Ismael — Não sem a Simone.

A porta pela qual tinham entrado sofreu uma forte sacudida. Um instante depois, uma lâmina negra se pulverizou sob a soleira da entrada. — Saíamos. — urgiu Ismael.

A sombra rodeou o lampião e rachou o vidro.

Com uma baforada de ar gelado, a chama se extinguiu. Através da escuridão, Lazarus contemplou como os jovens escapavam pela outra saída. Junto a ele, elevava-se uma silhueta negra e insondável.

— Deixe-os em paz. — murmurou — São só dois meninos. Deixe-os partir. Tome a mim de uma vez. Não é isso que busca?

A sombra sorriu.

A galeria em que se encontravam cruzava o eixo central de Cravenmoore. Irene reconheceu aquele enclave de corredores e guiou Ismael até a base da cúpula. As nuvens em trânsito podiam ver-se através das vidraças, grandes gigantes de algodão negro que sulcavam o céu. A claraboia, uma forma de êmbolo que coroava a cúspide da cúpula, desprendia um hipnótico halo de reflexos caleidoscópicos.

— Por aqui. — indicou a garota.

— Por aqui, onde? — perguntou Ismael nervoso.

— Acho que sei onde a tem.

Ele jogou uma olhada em suas costas. O corredor permanecia às escuras, sem sinal aparente de movimento, embora o rapaz compreendeu que a sombra podia estar avançando naquela direção sem que pudessem adverti-lo.

— Espero que saiba o que está fazendo. — disse, ansioso por afastar-se dali quanto antes.

— Me siga.

Irene entrou numa das alas que se estendia na penumbra e Ismael a seguiu. Lentamente, a claridade da clarabóia foi adormecendo e as silhuetas das criaturas mecânicas que povoavam ambos os flancos se converteram apenas em perfis oscilantes. As vozes, as risadas e o martelar das centenas de mecanismos afogavam o som de seus passos. O rapaz voltou a olhar de novo para trás, escrutinando a boca daquele túnel no qual se estavam aventurando. Uma baforada de ar frio penetrou na galeria. Olhando a seu redor, Ismael reconheceu as cortinas de gaze ondulando à frente, gravadas com aquela inicial que se balançava lentamente: “A”

— Estou certa de que a tem aí. — disse Irene. Além dos cortinados,

a porta de madeira lavrada se encontrava fechada no extremo do corredor.

Uma nova baforada de ar frio os envolveu, agitando as cortinas.

Ismael se deteve e cravou o olhar no negrume. O rapaz, tenso como um cabo de aço, tentava vislumbrar entre a penumbra.

— O que aconteceu? — perguntou Irene, percebendo o desconcerto que se havia apoderado dele.

O menino separou os lábios para responder, mas se deteve. Ela observou o corredor atrás deles. Um simples ponto de luz no extremo do túnel. O resto, trevas.

— Está aí, — disse o rapaz — nos observando. Irene se agarrou a ele. — Não o sente?

— Não nos detenhamos aqui, Ismael.

Ele assentiu, mas seu pensamento estava em outro lugar. Irene tomou sua mão e o conduziu até a porta do quarto. O menino não afastou os olhos do corredor atrás de suas costas em todo o trajeto. Finalmente, quando ela parou frente à entrada, ambos trocaram um olhar. Sem dizer palavra, Ismael pousou a mão sobre o puxador e o fez girar lentamente. A fechadura cedeu com um débil estalo metálico e o próprio peso da grossa porta de madeira fez que esta se deslocasse para dentro, girando sobre as dobradiças.

Uma bruma tingida de azul evanescente velava a habitação, apenas interrompida pelos brilhos escarlates que emanavam do fogo.

Irene avançou uns passos para o interior do quarto. Tudo estava como o recordava. O grande retrato de Alma Maltisse brilhava sobre a lareira e seus reflexos se pulverizavam pela densa atmosfera da câmara, insinuando os contornos das cortinas de seda transparente que rodeavam o palanquim do leito. Ismael fechou cuidadosamente a porta atrás deles e seguiu Irene.

O braço da moça o deteve. Assinalou uma poltrona situada em frente ao fogo, de costas a eles. Num dos braços pendia uma mão

pálida, caída para o chão como uma flor murcha.

Junto a ela brilhavam os fragmentos quebrados de uma xícara sobre uma lâmina de líquido como pérolas candentes sobre um espelho. Irene sentiu que o coração lhe acelerava no peito. Soltou a mão do Ismael e se aproximou passo a passo da poltrona. A claridade dançante das chamas iluminou seu rosto entorpecido: Simone.

Irene se ajoelhou junto a sua mãe e tomou sua mão. Durante uns segundos foi incapaz de lhe encontrar o pulso.

— Meu Deus...

Ismael caminhou até à secretária e agarrou uma pequena bandeja de prata. Correu até Simone e a colocou frente a seu rosto. Uma tênue nuvem de bafo tingiu a superfície da placa. Irene respirou profundamente.

— Está viva. — disse Ismael, observando o rosto inconsciente da mulher e acreditando ver nela uma Irene amadurecida e sábia.

— Terá que ser tirada daqui.

— Me ajude.

Cada um se colocou num lado da Simone e, rodeando-a com seus braços, tentaram içá-la da poltrona.

Apenas a tinham levantado uns centímetros quando um sussurro profundo, arrepiante, ouviu-se no interior do quarto. Ambos se detiveram e olharam a seu redor. O fogo projetava múltiplas visões fugazes de suas próprias sombras sobre as paredes.

— Não percamos tempo. — urgiu-o Irene. Ismael içou de novo Simone, mas esta vez o som se ouviu mais próximo e seus olhos o rastrearam. A vidraça do retrato! Num instante, o véu que cobria o óleo se curvou em uma prancha de escuridão líquida, adquirindo volume e desdobrando-se em dois longos braços terminados em garras afiadas como estiletes.

Ismael tentou retirar-se, mas a sombra saltou da parede como um felino, traçando uma trajetória na penumbra e pousando-se em suas

costas. Por um segundo, a única coisa que o rapaz pôde ver foi sua própria sombra observando-o. Depois, do contorno de sua própria silhueta emergiu outra que cresceu gelatinosamente até engolir completamente sua própria sombra. O rapaz sentiu que o corpo da Simone lhe escorregava dos braços. Uma poderosa garra de gás gelado lhe rodeou o pescoço e o lançou contra a parede com uma força incontida.

— Ismael! — gritou Irene.

A sombra se voltou para ela. A jovem correu para o outro extremo do quarto. As sombras a seus pés se fecharam sobre ela desenhando uma flor mortal. Sentiu o contato gelado, estremeecedor, da sombra envolvendo seu corpo e paralisando seus músculos. Tentou lutar inutilmente enquanto contemplava horrorizada como, do teto, desprendia-se um manto de escuridão que tomava a forma do rosto familiar da Hannah. A réplica espectral lhe dirigiu um olhar de ódio e os lábios de vapor deixaram entrever longas presas, úmidas e reluzentes.

— Você não é Hannah. — disse Irene, com um fio de voz.

A sombra a esbofeteou e um corte se abriu no seu rosto. Num instante, as gotas de sangue que afluíam da ferida foram absorvidas pela sombra, como se uma forte corrente de ar as aspirasse. Um espasmo de náusea a golpeou. A sombra brandiu dois dedos longos e bicudos, como adagas, frente a seus olhos, aproximando-se.

Ismael ouviu aquela voz rouca e maléfica enquanto se levantava de novo, aturdido pelo golpe. A sombra segurava a Irene no centro do quarto, disposta a aniquilá-la. O rapaz gritou e se equilibrou contra a massa. Seu corpo a atravessou e a sombra se cindiu em milhares de diminutas gotas que caíram sobre o chão como chuva de carvão líquido. Ismael levantou Irene e a retirou do alcance da sombra. Sobre o pavimento, os fragmentos se uniram em um torvelinho que sacudiu as peças do mobiliário que a rodeavam e as propulsou para paredes e janelas, convertidas em projéteis mortais.

Ismael e Irene se atiraram ao chão. A secretária atravessou uma das vitrinas e a pulverizou. Ismael rodou sobre Irene, cobrindo-a do impacto. Quando elevou de novo os olhos, o torvelinho de escuridão se estava solidificando. Duas grandes asas negras se estenderam e a sombra emergiu, maior que nunca e mais poderosa. Elevou uma de suas garras e mostrou a palma aberta. Dois olhos e uns lábios se desdobraram sobre ela.

Ismael extraiu de novo sua faca e o brandiu frente a ele, afastando Irene para trás de suas costas. A sombra se elevou e caminhou para eles. Sua garra agarrou a folha da faca. Ismael sentiu a corrente gelada subindo por seus dedos e sua mão, lhe paralisando o braço.

A arma caiu ao chão e a sombra envolveu o rapaz. Irene tentou agarrá-lo em vão. A sombra conduzia Ismael para o fogo.

Justo então, a porta do quarto se abriu e a silhueta do Lazarus Jann apareceu na soleira.

A luz espectral que emergia do bosque se refletiu sobre o parabrisas do carro da delegacia, que abria a formação. Depois dele, o veículo do doutor Giraud e uma ambulância reclamada ao dispensário de La Rochelle cruzavam a estrada da Praia do Inglês a toda velocidade.

Dorian, sentado junto ao delegado chefe, Henri Faure, foi o primeiro a advertir o halo dourado que se filtrava entre as árvores. A silhueta do Cravenmoore surge atrás do bosque, um gigantesco carrossel fantasmagórico entre a névoa.

O delegado franziu o cenho e observou aquela visão que jamais tinha contemplado em cinqüenta e dois anos de vida naquele povoado.

— Mais de pressa! — insistiu Dorian.

O delegado olhou para o rapaz e, enquanto acelerava, começou a perguntar a si mesmo se a história daquele suposto acidente tinha algo

de verdade.

— Há algo que não nos tenha dito?

Dorian não respondeu e se limitou a olhar em frente.

O delegado acelerou a fundo.

A sombra se voltou e, ao ver o Lazarus, deixou cair o Ismael como um peso morto. O rapaz tombou contra o chão com força e proferiu um grito afogado de dor. Irene correu a socorrê-lo. — Tire-o daqui — disse Lazarus, avançando lentamente para a sombra, que se retirava.

Ismael sentiu uma pontada num ombro e gemeu. — Está bem? — perguntou a moça.

O rapaz balbuciou algo incompreensível, mas se levantou e assentiu. Lazarus lhes dirigiu um olhar impenetrável.

— Levem Simone e saiam daqui — disse.

A sombra sussurrava frente a ele como uma serpente à espreita. De repente saltou para a parede e o retrato a absorveu de novo.

— Disse-lhes que partam daqui! — gritou Lazarus.

Ismael e Irene agarraram a Simone e a arrastaram para a soleira do quarto. Justo antes de sair, Irene se voltou para olhar Lazarus e viu como o fabricante de brinquedos se aproximava do leito protegido pelos véus e os afastava com infinita ternura. A silhueta daquela mulher se perfilou depois das cortinas.

— Espera... — murmurou Irene com o punho no coração.

Tinha que ser Alma. Um calafrio lhe percorreu o corpo ao advertir as lágrimas no rosto do Lazarus. O fabricante de brinquedos abraçou a Alma. Jamais na vida Irene tinha visto alguém abraçar a outra pessoa com semelhante cuidado. Cada gesto, cada movimento do Lazarus denotava um carinho e uma delicadeza que só uma vida inteira de veneração podiam outorgar. Os braços de Alma o rodearam também e, por um instante mágico, ambos permaneceram unidos na penumbra, para além deste mundo. Sem saber por que, Irene sentiu o desejo de

chorar, mas uma nova visão, terrível e ameaçadora, cruzou-se em seu caminho.

A mancha estava deslizando, sinuosamente, do retrato para o leito. Uma pontada de pânico invadiu a jovem.

— Lazarus, cuidado!

O fabricante de brinquedos se voltou e contemplou como a sombra se elevava frente a si, rugindo de raiva. Sustentou o olhar daquele ser infernal durante um segundo, sem mostrar temor algum. Logo, olhou para eles dois; seus olhos pareciam transmitir-lhes palavras que não conseguiam compreender. Subitamente, Irene entendeu o que Lazarus se dispunha a fazer.

— Não! — gritou, sentindo que Ismael a retinha. O fabricante de brinquedos se aproximou da sombra. — Não a levará outra vez ...

A sombra elevou uma garra, disposta a atacar seu dono. Lazarus introduziu a mão no seu casaco e extraiu um objeto brilhante. Um revólver.

A risada da sombra reverberou na estadia como o uivo de uma hiena.

Lazarus apertou o gatilho. Ismael olhou, sem compreender. Então, o fabricante de brinquedos lhe sorriu fracamente e o revólver caiu de suas mãos. Uma mancha escura se pulverizou sobre seu peito. Sangue.

A sombra deixou escapar um alarido que estremeceu toda a mansão. Um alarido de terror.

— Oh Deus... — gemeu Irene.

Ismael correu a socorrê-lo, mas Lazarus elevou uma mão para detê-lo.

— Não. Deixem-me com ela. E partam daqui... — murmurou, deixando escapar um fio de sangue pela comissura dos lábios.

Ismael o segurou em seus braços e o aproximou do leito. Ao fazê-lo, a visão de um rosto pálido e triste o golpeou como uma punhalada. Ismael contemplou Alma Maltisse cara a cara. Seus olhos chorosos o

olharam fixamente, perdidos num sono do qual nunca poderia despertar.

Uma máquina.

Durante todos esses anos, Lazarus tinha vivido com uma máquina para manter a lembrança de sua esposa, a lembrança que a sombra lhe tinha arrebatado.

Ismael, paralisado, deu um passo atrás. Lazarus o olhou, suplicante.

— Me deixe só com ela, por favor.

— Mas... não é mais que... — começou Ismael.

— Ela é tudo o que tenho...

O menino compreendeu então por que nunca se encontrou o corpo daquela mulher afogada na ilha do farol. Lazarus o tinha resgatado das águas e lhe havia devolvido a vida, uma vida inexistente, mecânica. Incapaz de confrontar a solidão e a perda de sua esposa, tinha criado um fantasma a partir de seu corpo, um triste reflexo, com o qual tinha convivido durante vinte anos. E olhando seus olhos agonizantes, Ismael soube também que, no fundo de seu coração, de algum modo, que não conseguia compreender, Alexandra Alma Maltisse seguia viva.

O fabricante de brinquedos lhe dirigiu um último olhar cheio de dor. O rapaz assentiu lentamente e voltou junto da Irene. Ela percebeu seu rosto branco, como se tivesse visto a própria morte.

— Que...?

— Saíamos daqui. Logo. — apressou Ismael.

— Mas...

— Disse que saíamos daqui!

Juntos arrastaram a Simone até ao corredor. A porta se fechou em suas costas com força, selando o Lazarus no quarto. Irene e Ismael correram, como puderam, através do corredor para a escadaria principal, tentando ignorar os uivos desumanos que se ouviam no outro lado daquela porta. Era a voz da sombra.

Lazarus Jann se levantou do leito e, cambaleando, enfrentou a

sombra. O espectro lhe dirigiu um olhar desesperado. Aquele diminuto orifício que a bala tinha praticado estava crescendo, e a devorava também a ela a cada segundo. A sombra saltou de novo para refugiar-se no quadro, mas desta vez Lazarus agarrou um braseiro em fogo e deixou que as chamas incendiassem o óleo.

O fogo se pulverizou sobre a pintura como as ondas em um lago. A sombra uivou e, nas trevas da biblioteca, as páginas daquele livro negro começaram a sangrar até se consumir em chamas.

Lazarus se arrastou de novo até ao leito, mas a sombra, cheia de ira e devorada pelas chamas, lançou-se atrás dele, deixando um rastro de fogo a seu passo. As cortinas do palanquim incendiaram e as línguas ardentes se pulverizaram pelo teto e o chão, devorando com raiva tudo o que encontravam. Em apenas uns segundos, um inferno asfixiante se estendeu pelo quarto.

As chamas apareceram por uma das janelas e o fogo fez saltar pelos ares os poucos vidros que ficavam intactos, sugando o ar noturno com uma força insaciável. A porta da câmara saiu despachada em chamas para o corredor e, lenta, mas inexoravelmente, o fogo, como uma praga, foi apoderando-se de toda a mansão.

Caminhando entre as chamas, Lazarus extraiu o frasco de vidro que tinha albergado a sombra durante anos e o elevou em suas mãos. Com um alarido desesperado, a sombra penetrou nele. As paredes de vidro se estilhaçaram em uma aranha de gelo. Lazarus tampou o frasco e, contemplando-o por última vez, jogou-o no fogo. O frasco estalou em mil pedaços; como o fôlego moribundo de uma maldição, a sombra se extinguiu para sempre. E com ela, o fabricante de brinquedos sentiu como a vida se escapava lentamente por aquela ferida fatal.

Quando Irene e Ismael emergiram pela porta principal levando a Simone inconsciente nos braços, as chamas já apareciam nas janelas

do terceiro piso. Em apenas uns segundos, as vidraças foram estalando uma a uma, derramando uma tormenta de vidro ardente sobre o jardim. Os jovens correram até a soleira do bosque e só quando estavam no amparo das árvores se detiveram a olhar para trás.

Cravenmoore ardia.

As Luzes de Setembro

Uma a uma, as criaturas maravilhosas que tinham povoado o universo do Lazarus Jann foram despedaçadas pelas chamas naquela noite de 1937. Relógios falantes viram suas agulhas dobrarem-se em filamentos de chumbo candente. Bailarinas e orquestras, magos, bruxas e xadrezistas, prodígios que nunca teriam a possibilidade de ver a luz de outro dia...; não houve piedade para nenhum deles. Planta a planta, aposento por aposento, o espírito da destruição apagou para sempre tudo o que continha aquele lugar mágico e terrível.

Décadas de fantasia se evaporaram, deixando apenas um rastro de cinzas atrás de si. Em algum lugar daquele inferno, sem mais testemunhas que as chamas, consumiram-se as fotografias e os recortes que guardava Lazarus Jann, e enquanto os carros da polícia chegavam ao pé daquela pira fantasmagórica que acendeu a alvorada a meia-noite, os olhos daquele menino atormentado se fecharam para sempre numa habitação que nunca houve brinquedos e nunca os haveria.

Nunca em sua vida Ismael poderia esquecer aqueles últimos momentos do Lazarus e sua companheira. A última coisa que tinha podido ver, tinha sido como Lazarus a beijava na frente. Jurou a si mesmo que guardaria seu segredo até ao fim de seus dias.

As primeiras luzes do dia teriam que revelar uma nuvem de cinzas que cavalgava para o horizonte sobre a baía púrpura. Lentamente, enquanto a alvorada pulverizava as brumas sobre a Praia do Inglês, as ruínas do Cravenmoore se desenharam sobre as copas das árvores, mais à frente do bosque. O rastro de espirais evanescentes de fumaça mortífera subia para o céu, desenhando caminhos de veludo negro sobre as nuvens, caminhos apenas quebrados pelos bandos de pássaros que voavam para o oeste.

O pano de fundo da noite resistia em retirar-se, e a neblina

acobreada, que mascarava a ilha do farol na distância, se foi prateando numa visão de asas brancas que elevava o vôo à brisa do amanhecer.

Sentados sobre o manto de areia branca, a meio caminho de nenhuma parte, Irene e Ismael contemplavam os últimos minutos daquela longa noite do verão de 1937. Em silêncio, uniram suas mãos e deixaram que os primeiros reflexos rosados do sol que rompiam entre as nuvens traçassem um caminho de pérolas acesas mar dentro. A torre do farol se ergueu entre a névoa, escura e solitária. Um débil sorriso aflorou aos lábios de Irene ao compreender que, de algum modo, aquelas luzes que os aldeãos tinham contemplado brilhando na neblina se apagariam agora para sempre. As luzes de setembro partiram com a alvorada.

Já nada, nem sequer a lembrança do sucedido naquele verão, poderia reter a alma perdida de Alma Maltisse suspensa no tempo. Enquanto estes pensamentos se perdiam na maré, Irene olhou Ismael. A ameaça de uma lágrima apareceu em seus olhos, mas a garota soube que não a derramaria jamais.

— Voltemos para casa. — disse ele.

Irene assentiu e juntos refizeram seus passos pela margem, para a Casa do Cabo. Enquanto o faziam, um só pensamento cruzou a mente da moça. Em um mundo de luzes e sombras, todos, cada um de nós, deveria encontrar seu próprio caminho.

Dias mais tarde, quando Simone lhes revelasse as palavras que a sombra lhe tinha dirigido, a verdadeira história de Lazarus Jann e Alma Maltisse, todas as peças do quebra-cabeças começariam a encaixar em suas mentes. Entretanto, o fato de poder arrojar luz sobre o que realmente tinha acontecido já não mudaria o curso dos acontecimentos. A maldição tinha açoitado Lazarus Jann desde sua trágica infância até sua morte. Uma morte que ele mesmo, no último momento, compreendeu que era a única saída. Não lhe restava nada mais que fazer a última viagem para reunir-se a Alma, mais à frente do alcance de sua sombra e do desconhecido malefício, imperador das sombras, que

se ocultava sob o nome do Daniel Hoffmann. Inclusive ele, com todo seu poder e seus enganos, não poderia destruir jamais o vínculo que unia Lazarus e Alma além da vida e a morte.

Paris, 26 de maio de 1947

Querido Ismael:

Passou muito tempo da última vez que lhe escrevi. Muito. Finalmente, faz apenas uma semana, aconteceu o milagre. Todas as cartas que durante todos estes anos você esteve enviando para a minha antiga direção, voltaram para mim graças à bondade de uma vizinha, uma pobre anciã de quase noventa anos, que as guardou durante todo este tempo, esperando que algum dia alguém as viesse recolher.

Durante todos estes dias as tenho lido, relido e lido outra vez até não poder mais. Guardei-as como o mais valioso de meus tesouros. As razões de meu silêncio, desta longa ausência, são difíceis de explicar. Especialmente a você, Ismael. Especialmente a você.

Pouco imaginavam aqueles dois jovens na praia, que na manhã que a sombra do Lazarus Jann se apagou para sempre, uma sombra muito mais terrível se abatia sobre o mundo. A sombra do ódio. Suponho que todos pensamos naquelas palavras a respeito do Daniel Hoffmann e seu «trabalho» em Berlim.

Quando perdi o contato consigo durante os terríveis anos da guerra, escrevi-lhe centenas de cartas que jamais chegaram a nenhuma parte. Pergunto-me ainda onde estão, aonde foram parar tantas palavras, tantas coisas que tinha que lhe dizer. Quero que saiba que, durante aqueles terríveis tempos de escuridão, a sua lembrança, a memória daquele verão na Baía Azul, foi a chama que me manteve viva, a força que me ajudava a sobreviver dia a dia.

Dir-lhe-ei que Dorian se alistou e serviu no norte da África por um período de dois anos, dos quais retornou com um montão de absurdas medalhas de latão e com uma ferida que o fará coxear o resto de seus dias. Ele foi um dos afortunados. Retornou. Alegrará você saber que, finalmente, conseguiu trabalho no gabinete de cartógrafos da marinha mercante e que, nos momentos em que sua noiva Michelle o deixa livre (teria que vê-la...), percorre com seu compasso o mundo de ponta a ponta.

Da Simone vou-lhe contar o seguinte. Invejo sua força e essa integridade que nos incentivou a todos a seguir em frente tantas vezes. Os anos da guerra foram duros para ela, possivelmente mais do que para nós. Nunca fala disso, mas às vezes, quando a vejo em silêncio, junto à janela, olhando às pessoas passar, pergunto-me o que é que ocupa seu pensamento. Já não quer sair de casa e passa as horas com a única companhia de um livro. É como se tivesse cruzado para o outro lado de uma ponte, ao qual não sei como chegar... Às vezes, surpreendo-a contemplando velhas fotos de papai, chorando em silêncio.

Quanto a mim, estou bem. Faz um mês deixei o hospital de Saint Bernard, no qual estive trabalhando durante estes anos. Vão derruba-lo. Espero que com o velho edifício se vão também todas as memórias do sofrimento e o horror que presenciei ali durante os dias da guerra. Acredito que eu tampouco sou a mesma, Ismael. Algo me aconteceu por dentro.

Vi muitas coisas que jamais acreditei que pudessem ocorrer... Há sombras no mundo, Ismael. Sombras muito piores do que aquela contra a qual você e eu lutamos aquela noite no Cravenmoore. Sombras ao lado das quais Daniel Hoffmann é apenas um jogo de meninos. Sombras que vêm de dentro de cada um de nós.

Às vezes me alegro de que papai não esteja aqui para as ver. Mas vai pensar que me converti em uma nostálgica. Nada disso. Logo que li

sua última carta, o meu coração deu um salto. Era como se o sol tivesse saído depois de dez anos de dias negros e chuvosos. Voltei a percorrer a Praia do Inglês, a ilha do farol, e voltei a sulcar a baía a bordo do Kyaneos. Sempre recordarei aqueles dias como os mais maravilhosos de minha vida.

Confessarei a você um segredo. Muitas vezes, durante as longas noites de inverno da guerra, enquanto os disparos e os gritos ressonavam na escuridão, deixava que o pensamento me levasse outra vez ali, a seu lado, aquele dia que passamos na ilha do farol. Oxalá nunca tivéssemos saído daquele lugar. Oxalá aquele dia jamais tivesse terminado.

Suponho que se perguntará se me casei. A resposta é não. Não me faltaram pretendentes, não vá pensar o contrário. Ainda sou uma jovem de certo êxito. Houve alguns noivos. Idas e vindas. Os dias da guerra eram muito duros para passá-los na solidão, e eu não sou tão forte como Simone. Mas nada mais. Aprendi que a solidão às vezes é um caminho que conduz à paz. E durante meses não desejei mais que isso, paz.

E isso é tudo. Ou nada. Como explicar a você todos os meus sentimentos, todas as minhas lembranças durante estes anos? Preferiria apaga-los da minha lembrança. Queria que minha última memória fosse aquele amanhecer na praia e descobrir que todo este tempo não foi mais que um longo pesadelo. Queria voltar a ser uma moça de quinze anos e não compreender o mundo que me rodeia, mas isso não é possível.

Não quero continuar escrevendo. Quero que a próxima vez que falemos seja cara a cara.

Dentro de uma semana, Simone irá passar alguns meses com sua irmã no Aix-no Provence. Esse mesmo dia, voltarei para a estação do Austerlitz e tomarei o trem da Normandia, como o fiz há dez anos. Sei

que me esperará e sei que o reconhecerei entre a multidão, como o reconheceria se tivessem passado mil anos. Sei-o desde há muito tempo.

Faz uma eternidade, nos piores dias da guerra, tive um sonho. Nele, voltava a percorrer a praia do Inglês com você. O sol se punha e a ilha do farol se distinguia entre a bruma. Tudo era como antes: a Casa do Cabo, a baía... , inclusive as ruínas do Cravenmoore sobre o bosque. Tudo menos nós. Éramos um par de velhinhos. Você já não estava para navegar e eu tinha o cabelo tão branco que parecia cinza. Mas estávamos juntos.

Desde aquela noite soube que algum dia, não importava quando, chegaria nosso momento. Que num lugar longínquo, as luzes de setembro se acenderiam para nós e que, esta vez, já não haveria mais sombras no nosso caminho.

Esta vez seria para sempre.

Fim